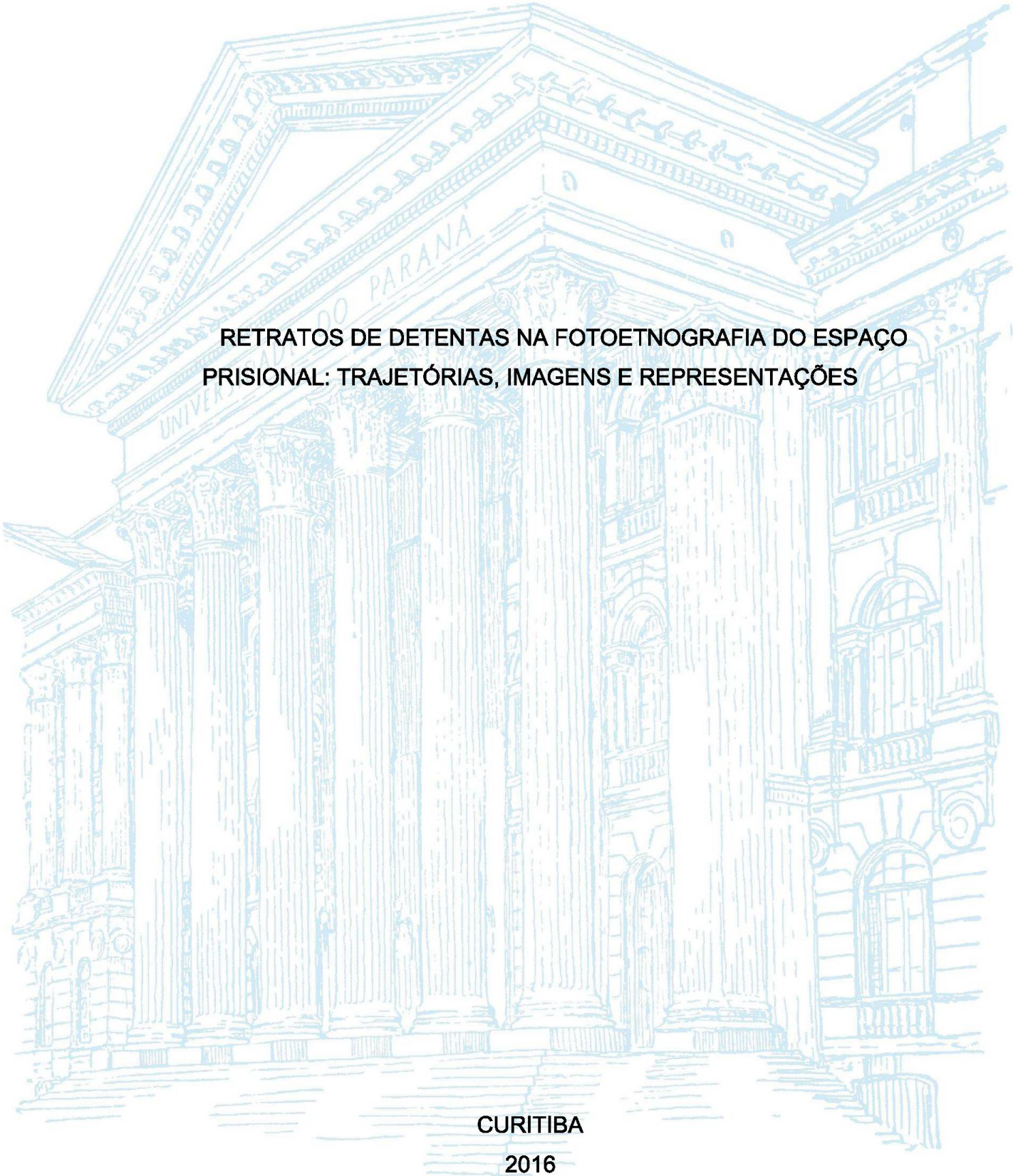
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

IZABEL CRISTINA LIVISKI



RETRATOS DE DETENTAS NA FOTOETNOGRAFIA DO ESPAÇO PRISIONAL: TRAJETÓRIAS, IMAGENS E REPRESENTAÇÕES

CURITIBA

2016

IZABEL CRISTINA LIVISKI

RETRATOS DE DETENTAS NA FOTOETNOGRAFIA DO ESPAÇO PRISIONAL: TRAJETÓRIAS, IMAGENS E REPRESENTAÇÕES

Tese apresentada ao curso de Pós-Graduação em Sociologia, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Rodolfo Bodê de Moraes

Coorientadora: Profa. Dra. Sonia Haracemiv

CURITIBA
2016

FICHA CATALOGRÁFICA

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Liviski, Izabel Cristina
Retratos de detentas na etnografia do espaço prisional: trajetórias, imagens e representações. / Izabel Cristina Liviski. – Curitiba, 2016.
1 recurso on-line : PDF.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia.
Orientador: Prof. Dr. Pedro Rodolfo Bodê de Moraes.
Coorientadora: Profª. Drª. Sonia Haracemiv.

1. Prisioneiras. 2. Psicologia social. 3. Violência nas prisões. I. Moraes, Rodolfo Bodê de, 1960-2021. II. Haracemiv, Sonia Maria Chaves, 1950-. III. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. IV. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanoéla Nogueira Dias CRB-9/1607

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Setor CIÊNCIAS HUMANAS
Programa de Pós Graduação em SOCIOLOGIA
Código CAPES: 40001016032P2

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em SOCIOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Tese de Doutorado de **IZABEL CRISTINA LIVISKI**, intitulada: "**RETRATOS DE DETENTAS NA FOTOETNOGRAFIA DO ESPAÇO PRISIONAL: TRAJETÓRIAS, IMAGENS E REPRESENTAÇÕES**", após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO.

Curitiba, 28 de Abril de 2016.

Prof PEDRO RODOLFO BODÊ DE MORAES (UFPR)
(Presidente da Banca Examinadora)

Prof CLAUDIO DE SA MACHADO JUNIOR (UFPR)

Prof RODRIGO VASCONCELOS MACHADO (UFPR)

Prof SAMARA FEITOSA

Prof VANISSE SIMONE ALVES CORREA (UNESPAR)

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê”

(A. Schopenhauer)

DEDICATÓRIA

(...)Portanto Dele, por Ele e para Ele são todas as coisas. A Ele seja a glória perpetuamente! Amém. (Romanos 11:36)

Este trabalho é dedicado às Detentas do Presídio Central Estadual Feminino (PCEF) que fizeram parte da Oficina de Fotografia no ano de 2015 e 2016, por todo o aprendizado humano que me proporcionaram, pela oportunidade que tive de fazer parte de um momento de suas vidas, codividindo alegrias, tristezas e canecas de café. Deste modo, pude também compartilhar com elas um pouco da minha paixão pela fotografia.

Especialmente dedicado ao querido professor, orientador e, acima de tudo, grande amigo, Pedro Rodolfo Bodê de Moraes (In Memoriam).

AGRADECIMENTOS

São muitas pessoas a agradecer, já que, como todo trabalho, ele não é individual e sim um coletivo de pessoas que ajudaram a construir o texto, o olhar, e todos os minúsculos detalhes de que é feita uma pesquisa de doutorado. Assim, como um "galo sozinho não tece uma manhã", uma doutoranda sozinha não tece uma pesquisa. Alguns autores empregam a metáfora da costura doméstica para o trabalho intelectual, já que as duas atividades requerem habilidades e conhecimentos além da prática ao longo dos anos para tornar possível fazer-se algo satisfatório como uma roupa. É necessário, além de tudo, aprontar agulha e linha, organizar os tecidos, cortar com precisão, tudo com muita paciência e concentração, a fim de levar a bom termo essas delicadas operações. Não é à toa que se usa para o texto acadêmico os termos "costurar ideias", ou dizer que o mesmo "está alinhavado" (Ortiz, 2002, p. 6).

Assim é com um texto que vamos costurando, alinhavando, cortando, recortando, fazendo, desfazendo, refazendo infinitamente com base nos dados empíricos obtidos em campo, assim como em livros e textos teóricos. Mas o trabalho vai muito além disso, ultrapassa essa lida solitária e diuturna, e se inspira nas conversas com amigos em cafés, em mensagens nas redes sociais, na troca de materiais, nos insights que ocorrem após uma discussão acalorada. Correndo o risco de omitir alguns nomes, enumero algumas pessoas que direta ou indiretamente colaboraram para este trabalho.

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, pela minha vida e por me manter em pé e confiante diante das dificuldades.

Aos meus pais Anna e Pedro (in memoriam), pelo legado de sabedoria e refinado senso de humor, sua maior herança.

Ao meu orientador prof. Pedro Bodê (in memorian), pela compreensão, paciência, apoio e pelas diretrizes acadêmicas muito precisas. Também, por me dar suporte quando tudo parecia ruir à minha volta. Jamais vou esquecer da sua importância em um momento crucial vivido na Academia e de sua amizade, que vem dos tempos de graduação em Ciências Sociais. À minha querida coorientadora Sonia Haracemiv, pelo aprendizado teórico e de vida que me proporcionou, pelo exemplo de segurança e positividade em todos os momentos. Agradeço também pela sua amizade. Dois anjos encontrados no deserto...

A todos os componentes da banca de qualificação, pelas suas preciosas contribuições e generosa apreciação do meu trabalho.

Ao prof. Claudio de Sá Machado Jr. (UFPR) e à profa. Luciana Martha Silveira (UTFPR) por me ajudarem a encontrar a cartografia do terreno das imagens e, assim, conseguir enxergar as nuances de cinza entre o preto e o branco absolutos.

Ao prof. Mauro Koury (in memorian), da Universidade Federal da Paraíba, pela troca de informações e ideias, e pela leitura de seus textos que me ajudaram durante todos esses anos em que estive na Academia.

Ao Katiano Miguel Cruz (PGSOCIO) e à dona Irene Sedoski (in memorian) (PPGE), pela sempre amável acolhida e pronto auxílio em várias ocasiões.

Ao diretor do Departamento de Execuções Penais do Estado do Paraná (DEPEN-PR), Dr. Luiz Alberto Cartaxo Moura, e a todos os funcionários que nos ajudaram de diversas maneiras: Glacélia Quadros, Carmen Tedeschi, Joselene Manosso, Vanessa Kokott e Vanessa Cordeiro. Reconhecimento muito especial à ex-diretora da unidade feminina Suely Vieira Santos, e à Assistente Social Juvanira Mendes.

Ao amigo e parceiro de muitas oficinas de fotografia Cadu Silvério, profissional super competente e sensível, sem o qual este trabalho teria sido muito mais árduo, ou quase impossível.

Ao prof. Paulo Ross, do Departamento de Educação, que fez a palestra de abertura da Oficina de Fotografia, e aos outros professores que colaboraram com palestras, vivências e "rodas de conversa".

Aos amigos e irmãos de alma: Vanisse Simone Alves Corrêa e Julio César Ponciano, não tenho palavras suficientes para expressar meu afeto e gratidão por todos esses anos de companheirismo e parceria.

Agradeço à minha família, sobretudo ao meu filho Thiago e minha nora Samara, pelo apoio e incentivo, e por garimparem, inclusive fora do estado, um importante livro utilizado nesta tese. Ao Nestor Teixeira, pelo seu suporte silencioso e tranquilo, como sempre.

À Dra. Isabel Kugler Mendes, presidente do Conselho da Comunidade na Execução Penal, por informações muito importantes para este trabalho.

Agradeço até mesmo às pedras e aos tropeços do meio do caminho, porque me ensinaram coisas significativas para a vida.

EPÍGRAFE

Contranarciso

em mim
eu vejo o outro
e outro
e outro
enfim dezenas
trens passando
vagões cheios de gente
centenas

o outro
que há em mim
é você
você
e você

assim como
eu estou em você
eu estou nele
em nós
e só quando
estamos em nós
estamos em paz
mesmo que estejamos a sós

o p que
no pequeno &
se esconde
eu sei por q

só não sei
onde nem e

sobre a mesa vazia
abro a toalha limpa
a mente tranquila
palavra mais linda

aqui se acaba
a noite mais braba
a que não queria
virar puro dia

somos um outro
um deus, enfim,
está conosco

(Paulo Leminski, Caprichos & Relaxos, 1983)

RESUMO

O presente trabalho tem como principal objetivo refletir sobre as representações das detentas no espaço prisional e a construção de suas identidades no contexto de privação de liberdade, pelas narrativas fotográficas realizadas por elas próprias. Ao realizar a análise de seus registros fotográficos, foi problematizada a relação das imagens com a construção de suas identidades enquanto presidiárias, e também como essas imagens levam a compreender como se desenvolvem as relações de intersubjetividade no cárcere, mediadas ainda pela situação de estigma em que vivem essas mulheres. Uma das hipóteses que se defende é a de que a fotografia, no contexto em que vivem, constrói sentidos próprios, ao narrar, por meio de imagens, o olhar das protagonistas. A metodologia de pesquisa usada foi a objetivação participante e da fotoetnografia. Para tanto, foram realizados encontros com o grupo, que ocorreram durante o período de realização de oficinas de fotografia no Presídio Central Estadual Feminino em Piraquara, no estado do Paraná, durante o ano de 2015. Este trabalho foi espaço de pesquisa e de extensão, com uma iniciação à capacitação profissional em fotografia, certificada pela UFPR, visando o atendimento à remição de pena para as detentas. Uma das conclusões é que, no ato fotográfico, elas constroem um modo de ver as coisas e narram, especialmente, como querem que as coisas sejam vistas. Quando colocadas em movimento, em relação, muitas imagens contrastam dialeticamente com suas histórias de vida e o contexto na qual elas são produzidas, ou seja, o cárcere.

Palavras-chave: Representações; Intersubjetividade; Estigma; Fotoetnografia; Espaço Prisional.

ABSTRACT

The main objective of this work is to reflect on the representations of the inmates of the prison space and the construction of their identities in the context of deprivation of liberty, through the photographic narratives made by the inmates themselves. By analyzing their photographic records, the relationship between the images and the construction of their identities as prisoners was problematized, and how these images lead to an understanding of how intersubjective relations develop in prison, also mediated by the situation of stigma in which these women live. One of the hypotheses defended is that photography, in the context in which they live, constructs its own meanings, by narrating, through images, the gaze of the protagonists. The research methodology was participant objectification and photoethnography. To this end, meetings were held with the group, which took place during the period of photography workshops with the inmates of the Presídio Central Estadual Feminino in Piraquara, in the state of Paraná, during the year 2015. This work was a space for research and extension, with an initiation to professional training in photography, certified by UFPR, aiming to meet the remission of sentence for inmates. The conclusion is that, in the photographic act, they build a way of seeing things and narrate, especially, how they want things to be seen. When set in motion (in relation), many images contrast dialectically with their life stories and the context in which they are produced, that is, prison.

Keywords: Representations; Intersubjectivity; Stigma; Photoethnography; Prison Space.

RÉSUMÉ

Le présent travail a comme objet d'étude un groupe d'incarcérées. Son objectif premier, c'est de faire réfléchir sur les représentations de l'espace carcéral et sur la construction de l'identité de ces femmes en question dans le cadre de privation de liberté, par le biais de narratives photographiques réalisées parles prisonnières elles mêmes. En réalisant l'analyse de leurs registres photographiques, il est mis en cause la problématique de la relation des images avec la construction de leurs identités en tant que détenues, et aussi comment ces images mènent à comprendre de quel mode se développent les relations d'intersubjectivité dans la prison, intensifiées par la situation de stigmatisation où vivent ces incarcérées. L'une des hypothèses défendues, c'est que la photographie, dans le milieu où vivent ces femmes, construit des sens propres, en narrant par le moyen des images, le regard de leurs protagonistes. Dans l'acte photographique, elles construisent une manière de voir les choses et narrent spécialement comment elles veulent que les choses soient vues. Lorsqu'elles sont mises en mouvement (en relation), plusieurs images contrastent dialectiquement avec leurs histoires de vie et le cadre dans lequel elles sont produites, c'est-à-dire, la prison. Pour parvenir à ces conclusions, on s'est servi des méthodologies d'objectivation participante et de la photo-ethnographie. Les rencontres avec le groupe ont eu lieu pendant la période de réalisation d'un atelier de photographie pour les internes du Presídio Central Estadual Feminino à Piraquara (Pénitentiaire Centrale Féminine de l'État) dans l'état du Paraná, au cours de l'année 2015. Ce cours a abouti à une initiation à la capacitation professionnelle en photographie agrée par l'UFPR, ainsi que la rémission pénale en faveur des détenues.

Mots-clés: Représentations; Intesubjectivité; Stigmatisation; Photo-ethnographie; Espace Carcéral.

LISTA DE FIGURAS

Foto 1 - Portfólio “O poder de Deus na Natureza” 16
Foto 2 - Exercício fotográfico ao ar livre 26
Foto 3 - Portfólio "Detalhes do meu cotidiano" 38
Foto 4 - Bailarina norte americana Florence Noyes, fotografada por Frances B. Johnston 48
Foto 5 - Frances B. Johnston – Autorretrato (A Nova Mulher, 1896) 49
Foto 6 - Cigarro Doce (Candy Cigarette), Sally Mann, 1987 51
Foto 7 - Ata Kandó, fotografada por Sacha de Boer (2013) 52
Foto 8 - Varal de imagens sendo analisado pelas internas 56
Foto 9 - Varal de imagens, utilizado para a atividade “A alma das coisas” 56
Foto 10 – Observação de todas as imagens, que, em seu conjunto, formam uma narrativa 57
Foto 11 - Atividade sendo desenvolvida no jardim do Presídio 57
Foto 12- Portfólio “Onde os sonhos se perdem” 58
Foto 13 - Rafaela - Portfólio “Retratos” 65
Foto 14 - Júnior - Portfólio “Olhos são janelas da alma” 68
Foto 15 - Nicoly - Portfólio “Retratos” 75
Foto 16 - Alana - Portfólio “Retratos” 80
Foto 17 - Celeste - Portfólio “Retratos” 82
Foto 18 - Érica - Portfólio “Retratos” 85
Foto 19 - Isabela - Portfólio “Retratos” 87
Foto 20 - Vitória - Portfólio “Retratos” 91
Foto 21 - Vanessa - Portfólio “Retratos” 94
Foto 22 - Eduarda - Portfólio “Retratos” 97
Foto 23 - Sofia - Portfólio “Retratos” 98
Foto 24 - Portfólio “Detalhes do meu cotidiano” 104
Foto 25 - Portfólio “Expressões através das Tatuagens” 110
Foto 26 - Portfólio “Olhos são as janelas da alma” 111
Foto 27 - Portfólio “Balanço dos cabelos sob as lentes” 113
Foto 28 - Portfólio “Bocas” 114
Foto 29 - Portfólio “O poder de Deus na Natureza” 115
Foto 30 - Portfólio “Detalhes do meu cotidiano” 117

Foto 31 - Portfólio “Aonde os sonhos se perdem” 118
Foto 32 - Portfólio “Luz e Sombra” 121
Foto 33 - Portfólio “Vivian Maier...uma Releitura” 122
Foto 34 - Portfólio “Portraits” 124
Foto 35 - Portfólio: “O balanço dos cabelos sob as lentes” 129
Foto 36 - Exercício livre de fotografia 138

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 16
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 26
2.1 EM BUSCA DE PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 27
2.2 O USO DA FOTOETNOGRAFIA COMO FERRAMENTA DE PESQUISA SOCIAL 31
2.3 A PESQUISA DE CAMPO: O ESPAÇO PRISIONAL 35
3 DESENVOLVENDO A PROPOSTA DE TRABALHO: FORMAS DE INTERAÇÃO 38
3.1 A ENTRADA EM CAMPO 39
3.2 OS SONHOS DAS "SEBASTIANAS DOCES" 42
3.3 AUTORRETRATOS E VISÕES DE MUNDO 43
3.4 ALFABETIZAÇÃO VISUAL: A CONSTRUÇÃO DO OLHAR 46
3.5 RODAS DE CONVERSA 55
4 TRAJETÓRIAS, RETRATOS E AUTO-FICÇÃO: REVELANDO IDENTIDADES . 58
4.1 EM BUSCA DE DEFINIÇÕES 58
4.2 TRAJETÓRIAS DE VIDA 65
4.2.1 Rafaela 65
4.2.2 Junior - 68
4.2.3 Nicoly 75
4.2.4 Alana 79
4.2.5 Celeste 81
4.2.6 Érica 85
4.2.7 Isabela 86
4.2.8 Vitória 91
4.2.9 Vanessa 93
4.2.10 Eduarda 96
4.2.11 Sofia 98
4.3 *OUTSIDERS* E DESVIANTES 99
4.4 O RETRATO E SUAS CONTRADIÇÕES 100
5 AUTORREPRESENTAÇÕES, INTERSUBJETIVIDADES E IMAGENS DO ESPAÇO PRISIONAL: EMERGINDO SENSIBILIDADES 104
5.1 OLHARES PRISIONEIROS 104
5.2 PORTFÓLIOS: CATEGORIZAÇÃO E IMAGENS 108

5.2.1 Autorrepresentação 108
5.2.2 Representações do Espaço Prisional 115
5.2.3 Performances e Intersubjetividades 120
5.3 IDENTIDADE E CRIMINALIDADE FEMININA 125
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 129
REFERÊNCIAS 139
ANEXO I 145
ANEXO II 146
ANEXO III 147

1 INTRODUÇÃO

> Negando as virtudes do mundo de vocês, os criminosos desesperadamente aceitam organizar um universo proibido. Aceitam viver nele. O seu ar é nauseabundo: eles sabem respirá-lo. Mas – os criminosos estão longe de vocês – como no amor eles se afastam e me afastam do mundo e das suas leis (Genet, 2005, p.16).

Foto 1 - Portfólio “O poder de Deus na Natureza”



Fonte: acervo pessoal da autora (2015).

A escolha do tema do presente trabalho não foi imediata e até chegar a ele foi percorrido um longo caminho, porém, ao fim e ao cabo, mostrou-se a escolha mais acertada. Havia outros temas prioritariamente escolhidos, mas que, em função das circunstâncias, foram sendo modificados e adaptados até chegar ao âmago daquilo que eu pretendia realmente trabalhar.

Há um ditado que propugna “que se pode fugir de qualquer coisa, menos de si mesmo”. Assim, na vida acadêmica, jamais consegui me desligar da trajetória percorrida na fotografia, da qual participei desde o “chão de fábrica” – nas pautas diárias do Jornal Gazeta do Povo como fotojornalista, “cobrindo” todo tipo de evento como invasões de sem-terra, protestos de moradores, passeatas e apresentação de traficantes à imprensa nas delegacias –, e que me proporcionou um doloroso, devido principalmente às condições insalubres de trabalho, porém importante, aprendizado.

Também participei da "redoma de vidro" no período de quase dez anos em que fui fotógrafa exclusiva no suplemento feminino Viver Bem do mesmo jornal, onde as pautas consistiam em desfiles e produções de moda, vernissages artísticas, degustação de vinhos e pratos gourmet, além de inovações na decoração e arquitetura.

Posso dizer que vivi o céu e o inferno no fotojornalismo: a consagração que me rendeu homenagens como Pioneira na Comunicação (a primeira mulher a ser admitida como fotógrafa no jornal), e uma bolsa para a Polônia em 1994, concedida pelo Consulado da República da Polônia em Curitiba – em convênio com o Ministério do Exterior e Cultura daquele país – para artistas e intelectuais descendentes de poloneses que se destacam em alguma área fora da Polônia. Essa viagem a cidades polonesas resultou em um ensaio fotográfico e a exposição "Alma Polaca", um reencontro com minhas raízes ancestrais e uma fotoetnografia do país dos meus avós.

Assim, a temática desta pesquisa não poderia ser outra a não ser um tema relacionado às imagens, mas não somente. A ideia inicial era trabalhar com as imagens em um contexto de "fato social", fazendo uso das imagens para mostrar uma realidade, ou um aspecto da realidade social, mas com um olhar diferenciado.

Durkheim afirmava ser necessário livrar-se de preconceitos, ou de paixões sobre os fenômenos, porque só assim o sociólogo seria capaz de fazer a verdadeira observação e buscar a exterioridade e a objetividade dos fatos sociais. No entanto, outros cientistas sociais, mesmo reverenciando um dos "pais fundadores" da Sociologia e seu trabalho basilar, afirmaram a quase impossibilidade de separar-se inteiramente do *habitus* que desenvolvemos ao longo dos anos. Fazer um trabalho isento, neutro e incontaminado pelos sentimentos, apesar da contínua vigilância epistemológica, exige um esforço hercúleo, e eu nem mesmo tentei. Sinto-me na incapacidade de abraçar qualquer trabalho ou tarefa se não estiver apaixonada pelo seu conteúdo. E assim é com esta pesquisa, acreditando como Bernard Lahire que "A sociologia, da forma como a vejo e imagino, pode nos ajudar a progredir no conhecimento de nós mesmos e dos outros" (2004, p. XIII).

No desenrolar da pesquisa, e mais especificamente nas entrevistas com as detentas do presídio feminino, uma problematização veio à tona fortemente: o que levou, ou melhor, quais os motivos e circunstâncias que levaram essas mulheres ao chamado mundo do crime?

Algumas dessas presidiárias revelaram de maneira explícita ou sutil uma atração por esse mundo, uma estranha excitação pelo perigo, pela adrenalina que andar sobre o fio da navalha provoca. As vantagens, recompensas materiais advindas do crime, a hierarquia que se adivinha nas relações entre elas, com origem no lugar que ocuparam ou ainda ocupam nas atividades criminosas e um certo glamour em levar "uma vida bandida", estão presentes nos depoimentos, mas não explicavam satisfatoriamente a pergunta.

Esta constatação me acompanhou por vários meses, suscitando algumas questões de outra natureza, pois razões para estar em um presídio potencialmente não faltam à maioria das pessoas, e o que separa a vida intramuros da chamada "vida em sociedade", é uma linha muito tênue. Pensando sobre isso, comecei a lembrar que quando tinha quatorze ou quinze anos, após ter lido tudo que encontrei de Monteiro Lobato e de Érico Veríssimo na biblioteca do Colégio Estadual do Paraná, onde fiz minha formação básica, descobri lá mesmo a obra do escritor Jean Genet[1] (1910-1986), que comecei a ler vorazmente.

O primeiro livro foi O Diário de um Ladrão, misto de memórias e de ficção, seguindo-se de Pompas Fúnebres. Algum tempo depois, em 1981, assisti a uma montagem teatral da peça As Criadas, realizada pelo diretor paranaense Oraci Gemba (1934-1994), no pequeno auditório do teatro Guaíra. Ainda nos anos 80, assisti ao filme Querelle, adaptação do romance de Genet para o cinema, do diretor Werner Fassbinder, mas, então, já era curiosidade intelectual, diferente do período da descoberta dos livros daquele autor, na fase da adolescência.

Qual a relação entre esses fatos? Ocorre que naquele momento em que lia Genet, no auge da adolescência e, portanto, na idade em que se convencionou a chamar de fase da rebeldia (na verdade, quando se está em busca de modelos alternativos de comportamento), me identifiquei de maneira imediata com o autor. Se ele odiava todos os valores burgueses, desprezava o status quo, e escolhera

---

[1] Jean Genet foi o autor maldito por excelência da primeira metade do século XX. Nascido de pai desconhecido, abandonado pela mãe aos sete meses, criado no orfanato, homossexual declarado numa época em que opções sexuais eram ocultas. Fez todo tipo de biscates, passou pelo reformatório e acabou preso, por roubos e crimes. Chegou ao sucesso graças ao seu gênio literário, que chamou a atenção de Jean Cocteau e muitos outros intelectuais franceses, despertando intensa admiração por sua poesia, peças de teatro e romances. Jean-Paul Sartre ficou tão impressionado com as circunstâncias e o talento avassalador de Genet, que escreveu um ensaio de 500 páginas a seu respeito, intitulado "São Genet, ator e mártir", publicado em 1952 (http://revistapiaui.estadao.com.br/questoes-manuscritas/o-testamento-de-jean-genet/).

livremente ir contra eles e todos os princípios que regiam a sociedade "de bem", era alguém a se admirar – me pareceu à época.

Ele era um *outsider* autêntico, pois optara conscientemente por uma ética ao avesso. Então eu também procuraria, à minha maneira, ir "contra a corrente", e durante algum tempo cultivei esse mito, esse fascínio pela transgressão, pela marginalidade, admirando, como na letra de Chico Buarque, os "bandidos e desvalidos", com Genet no alto do meu panteão de anti-heróis da juventude. Ainda que, a bem da verdade, tal fascínio nunca passou de uma adesão platônica a qualquer projeto de vida tão radicalmente alternativo.

Essa sedução pela vida marginal e no seu limite, a fascinação pelo grande criminoso perpassa alguns estudos psicanalíticos, a ponto de se dizer que somos todos delinquentes ou pelo menos suspeitos de o sermos, já que em nossa subjetividade mais profunda e em nossos sonhos em particular, somos todos imorais. Analiticamente, o imoral é uma parte de nosso ser. Não existe em nós somente a "honra", mas também o "horror", é o que a psicanálise agregou à ideia do ser humano. A interpretação dos sonhos proposta por Freud (1925) modificou a ideia que tínhamos sobre nós mesmos – ele escreve todo um capítulo de sua obra a respeito da responsabilidade moral pelo conteúdo dos sonhos, alegando que a psicanálise mostrou que essa parte desconhecida, o inconsciente recalcado, que está dentro de nós, está em continuidade com o nosso 'eu' (Miller, 2008).

Visto de outra forma, também o sentimento de culpa, seja ele expurgado conscientemente pela realização do crime ou pela confissão, identifica o quão criminosos somos inconscientemente, de certa forma isso explica:

> [...] em parte, o "fascínio" que temos pelo crime e pelo criminoso: de certa forma, o criminoso realiza nossos desejos reprimidos. [...] Mas o espetáculo da condenação, e principalmente da execução, faz eclodir o paradoxo desse fascínio: o ato legal de matar. O Estado que mata, no caso do cumprimento de pena de morte, também é aplaudido na praça pública da história, da mesma maneira que as penitenciárias fétidas e os sanguinolentos jornais e programas de TV com máxima audiência (Souza, 2015, p. 21).

O imaginário social e as Artes também foram inundados a partir da modernidade, pelas representações de "mocinhos e bandidos", e aqui não seria o espaço para entrar nessa seara, apenas ressaltar as mudanças ocorridas na literatura, notadas por Focault a partir do desaparecimento dos folhetins e o

surgimento de uma nova literatura no século XX, retratando certa elitização do crime:

> [...] à medida que se desenvolveu uma literatura do crime totalmente diferente: uma literatura em que o crime é glorificado, mas porque é uma das belas-artes, porque só pode ser obra de seres de exceção, porque revela a monstruosidade dos fortes e dos poderosos, porque a perversidade é ainda uma maneira de ser privilegiado (...) há toda uma reescrita estética do crime, que é também a apropriação da criminalidade sob formas aceitáveis. É aparentemente a descoberta da beleza e da grandeza do crime; na realidade é a afirmação de que a grandeza também tem direito ao crime e se torna mesmo privilégio dos que são realmente grandes. Os belos assassinatos não são para os pobres coitados da ilegalidade (Foucault, 1997, p. 56).

Dito isso, a escolha do tema da presente pesquisa surgiu a partir de vários questionamentos de natureza científica, e também subjetiva. Não é certo se conseguirei responder a todas, mas como é um pressuposto da ciência social de que o "importante é perguntar", muitas vezes em detrimento das respostas que se possa obter, uma série de perguntas foram surgindo, quando da escolha do tema abordado e também ao longo da tomada de contato com o "campo", nas idas semanais à Penitenciária de Piraquara, no contato com as detentas, ouvindo, eventualmente gravando, mas principalmente observando e escrevendo aquilo que elas expressavam a cada momento, instigadas pelas propostas que eram apresentadas por nós, professores.

Muito se tem escrito atualmente sobre a mulher presidiária: livros, artigos e teses. Assim, consultei vários trabalhos, como o de Valéria Maria C. Lins (2015), *Mulheres encarceradas, vínculos e relacionamentos: Articulações com dispositivos de saber e poder*, no qual a autora toma como objeto de estudo o Presídio Feminino de Recife, buscando entender os vínculos afetivos e os relacionamentos sob as estratégias de vigilância da instituição; também, o livro *Aprisionadas*, de Aparecida Varela Silva (2014), relata histórias de mulheres que, embora tendo cometido crimes violentos, foram de alguma forma sempre vítimas de violações físicas, jurídicas e morais.

A obra *Cadeia* de Débora Diniz (2015) relata o que a autora viu e ouviu durante seis meses de convivência com aproximadamente setecentas mulheres presidiárias no Distrito Federal. Também, na tese de Edjane Esmerina da Silva (2012), intitulada *A (des) construção social de identidades de mulheres no mundo do crime: estigmas, negociações e diferenças*, a autora defende a hipótese de que o

aumento de mulheres no mundo do crime tem relação, entre outros fatores, com as identidades de gênero inscritas na dualidade da mulher, como vítima e agressora.

Muitos textos ainda foram produzidos nas áreas de psicologia, educação direito e linguística, como a dissertação de Érica Patricia de Oliveira (2008), *Mulheres em conflito com a lei: Representações sociais, identidades de gênero e letramento*, na qual a autora pesquisa as possibilidades da escrita na reinserção social dessas mulheres. *Presos que Menstruam*, de Nana Queiroz (2013), descreve a vida nos cárceres brasileiros, onde a mulher recebe o mesmo tratamento dado aos homens, independente das especificidades de sua condição biológica.

Há ainda outros trabalhos, como o de Maria Auxiliadora César (1995), *Exílio de vida, o cotidiano de mulheres presidiárias*, em que as categorias de criminalidade e exclusão social são o pano de fundo para a análise da relação entre poder e dependência no contexto prisional. O trabalho de Fernanda de Magalhães Frinhani e Lidio de Souza (2005), *Mulheres encarceradas e espaço prisional: uma análise de representações sociais*, traça um perfil psicológico de mulheres em privação de liberdade. *Prisioneiras: vida e violência atrás das grades*, de Barbara Musumeci Soares e Iara Ilgenfritz (2002), este um clássico, apresenta o percurso da instituição "prisão feminina" no Brasil. Na obra *A quem o assassino mata?*, de Silvia E. Tendlarz e Carlos D. Garcia (2013), existem esclarecimentos com base na criminologia e na psicanálise para as razões dos delitos cometidos por algumas das nossas interlocutoras.

Todavia, a presente pesquisa não comportava aprofundamentos mais específicos que fugiriam do tema em questão. Então, estes foram alguns entre todos os trabalhos lidos e revisitados. Contudo, não encontrei trabalhos que vinculassem o tema com a questão das representações imagéticas realizadas pelas próprias presidiárias.

Existem trabalhos de fotógrafos que registraram presidiárias, como o excepcional ensaio de Adriana Lestido (2007), *Mujeres Presas*, no qual a fotógrafa argentina traça uma narrativa imagética enfocando, sobretudo, a problemática de classe entre presidiárias em Buenos Aires. São imagens dramáticas em preto e branco, mostrando rostos sombrios de mulheres que refletem a realidade dos presídios, que é a mesma em quase toda a parte: um ambiente hostil, decadente, sujo e miserável.

Porém, a inspiração para a pesquisa veio de um trabalho que não estava diretamente ligado à minha temática, aconteceu como um insight ao encontrar a pesquisa de Luiz Carlos Jeolás (2009): *Vendo (o) corpo, Vendo (a) imagem: a autorrepresentação fotográfica de mulheres e travestis profissionais do sexo do Jardim Itatinga, Campinas.* Embora com um enfoque totalmente diferente, e voltado para a área de Artes Visuais, o autor tinha o objetivo de mostrar que a prática fotográfica apresenta marcas de gênero e que a ingerência da técnica fotográfica acabava por favorecer suas representações. O autor também forneceu às suas "colaboradoras da pesquisa" noções sobre a técnica e o instrumental fotográfico para a obtenção das imagens. Foi este o trabalho que me deu a consciência de que se poderia promover o protagonismo visual, invertendo o sentido habitual do fotógrafo - "dono do olhar", dos bens materiais e simbólicos - e de seus fotografados, passivos ante a câmera, prestando-se a ser objeto de representação, apenas, sem direito a voz, e principalmente sem direito a dizer do seu olhar.

Procurou-se então, neste trabalho, dar voz e visibilidade ao olhar das presas, nossas interlocutoras e protagonistas principais. Porém, o corpus fotográfico, resultante da oficina de fotografia realizado na unidade feminina do complexo penal de Piraquara, passou por uma censura muito severa. O acervo de mais de 2.500 fotos precisou aguardar um longo tempo e foi crivado de restrições a fim de que pudesse vir a público, mesmo para uso restrito, como é o caso desta tese. Os critérios de interdição foram: não mostrar a estrutura física dos prédios como medida de segurança do presídio, não mostrar os rostos das presidiárias, a fim de preservar suas identidades, e não mostrar as condições físicas deterioradas do presídio.

A estruturação do presente trabalho está baseada no tripé: Interações, Identidades e Sensibilidades. O primeiro capítulo trata das opções metodológicas e dos fundamentes teóricos escolhidos para a pesquisa.

No segundo capítulo, são descritas a proposta de trabalho e as ferramentas que foram empregadas para se obter a interação entre os pesquisadores e o grupo estudado, começando com os instrumentos de coleta de dados, visando a obtenção de conteúdos que possibilitassem traçar o perfil socioeducacional e criminal das detentas. Em seguida, procederam-se as entrevistas semiestruturadas, com vistas a um conhecimento das trajetórias de vida que forjaram a identidade de cada uma. Também foram desenvolvidas dinâmicas de grupo, como momento de intervenção, visando a instrumentalização, subsídios teóricos e práticos na aprendizagem de

fotografar, oportunizando as interpretações de imagens e textos, fase denominada de Alfabetização Visual, como também as práticas das chamadas "Rodas de Conversa", no sentido de desenvolver as inter-relações e respeito no modo de ver e falar do mundo de cada uma.

O terceiro capítulo começa a desvelar as identidades, tratando especificamente das entrevistas e análises do que foi coletado em campo, através dos diálogos com cada detenta e seus depoimentos, grupo com o qual se iniciou o trabalho em dezembro de 2014, alguns dias antes do Natal, para tentar traçar um primeiro retrato sócio-foto-biográfico. Uma das questões investigadas foi acerca de quais fatores e circunstâncias levaram essas mulheres a cometerem delitos pelos quais foram penalizadas, e de que maneira se constroem suas identidades no espaço prisional, rupturas, se é que houveram em suas trajetórias de vida, que as levaram ao "mundo do crime".

No quarto capítulo, são tratadas as sensibilidades expressas pelas detentas através da fotografia – seja em suas autorrepresentações, nas representações do espaço prisional ou na manifestação de suas intersubjetividades. Assim, a oficina de fotografia, que se disponibilizou às presas para a tomada de imagens, foi também uma forma de coletar material empírico para esta pesquisa.

No decorrer da escrita desta introdução, me ocorreu a ideia de ir até a biblioteca do Colégio Estadual do Paraná procurar o livro O diário de um ladrão, de Genet, a que fiz referência no início. Então, retornei ao local onde passei vários anos da minha vida – a maior parte deles, felizes. Porém, encontrei um colégio diferente daquele que eu conhecia, agora cheio de grades, portões, trancas e cadeados, lembrando muito o presídio – o que me recordou da indagação de Foucault: "Devemos ainda nos admirar que a prisão se pareça com as fábricas, com as escolas, com os quartéis, com os hospitais, e todos se pareçam com as prisões?" (1997, p. 187).

Para ter acesso, tive de apresentar documento de identidade e assinar uma ficha na portaria, além de explicar detalhadamente o que pretendia fazer lá para a recepcionista, que me observava com um olhar austero e desconfiado. O que aconteceu foi extremamente prosaico: o bibliotecário checou o acervo do colégio no computador, encontrou somente uma obra do autor, e não era a que eu procurava. Gostaria de falar da emoção de encontrar o mesmo livro, aquele que havia lido na adolescência, folhear, ler, cheirar esse livro, mas creio que esta cena é apenas a

lembrança de um filme que assisti. Ao ver minha decepção estampada, o bibliotecário disse que muitas obras haviam sido doadas a outras instituições do estado. Sair do colégio foi ainda mais difícil, pois me perdi pelos labirintos, portas e muitas grades.

Fui encontrar o diário na Biblioteca Pública do Paraná, em uma edição de 2005, com apresentação de Ruth Escobar, que hospedou Jean Genet em sua casa em 1970, em São Paulo, por ocasião da produção de uma peça de sua autoria, e a introdução era de Jean-Paul Sartre, mas o conteúdo era o mesmo, lírico e contundente. Escobar fala dessa vivência com o escritor quando esteve no Brasil, e a influência profunda que teve em seu trabalho teatral e em sua vida:

> Jean me inoculou a angústia eterna dos que vivem nas trevas e no limite da vida, a angústia dos delinquentes por falta de amor. Ele me ensinou a ternura pagã pelos criminosos, pelos marginais, pelos anatematizados. Durante anos tentei entender esse outro mundo levando meus espetáculos para trás das barras, até enfiar-me num projeto de ressocialização e humanismo dentro da Penitenciária do Estado. Quando me faltavam forças pensava em Genet, em sua história de amor e maldição (Escobar *apud* Genet, 2005, p.10).

Ao escrever essa introdução, mergulhando em minhas próprias memórias, penso que a razão foi tão-somente para elaborar uma linha de coerência, um fio condutor, ou talvez para entender o motivo de perseguir tenazmente o objetivo de desenvolver este tema, já que foram enormes as dificuldades e obstáculos que se apresentaram no processo todo de sua elaboração. Pode-se mesmo dizer que esta pesquisa é permeada de paixão e compaixão em todas as suas fases: paixão pelo tema e pelo trabalho que estava realizando no presídio e compaixão para com as pessoas que encontrava nas idas ao Complexo Penal, mas não somente as presidiárias, mas também as famílias dos presos[2] – aquelas visitas que vinham de longe com sacolas e crianças, e não conseguiam permissão para entrar naquele dia. Além desses, por que não pelos próprios funcionários? A maioria deles atenciosa e solícita conosco.

Houve dias, até meses, mais difíceis, em que muitas vezes precisávamos esperar os trâmites burocráticos para ir adiante, e suportar todos os impedimentos

---

[2] A tese de Samara Feitosa (2013), *Álbum de Retratos: Recortes sobre as experiências de famílias de presos,* é um estudo aprofundado sobre a relação de presidiários e suas famílias, no contexto do sistema prisional.

institucionais e humanos. Um dos problemas que tivemos de enfrentar foi a falta de equipamentos fotográficos para o uso das detentas, uma questão fundamental, mas o projeto não possuía fomentos que pudessem contemplar esses recursos. Tivemos que fazer uso de material emprestado e dos nossos próprios equipamentos profissionais. Mas também houve aqueles momentos prazerosos no diálogo com as presas, ao perceber sua evolução na arte fotográfica, os resultados gratificantes, momentos em que tudo parecia perfeito, e nossas metas alcançadas.

Por fim, encontrar aquele livro da adolescência, foi como encontrar-me e referenciar-me. Com isso, acertei as contas com o passado. Porque ao fim e ao cabo, superando tudo, todos e principalmente a mim mesma, o presente tema foi aquele que acabou vigorando e chegando ao desafio final. Creio que tudo valeu a pena e esta introdução talvez não explique muita coisa, talvez tenha sido escrita simplesmente para exorcizar meus fantasmas da juventude, e, assim sendo, eu os liberto para que vão em paz...

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

> ...Ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem forrar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo relativo. Verbo que pede um objeto direto – alguma coisa – e um objeto indireto – a alguém (Freire, 2002, p. 58).

Foto 2 - Exercício fotográfico ao ar livre



Fonte: acervo pessoal da autora (2015).

Uma das questões que se apresentou desde o início do trabalho era a de quais ferramentas teórico-metodológicas se apropriar para a realização de uma pesquisa empírica coerente, a fim de se chegar a conclusões realmente satisfatórias, do ponto de vista das ciências sociais. Vejamos, então, como se deu tal processo.

2.1 EM BUSCA DE PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A etnografia, método clássico da Antropologia, oferece recursos de excelência para a realização de uma pesquisa como esta. Em primeiro lugar, porque parte do princípio de que a etnografia é uma forma de estudar o Outro, como uma Alteridade, mas justamente para o melhor conhecimento do Outro. Para isso, a observação consiste em olhar o Outro para conhecê-lo, o que possibilita também um maior conhecimento de nós mesmos (Rocha; Eckert, 2006).

Herdeira direta dessa vertente, a Fotoetnografia é um termo criado e utilizado por Luiz Eduardo R. Achutti (1997) em sua dissertação de Mestrado em Antropologia Social, na qual o autor propõe uma narrativa fotográfica autônoma do texto escrito para falar sobre o cotidiano de mulheres trabalhadoras em um galpão de reciclagem de lixo em Porto Alegre. Publicou a pesquisa em formato de livro, sendo possível escolher a entrada de leitura, se pelo texto ou diretamente pelas imagens, promovendo, assim, a igualdade de estatuto entre imagem e palavra escrita, e a possibilidade de uma "escrita fotográfica".

Achutti (1997) apresenta uma importante ferramenta metodológica, assegurando a ênfase no uso da fotografia como uma narrativa imagética capaz de preservar o dado objetivo e convergir para o leitor uma informação cultural a respeito do grupo estudado, ou uma forma de narrativa etnográfica através da fotografia. Assim, essa abordagem é utilizada neste trabalho, com as devidas adaptações do método, mas tendo sempre a fotografia como principal instrumento de condução da pesquisa.

O trabalho fotoetnográfico segue os parâmetros da Antropologia Visual, propiciando ao pesquisador traçar um perfil etnológico do grupo estudado através dos critérios de análise e interpretação adotados por essa linha de pesquisa. Segue-se daí a importância do conhecimento que o fotógrafo venha a ter da teoria social, e também no sentido inverso, do pesquisador sobre as técnicas fotográficas, a fim de se evitar distorções na pesquisa, pois "a fotografia é um processo de abstração, embora seja em si um processo vital para a análise. Assim, quando fotografamos, devemos nos considerar empenhados num trabalho de sutilezas" (Collier Junior, 1973 *apud* Boni; Moreschi, 2007).

Importante notar que a Fotografia e a Sociologia, enquanto fenômenos da modernidade, surgiram na mesma época, tendo origens quase simultâneas: a

Sociologia em 1844, com o "*Discours sur L'esprit Positif*" de Augusto Comte, e a Fotografia em 1839 com Daguerre, em uma exposição pública com a fixação de imagens em uma placa metálica. A partir daí, ambas tomam percursos diferentes, mas, cada uma, a sua maneira, buscando legitimidade em seus campos respectivos. A Sociologia vai preocupar-se com a elaboração de grandes teorias, apoiada em metodologias semelhantes às das ciências naturais, a fim de institucionalizar-se como ciência positiva (Ferro, 2005).

A Fotografia por outro lado, vai buscar o reconhecimento no campo da arte, já que muitos dos fotógrafos pioneiros eram pintores que não tiveram aceitação nos salões da época, e buscaram na fotografia um meio capaz de consagrá-los como artistas. Porém, o estatuto da fotografia como arte foi objeto de muitas polêmicas, até o seu reconhecimento final. Foi vista durante muito tempo como "reprodução direta do real" (Ferro, 2005, p. 374), como um processo meramente mecânico, ou banalizado pelo fato de qualquer indivíduo poder tirar fotografias, portanto descaracterizada de sua "aura" e de seu caráter elitizado.

Novaes (2012) enfatiza a ideia de que não se pode relegar a imagem a um segundo plano nas análises dos fenômenos sociais e culturais, já que:

> [...] um dos objetivos mais caros da Antropologia sempre foi o de contribuir para uma melhor comunicação intercultural. Nesse sentido, o uso de imagens, muito mais do que de palavras, contribui para essa meta, ao permitir captar e transmitir o que é imediatamente transmissível no plano linguístico. Certos fenômenos, embora implícitos na lógica da cultura, só podem explicitar no plano das formas sensíveis o seu significado mais profundo (Novaes, 2012, p. 116).

As fotografias, pelo seu caráter polissêmico, funcionam como fragmentos da realidade que podem ser encadeados e interpretados de acordo com interesses e subjetividades. Para Kossoy (1999), a fotografia deve ser compreendida como informação imagética, e da mesma forma como outros documentos, de acordo com seu contexto histórico, social, político, econômico e artístico:

> [...] desde o seu surgimento e ao longo da sua trajetória, até os nossos dias a fotografia tem sido aceita e utilizada como prova definitiva, "testemunho da verdade" do fato ou dos fatos. Graças a sua natureza fisicoquímica – e hoje eletrônica – de registrar aspectos (selecionados) do real, tal como estes de fato se parecem, a fotografia ganhou elevado *status* de credibilidade. Se, por um lado, ela tem valor incontestável por proporcionar continuamente a todos, em todo o mundo, fragmentos visuais que informam das múltiplas atividades do homem e de sua ação sobre os outros homens

> e sobre a Natureza, por outro, ela sempre se prestou e sempre se prestará aos mais diferentes e interesseiros usos dirigidos (Kossoy, 1999, p. 19).

A apropriação que se faz aqui da Fotoetnografia parte da ideia de trabalhar com registros fotográficos no espaço prisional, e de não somente realizar uma *descrição densa* utilizando as palavras escritas, mas também, e principalmente, de se utilizar das imagens fotográficas, porque são estas que melhor conduzem a pensar, seguindo o procedimento já testado pioneiramente por Achutti (1997; 2004). Este autor primeiramente estabelece um diálogo com a metodologia utilizada pela antropologia visual, e busca semelhanças e diferenças na utilização de imagens que contribuem para a construção do saber antropológico. Ao fazer isso, busca ressaltar o potencial narrativo das imagens fotográficas utilizadas sob a forma de "narrações visuais", uma "construção do sentido graças à imagem; isso para tornar-se um meio de restituição, outra forma de narrar nosso olhar sobre o Outro". Essas narrações visuais, por sua vez, possibilitam uma leitura completa, pois carregam um sentido coerente por trabalharem com conjuntos e sequências ou associações de imagens, cujo objetivo, segundo Achutti (2004), é treinar o leitor a praticar outras associações para, apartir delas, encontrar uma significação.

A fotografia, nesse aspecto, apresenta-se como uma forma de descrição e interpretação dos dados obtidos em campo, e não somente como um instrumento de coleta de informações com a finalidade de realizar um simples inventário da cultura estudada. Utilizada desta forma, o material obtido acaba se constituindo em verdadeiros "textos visuais" que o pesquisador constrói para restituir determinada realidade. Para este autor, definitivamente, a fotografia deve ser encarada como a "materialização de um olhar" ou o "discurso de um olhar" (Achutti, 2004, p. 111).

No caso particular deste trabalho, utiliza-se essa ferramenta de um modo diferenciado daquele empregado por Achutti (2004) e outros etnólogos – ao invés de ser o pesquisador a fazer as imagens de seu "objeto de pesquisa", é o objeto que subverte a relação, tornando-se o "sujeito do olhar", ou seja, são as próprias detentas que conduzem a ação. São elas que fotografam e, ainda, são elas mesmas em conjunto que fazem a leitura e interpretação e decidem qual significado dar às imagens realizadas ao longo da oficina de fotografia.

Gama (2006), em sua pesquisa sobre a autorrepresentação de moradores de favelas do Rio de Janeiro, aponta para os movimentos de "inclusão visual" que estão crescendo no Brasil e em todo mundo, e enfatiza a inversão da relação fotógrafo-

fotografado, e o empoderamento deste último através do domínio da técnica fotográfica, ao revelar que:

> [...] o poder descrito em boa parte das teorias que tratam do funcionamento cultural e ideológico da fotografia, e entendem o olhar fotográfico como um processo de construção da realidade social por parte de um sujeito - o fotógrafo - que normalmente pertence a uma classe superior ao do retratado, esse "outro" que acaba sendo um objeto na representação (Flores *apud* Gama, 2006. p. 53-54).

Após a obtenção de imagens, são realizadas "leituras" das mesmas, atribuindo um significado pessoal ao material obtido. Para tanto, as detentas recebem um aporte teórico específico que as habilita no trato com essa linguagem que, por sua vez, se agrega ao repertório cultural e existencial de cada uma delas. Nesse sentido, Walter Benjamin reflete que:

> [...] o analfabeto do futuro não será quem não sabe escrever, e sim quem não sabe fotografar. Mas um fotógrafo que não sabe ler suas próprias imagens não é pior que um analfabeto? Não se tornará a legenda a parte mais essencial da fotografia? Tais são as questões pelas quais a distância de noventa anos, que separa os homens de hoje do daguerreótipo, se descarrega de suas tensões históricas (Benjamin, 1985, p. 107).

Evidentemente que todo o trabalho de obtenção e leitura das imagens esteve sob a supervisão atenta e a mediação técnica e interpretativa da pesquisadora e da equipe que participou, direta ou indiretamente, da pesquisa. Esse procedimento seguiu o conselho de Lahire (2004), ao criticar a postura de algumas correntes sociológicas que submetem toda interpretação do cientista social ao senso comum dos seus interlocutores, buscando subordinar totalmente a relação do pesquisador à dos atores. Segundo ele, "tudo sucede como se a sociologia forçasse ou destruísse algo, ao construir teoricamente seu objeto e ao interpretá-lo de forma diferente da dos atores", pois

> [...] o que orienta tais propósitos faz com que seu autor renuncie tranquilamente, e de forma consciente, ao exercício da razão, deixando de lado as armas da racionalidade científica para colocá-las sobre o altar da democracia (...) toda interpretação que ousa colocar em perspectiva as "representações" dos atores com relação a outros aspectos da realidade não ditos por eles, captados pela objetivação etnográfica, estatística ou histórica, atualmente é percebida de imediato, por números pesquisadores na área das ciências sociais, como uma violência contra os atores (Lahire, 2004, p. 23).

Assim, o procedimento adotado a partir das imagens obtidas pelas detentas é o da edição e elaboração de categorias de imagens para uma leitura coerente das mesmas, juntamente às suas autoras. Um dos objetivos da pesquisa é analisar os registros fotográficos, problematizando a relação das imagens com a construção das identidades das autoras, construídas na situação de privação de liberdade em que se encontram, isto é, enquanto presidiárias.

2.2 O USO DA FOTOETNOGRAFIA COMO FERRAMENTA DE PESQUISA SOCIAL

As Ciências Sociais, já há algum tempo, vêm buscando nos recursos visuais, na fotografia, assim como também no filme e vídeo, seu potencial a fim de serem utilizados como fonte e registro de informações para o conhecimento sociológico e antropológico da realidade social. Essas ciências, porém, tomaram muitas precauções e inúmeras cautelas na utilização desses meios, e têm desenvolvido técnicas de pesquisa para "filtrar" o que poderia ser "um ruído" na sua percepção:

> [...] sobretudo a invasão da subjetividade do pesquisador na formulação e na investigação de seu tema de pesquisa, por outro, relativamente pouco conseguiram fazer em relação à imagem e ao registro de imagens numa sociedade que se tornou visual antes de tudo. (...) o visual se torna cada vez mais documento e instrumento indispensáveis na leitura sociológica dos fatos e fenômenos sociais (Martins, 2008, p. 9-10).

Por se tratar do estudo de um grupo social específico, ou seja, o de mulheres presidiárias, para o qual se fez necessário a apropriação de diversas disciplinas e saberes, neste trabalho optou-se por uma abordagem teórico-metodológica multidisciplinar, devido à complexidade do tema abordado. Além dos subsídios teóricos oriundos do interacionismo, dos trabalhos etnográficos de Pierre Bourdieu (2003) e das propostas metodológicas de Howard Becker (2008), utilizou-se também o enfoque de disciplinas que vem se firmando recentemente no campo científico como a Sociologia das Emoções, a fim de compreender-se como se dão as relações de intersubjetividade no espaço prisional.

Para o trabalho de campo, escolheu-se aplicar os fundamentos metodológicos da Fotoetnografia, já citados, enfatizando a capacidade narrativa da fotografia, assim como técnicas de leitura de imagens. Com isso, procurou-se viabilizar um arcabouço de natureza sensível, porém consistente, a fim de balizar o trabalho que, entre

outras questões, visa problematizar e compreender a produção das identidades de mulheres em situação de privação de liberdade, através de sua autorrepresentação fotográfica, já que a mesma é plena de significados, apoiando-se na afirmação de que,

> [...] acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teia de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa à procura do significado (Geertz, 2008, p. 45).

Ao iniciar o trabalho de pesquisa no Complexo Penal de Piraquara, no estado do Paraná, na unidade do Presídio Central Estadual Feminino (PCEF), surgiram muitas questões de diversas naturezas, como exercício intelectual imanente à área das ciências sociais, em que se insere este estudo. A proposta inicial era a de pesquisar como se formam as identidades de mulheres apenadas, como elas se autorrepresentam, utilizando as imagens e as trajetórias de vida como o material empírico mais importante do estudo.

A identidade entendida aqui como uma noção dinâmica que está ligada ao desempenho de diferentes papéis que, por sua vez, estão articulados a experiências específicas em *mundos sociais* particulares, não sendo, portanto, a visão estática de identidade e estabelecendo vínculos duradouros entre biografias e processos sociais. Strauss (1999, p. 99) declara que "o sociólogo por força de seus interesses, é afetado pelas mudanças que acontecem às pessoas e ao seu senso de identidade, à medida que elas se movem nas estruturas sociais", ou seja, o desenvolvimento da personalidade e a identidade que assume depende do "lugar" social que ocupa naquele momento. Assim, "é provável que parte do efeito dos papéis experimentais seja que o drama permite e obriga a pessoa a desempenhar uma série de papéis que ela não acreditava capaz de fazê-la, ou nunca pensou em fazê-la; ele coloca-a frente a frente com seu potencial bem como seu *self* real" (Strauss, 1999, p. 105).

O autor ainda enfatiza as grandes mudanças que ocorrem na vida adulta, contrariamente ao estabelecido por Freud anteriormente, que situava a formação do indivíduo prioritariamente durante a primeira infância, e que permanece em um continuum durante toda a existência. Assim, pode-se dizer que ocorrem grandes

transformações mesmo no indivíduo adulto, diante de contextos específicos, como, no presente caso, o presídio.

Para compreender como se dá a construção da identidade (evidentemente provisória) de um grupo de detentas do sistema prisional, pensou-se em dar à pesquisa um caráter se não original, ao menos que tivesse um diferencial em relação aos demais trabalhos já desenvolvidos sobre o mesmo tema, por se tratar de uma abordagem diferenciada do tema "mulheres presidiárias", que vem sendo objeto de várias dissertações e teses, dada a visibilidade que vem tomando a participação de mulheres no *mundo do crime*, e seu consequente e progressivo aumento nas estatísticas da população carcerária.

Estavam bem presentes na pesquisa as seguintes questões: no que a abordagem adotada difere das demais que têm como objeto de pesquisa as mulheres detentas? O que essa pesquisa vai acrescentar ao conhecimento sociológico sobre esses atores sociais, as presidiárias, que se constituem no tema deste estudo?

Partindo do princípio de que a abordagem não poderia ser unidimensional, nem mesmo unívoca, adotou-se a perspectiva de múltiplos olhares e múltiplas falas. Assim, pretende-se trabalhar com três dimensões do olhar: a dimensão do pesquisador, o olhar da instituição que, por sua vez, reflete o olhar da sociedade como um todo, e o olhar das próprias detentas: como elas se veem, como se autorrepresentam, e como representam imageticamente o espaço onde vivem, dando-se ênfase a essa última dimensão. Para conhecer suas trajetórias de vida, no período anterior e mesmo concomitante à realização da Oficina de Fotografia, foram utilizados instrumentos de coleta de dados como questionários, dinâmicas de grupo, e entrevistas semiestruturadas.

Esse material empírico justifica a abordagem na perspectiva teórica multidisciplinar como garantia de subsídios a fim de buscar-se a abrangência e compreensão de um tema complexo, como o pretendido por esse estudo. Assim, os fundamentos teóricos fornecidos por diversas disciplinas das ciências humanas são elementos fundamentais que mapeiam e clarificam a topografia do trabalho de campo, e o uso do instrumental teórico oferecido pela Sociologia das Emoções pode dar suporte à compreensão das interações que se dão no social e no microcosmo do cárcere, onde:

> (...) as experiências emocionais singulares, sentidas e vividas por um ator social específico, são produtos relacionais entre os indivíduos e a cultura e sociedade. Estas experiências traduzem as alianças produzidas, levando em conta as normas sociais, os costumes, às tradições e as crenças ou convicções em torno das próprias emoções. Os conteúdos simbólicos e as práticas culturais de contextos sociais específicos promovem, agenciam, permitem ou ponderam desta maneira, determinadas emoções, ao mesmo tempo em que negam, restringem ou impõem interditos a outras, a partir das interações contínuas e constantes entre os sujeitos relacionais em trocas sociais determinadas (Koury, 2009, p. 10).

A partir desse instrumental, optou-se pelos princípios metodológicos da etnografia como um meio de trabalho no campo, a fim de obter-se os registros qualitativos, visuais e escritos do grupo focal desse estudo, segundo os preceitos de Geertz e à luz de sua teoria social, mais especificamente da Antropologia Interpretativa, na "tentativa de salvar o 'dito', o 'visto' e o 'escutado', de sua extinção e fixá-lo em formas pesquisáveis" (Geertz, 2008, p. 54). A questão de "salvar o dito, visto, escutado da sua extinção" é entendida aqui como a forma de registros do momento único, irrepetível, que é aquele que se experimenta em campo com as interlocutoras da pesquisa.

Nesse sentido, há um experimento de como se dá a alteridade em relação ao objeto de estudo, que, neste caso, se torna o "sujeito do estudo", a partir da ideia de que "esta descoberta sobre o Outro, é uma relação dialética que implica em uma sistemática reciprocidade cognitiva entre o (a) pesquisador (a) e os sujeitos pesquisados" (Rocha; Eckert, 2006, n.p.).

Trabalhar com alguns eixos temáticos foi a solução encontrada para o fato de termos percebido a existência de vários subtemas que se relacionam dialeticamente dentro do tema geral abordado, como em um caleidoscópio, permanentemente em movimento. Assim, subtemas como representação, identidade, autorrepresentação, intersubjetividade, espaço prisional, etc. compõem a paisagem temática, e indicam os caminhos a seguir.

A questão da identidade das mulheres presas oferece um desafio para sua compreensão, até porque consistem em identidades "provisórias", forjadas no contexto em que se encontram, e são produzidas muitas vezes, como "estratégias de sobrevivência" frente ao meio hostil onde se encontram. Gilberto Velho (2002) utiliza o conceito de *projeto* para tratar da heterogeneidade e das tensões relacionais entre os indivíduos e a cultura em uma sociedade complexa, implicando em uma avaliação das ações humanas vinculadas à realidade objetiva, externa.

Koury (2009) acrescenta que

> [...] cada indivíduo é um lócus de tensão entre os constrangimentos da cultura, que solicitam o enquadramento a padrões específicos, e outros constrangimentos de cultura, que pedem ao indivíduo autonomia e singularidade. O equilíbrio entre estes dois constrangimentos contraditórios faz parte da carga de pressões cotidianas e das tarefas diárias dos indivíduos nas sociedades ocidentais contemporâneas (Koury, 2009, p. 71).

No presente estudo, percebe-se pelas falas das detentas que há um projeto, no sentido proposto por Velho (2002), da tensão entre individualidade e coletividade, pois, a todo o momento elas expressam esse sentido, de terem uma percepção individualizada da realidade em que vivem e, ao mesmo tempo, têm a consciência de que precisam adotar um comportamento adequado aos padrões da cultura prisional.

2.3 A PESQUISA DE CAMPO: O ESPAÇO PRISIONAL

Apesar do clima emocional inerente aos primeiros contatos, devido à expectativa gerada nas presas pelo curso que seria oferecido, ao grupo de pesquisadores, em relação ao trabalho que seria realizado, a racionalidade acabou prevalecendo, ao fazer a análise das falas e comportamentos das interlocutoras. Goffman (2002) assegura a necessidade, nesses momentos, da consciência sobre a "arte de manipular a impressão", sendo que:

> [...] num dos extremos, encontramos o ator que pode estar inteiramente compenetrado de seu próprio número. Pode estar sinceramente convencido de que a impressão de realidade que encena é a verdadeira realidade. Quando seu público está também convencido deste modo a respeito do espetáculo que o ator encena - e esta parece ser a regra geral – então, pelo menos no momento somente o sociólogo ou uma pessoa socialmente descontente terão dúvidas sobre a "realidade" do que é apresentado (Goffman, 2002, p. 25).

Esta constatação vem ao propósito de não se tomar apressadamente os comportamentos e falas das interlocutoras da pesquisa como expressões de "verdade", ou muito menos como "mentiras" absolutas. Mas tomar como premissa o ato de se colocar "sob suspeita", o "que se diz", e o "modo como se diz". Em outras palavras, analisar criticamente todos os depoimentos colhidos em campo à luz das teorias sociológicas, pondo em prática o método de desconstruir as falas, para

assim, poder melhor compreender a *dramaturgia* existente nesses encontros (Goffman, 2002) – ou ainda levando-se em conta de que não há que se buscar uma verdade nas falas dessas mulheres encarceradas, especialmente no tocante a reconstituição de suas trajetórias, daquilo que vivenciaram, mas compreender a partir do pressuposto de que o discurso é "uma prática social que precisa ser problematizada nas suas condições de possibilidade" (Foucault, 2004, p. 53).

A potencialidade narrativa da fotografia é o elemento-chave desta pesquisa, porém, ela conta inevitavelmente com outra entrada, a da interpretação verbal daquilo que é percebido, vivenciado, observado em campo, no estudo de um microcosmo, como explicitado na teoria interpretativa de Geertz (2008, p. 14), o etnógrafo "inscreve o discurso social: ele o anota. Ao fazê-lo, ele o transforma de acontecimento passado, que existe apenas em seu próprio momento de ocorrência, em um relato, que existe em sua inscrição e que pode ser consultado novamente".

Ser ao mesmo tempo capaz e compelido a treinar o

> olhar que se obriga a compreender, que é o distintivo olhar da etnografia, não apenas na colônia distante, mas também no seu universo familiar e até familial (...) é um potente instrumento de autoconhecimento através do conhecimento íntimo do outro e, por isso, um meio para a autoaceitação (Bourdieu, 2003 *apud* Wacquant, 2005, p. 26).

A realização do presente estudo tem ainda como fundamento a *objetivação participante* (Bourdieu, 2003) "na aldeia" onde se encontra o tema da pesquisa, parafraseando a forma como Geertz (2008) assim nomina: "O *locus* do estudo não é o objeto do estudo. Os cientistas sociais não estudam as aldeias (tribos, cidades, vizinhanças...), eles estudam *nas* aldeias" (Geertz, 2008, p. 16). Para a realização desse intento, tomou-se como uma espécie de bússola norteadora os fundamentos científicos do trabalho de campo preconizados por Bourdieu, conforme suas próprias palavras:

> Não se tem de escolher entre observação participante, uma imersão necessariamente ficcional num meio estranho, e o objetivismo da "contemplação à distância" de um observador que permanece tão distante de si próprio como do seu objeto. A *objetivação participante* encarrega-se de explorar não a experiência vivida do sujeito do conhecimento, mas sim as condições sociais de possibilidade – e, dessa forma, os efeitos e limites – dessa experiência e, mais precisamente, do próprio ato de objetivação. Visa objetivar a relação subjetiva com o próprio objeto, o que, longe de levar a um subjetivismo relativista e mais ou menos anticientífico, é uma das

> condições da objetividade científica genuína (Bourdieu, 2003 *apud* Wacquant, 2005, p. 282).

Ao pesquisar um grupo de presidiárias, tem-se a consciência de estar trabalhando com um grupo diferenciado ou de um *tipo especial*, já que se insere na categoria de "desviante" ou *outsider*, conforme Becker (2008) assim define:

> Regras sociais definem situações e tipos de comportamento a elas apropriados, especificando algumas ações como "certas" e proibindo outras como "erradas" Quando uma regra é imposta, a pessoa que presumivelmente a infringiu pode ser vista como um tipo especial, alguém de que não se espera viver de acordo com as regras estipuladas pelo grupo. Esta pessoa é encarada então, como *outsider* (Becker, 2008, p. 15).

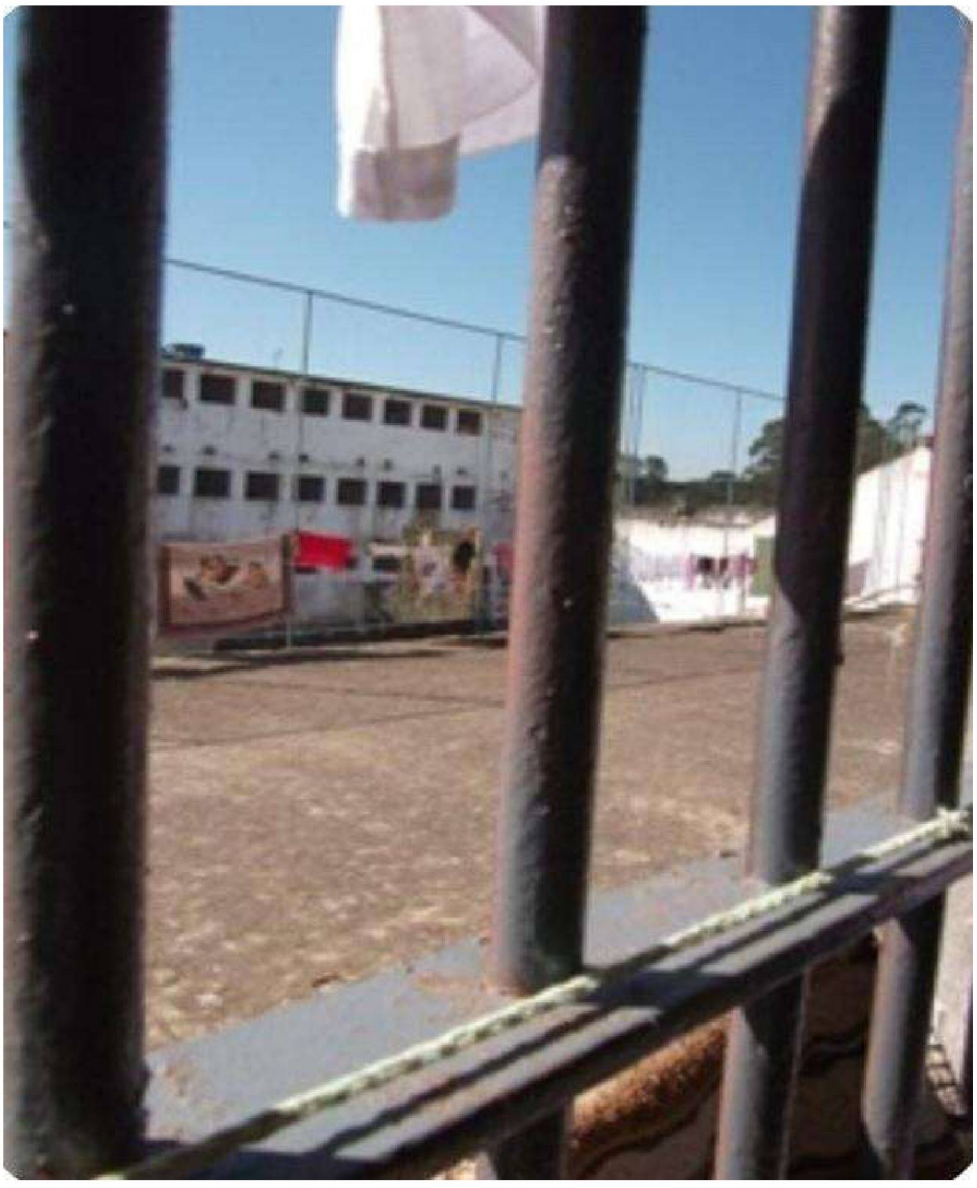
O tema do presente estudo requer também uma nova abordagem, com uma classe de metodologias e categorias de análise diferenciadas, a fim de que não se venha incorrer em estereótipos, produzidos pelo assim chamado senso comum erudito – ou, ainda pior, repetindo à exaustão conceitos e representações sobre o mesmo tema, balizado por teorias cientificamente "corretas", sem que nada de novo se aviste no horizonte sociológico. Decorre daí uma proposta em enxergar com outras "lentes", *com aquele olhar que se obriga a compreender,* como diz Bourdieu, e permitir que o sujeito da pesquisa possa expressar aquilo que vê e vivencia. Pode-se, assim, resgatar o papel de protagonistas às detentas do sistema prisional com as quais esta pesquisa trabalhou. Quanto ao (a) pesquisador (a), cabe:

> A disposição acolhedora, que nos leva a fazer nossos os problemas do informante, a aptidão para adotá-lo e compreender como ele é, na sua necessidade singular, uma espécie de amor intelectual: um olhar que se abre à necessidade, à maneira do „amor intelectual de Deus", isto é, da ordem da natureza, que Spinoza considerava ser a suprema forma de conhecimento (Bourdieu et al., 1998 *apud* Wacquant, 2005, p.154).

3 DESENVOLVENDO A PROPOSTA DE TRABALHO: FORMAS DE INTERAÇÃO

> *Detenta: posso dar um abraço em você?*
> *Pesquisadora: claro que sim, abraços são sempre bem vindos.*
> *Detenta: eu perguntei por que algumas pessoas não gostam nem de encostar na gente, parece que têm nojo* (Diário de Campo, 2015).

Foto 3 - Portfólio "Detalhes do meu cotidiano"



Fonte: acervo pessoal da autora (2015).

Através da fala que abre este capítulo, ficam muito claras as noções de estigma e a discriminação a que elas estão submetidas pelos chamados “de fora”: o medo do contato físico, o abraçar ou mesmo “encostar”, porque resulta no contágio

moral. Esse estigma está ligado a uma construção social advinda da diferenciação entre os considerados "normais" e os "diferentes".

O estigma envolve toda uma construção psicossocial, que se desenvolve a partir do momento em que "normais" e estigmatizados se encontram e se relacionam em uma mesma situação social. Parece haver um receio de contágio no contato com uma pessoa, devido à sua situação de condenada socialmente, porque de alguma forma ela oferece um perigo sentido de forma inconsciente, de maneira que uma pessoa estigmatizada possui uma inferioridade inerente a si e, de certa forma, não é considerada completamente humana (Goffman, 2008).

3.1 A ENTRADA EM CAMPO

> [...] Esse medo do contágio em relação às internas, ficou muito nítido para mim, quando em uma ocasião acompanhei, no retorno, um visitante que tinha ido pela primeira vez à PCEF. Essa pessoa tão logo chegou a uma lanchonete e encontrou uma torneira externa ao banheiro tratou de lavar muito bem as mãos, os braços, o rosto e seus objetos pessoais, de maneira enfática, parecendo querer se livrar de uma sujeira física persistente, não se importando com os outros frequentadores do local. Pensei comigo que se essa pessoa pudesse, tomaria um banho completo, antes mesmo de chegar em casa (Diário de Campo, 2015).

Através da fala que abre este capítulo, ficam muito claras as noções de estigma e a discriminação a que elas estão submetidas pelos chamados "de fora": o medo do contato físico, o abraçar ou mesmo "encostar", porque resulta no *contágio moral*. Esse estigma está ligado a uma construção social advinda da diferenciação entre os considerados "normais" e os "diferentes".

O estigma envolve toda uma construção psicossocial, que se desenvolve a partir do momento em que "normais" e estigmatizados se encontram e se relacionam em uma mesma situação social. Parece haver um receio de contágio no contato com uma pessoa, devido à sua situação de condenada socialmente, porque de alguma forma ela oferece um perigo sentido de forma inconsciente, de maneira que uma pessoa estigmatizada possui uma inferioridade inerente a si e, de certa forma, não é considerada completamente humana (Goffman, 2008).

> [...] Esse medo do contágio em relação às internas, ficou muito nítido para mim, quando em uma ocasião acompanhei, no retorno, um visitante que tinha ido pela primeira vez à PCEF. Essa pessoa tão logo chegou a uma lanchonete e encontrou uma torneira externa ao banheiro tratou de lavar muito bem as mãos, os braços, o rosto e seus objetos pessoais, de maneira

> enfática, parecendo querer se livrar de uma sujeira física persistente, não se importando com os outros frequentadores do local. Pensei comigo que se essa pessoa pudesse, tomaria um banho completo, antes mesmo de chegar em casa (Diário de Campo, 2015).

Assim, ao (à) pesquisador (a), é necessário despir-se de muitos preconceitos, pré-julgamentos e até mesmo de seus medos e receios mais recônditos para realizar seu trabalho, pois a entrada em campo sempre transcorre a partir de uma rede de interações tecidas pelo cientista social no contato com um grupo determinado, sendo essa atividade um árduo trabalho de entrada do (a) etnógrafo (a) "desde uma situação periférica no interior da vida coletiva deste grupo até seu deslocamento progressivo no coração dos dramas sociais vividos por seus membros" (Rocha; Eckert, 2006, p. 95).

Após vários trâmites burocráticos necessários para a efetivação do projeto, e muitas reuniões entre os grupos envolvidos, finalmente é hora de colocar em prática tudo o que foi discutido e escrito nos inúmeros planos de trabalho, já que o projeto envolveu várias atividades – entre elas, uma oficina de fotografia para o grupo de presidiárias e entrevistas com elas como parte do material empírico da presente pesquisa. Os resultados esperados desse trabalho são a remição da pena para as detentas e uma exposição das fotos obtidas ao longo da oficina. A primeira atividade do projeto é uma entrevista preliminar com algumas mulheres do PCEF, Unidade do Complexo Penal em Piraquara.

Vale ressaltar que o Presídio Feminino se caracteriza como um estabelecimento penal de segurança máxima, destinado à custódia de presas condenadas. Atualmente, ocupa uma área de 3.200 m^2, com uma população carcerária média de 340 presas alojadas em 40 celas. A interação que se estabeleceu entre o grupo de pesquisa e as detentas teve muitos momentos de emotividade especialmente pela natureza das dinâmicas, que traziam à tona memórias, sentimentos e vivências para as detentas. O primeiro encontro foi muito marcante, e observou-se que:

> [...] elas estavam tão ansiosas quanto nós. Esperávamos mulheres cabisbaixas, quietas e desconfiadas, com base em informações de outras pessoas no contato com as presidiárias. Ao invés disso, fomos surpreendidas por um grupo de meninas alegres (embora contidas), inteligentes e bonitas, apesar das suas condições de vida no presídio. Muito atentas, ouviam as informações para participarem das entrevistas e do que seria o projeto, com olhos brilhantes, bebendo cada palavra que era dita (Diário de Campo, 2015).

A pesquisa de campo propriamente dita teve início com uma entrevista para levantamento de dados psicossociais, seguido das assim chamadas dinâmicas de grupo, realizadas no interior do presídio com dez detentas, que se dispuseram a colaborar na pesquisa, tendo como contrapartida a participação na oficina profissionalizante, onde elas teriam a possibilidade de adquirir conhecimentos teóricos e práticos de fotografia. Em um segundo momento, denominado justamente de fotoetnografia, foram disponibilizadas câmeras fotográficas digitais para que o grupo de detentas registrasse em imagens seu espaço de convívio prisional.

O interesse em participar da oficina de fotografia tem uma dupla motivação por parte das detentas: por um lado, é uma promessa de trabalho autônomo no futuro, já que um dos maiores problemas enfrentados pelas egressas do sistema penal é a grande dificuldade em conseguir trabalho com registro em carteira profissional. Em outro aspecto, ser fotógrafa, para elas, também se apresenta como uma dimensão de sonho, constituindo-se em promessa de uma profissão elitizada e ainda cheia de desafios, por conta do alto investimento em equipamentos, e da inserção em um disputado mercado de trabalho.

Ainda. a participação nesta oficina de fotografia rende às internas a chamada remição de pena, ou seja, elas diminuem o tempo de permanência no presídio através desta e outras atividades culturais. Em particular, esse grupo focal tem um alto grau de escolaridade, é constituído de dez detentas com idade entre 24 a 35 anos, todas com segundo grau completo, sendo que uma delas é formada em Administração, e outra está fazendo o curso de Pedagogia à distância. Outra interna já iniciou o terceiro grau, tendo feito o primeiro ano no curso de Arquitetura, mas depois desistiu, ao optar pela carreira do tráfico de drogas.

> Após todos os procedimentos de rotina para entrar na prisão, a representante do Núcleo de Aprendizado do Presídio, a coordenadora do projeto e eu fomos conduzidas a um escritório da administração, onde esperamos em uma mesa a chegada das entrevistadas. Com as perguntas e o termo de consentimento impressos em mãos ficamos aguardando e discutindo sobre a melhor forma de fazer a entrevista, se uma a uma, ou se seriam divididas em duplas para que cada uma de nós fizesse as anotações. Uma das opções, era a de sermos bem objetivas, pois afinal, era somente um questionário de dados primários em um total de dez questões. Outra opção, mais idealista, era a de que a entrevista tinha de ser "olho no olho", para começarmos a compor a trajetória de vida de cada uma delas (Diário de Campo, 2015).

3.2 OS SONHOS DAS "SEBASTIANAS DOCES"

Fotoetnografia do Espaço Prisional, na Constituição da Identidade da Mulher Apenada foi o nome atribuído ao curso de extensão que seria aplicado dentro da PCEF. Esse projeto foi inserido em um programa de maiores dimensões, chamado *Novos Talentos* da UFPR, que, por sua vez, compreende uma parceria entre a instituição de ensino, Centro de Educação Básica de Jovens e Adultos (CEEBJA), e a Secretaria de Estado da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos do Paraná (SEJU/PR).

O tema geral das primeiras conversas foi a questão das oportunidades que podem surgir através da educação, seja de um curso superior ou técnico, e elas pareciam muito interessadas em informações sobre o ENEM e cursos superiores à distância. Tudo girava em torno do conceito da educação como ferramenta de libertação do ser humano (Freire, 1967).

O grupo selecionado para participar da oficina foi criteriosamente escolhido segundo a coordenação de ensino, enquanto que, para nós, o requisito principal para a participação no projeto era o de que as detentas fossem alfabetizadas, pois o objetivo do curso seria o de mostrar a fotografia como uma linguagem, muito mais do que um conjunto de técnicas.

A entrevista foi resolvida de uma maneira espontânea, pode-se dizer. Enquanto se desenrolava a animada conversa, com intervenções de quase todas as participantes do grupo, elas mesmas preenchiam seus dados nas folhas impressas. Com letras caprichadas em uma linguagem praticamente impecável, foram colocando seus dados – algumas com um certo orgulho de que suas sentenças foram motivadas por tráfico internacional, outras omitindo os dados, ou preenchendo apenas com os artigos correspondentes aos delitos.

> Quando foram formuladas as questões, pairou a dúvida se deveria ser colocado "o motivo da sentença", seguido de "período da sentença" porque esses relatos inevitavelmente viriam à tona em outras conversas. Queríamos que, nesse primeiro momento, elas se sentissem à vontade, sem a carga do estigma que inevitavelmente carregam, sem que estivéssemos em mundos diferentes: de um lado, as professoras, com títulos acadêmicos, com um conhecimento para transmitir, e principalmente com liberdade para entrar e sair dali. Do outro lado, elas, as presidiárias, destituídas de tudo, recipientes vazios, sem títulos, sem conhecimentos, plenas da vergonha e da culpa de "terem errado", como disse uma delas,

> em certo momento. Essa é a leitura que foi feita na ocasião, que nos contatos posteriores com o grupo vai se modificando lentamente (Diário de Campo, 2015).

Duas das participantes eram de outros estados, Minas Gerais e São Paulo, e a faixa etária variava entre vinte e quatro a trinta e cinco anos. Casadas, divorciadas, vivendo em união estável, outras ainda solteiras, a maioria com filhos menores. O período da menor sentença é o de sete anos e a maior, de vinte e quatro anos. A pergunta final remete a uma reflexão posterior: ao responder por que gostariam de aprender a fotografar - pergunta que teve o intuito de esclarecer a motivação, as respostas em sua unanimidade apontam para uma expectativa de trabalho, uma nova profissão, para a abertura de portas para o mercado. Não se estaria, de certa forma, alimentando falsas esperanças em um futuro trabalho *"glamuroso"* e lucrativo, conhecendo de fato a realidade do mercado de trabalho para a fotografia na era digital?

O sentimento não mencionado em nenhum momento, mas aquele que fica mais evidente, é o de que se trata de mulheres que têm sonhos, apesar de tudo. Sonham com um futuro melhor, com um trabalho que traga autonomia e realização, sonham em ser "alguém". *Autoconhecimento pessoal* foi uma das respostas à pergunta sobre o interesse pelo curso de fotografia. Ao final de toda a conversa do dia, surgiu uma brincadeira ao citar para elas Sebastião Salgado, o mais conhecido fotógrafo brasileiro no exterior. A conclusão de uma delas foi a de que, ao fazerem o curso, seriam transformadas, então, em "sebastianas doces", o que foi recebido com muitos risos, ficando a sensação de que elas voltaram à suas celas com o desejo de que chegasse logo o dia do início da oficina de fotografia.

3.3 AUTORRETRATOS E VISÕES DE MUNDO

Uma segunda interação foi realizada com as detentas – desta vez, uma dinâmica de grupo. Após alguns pequenos dissabores nos procedimentos de entrada, o grupo foi novamente reunido no escritório administrativo, que foi o local disponibilizado para as práticas iniciais com o grupo de detentas. Foram oferecidas um total de doze vagas na oficina, sendo dez para as detentas e mais duas vagas para funcionárias do Complexo Penal. Essas últimas sendo preenchidas por uma agente penitenciária e uma assistente social.

A abordagem desta vez foi a aplicação de uma dinâmica chamada *Autorretrato Desenhado*, que tem como objetivos: aprofundar a percepção de si mesmo; perceber as motivações que interferem nos pensamentos, sentimentos e ações; e revelar algumas visões de mundo. A técnica consistia em que desenhassem, em uma folha de papel, uma foto humana de frente, da cabeça aos pés. Ao terminar o desenho, deveriam entrar em contato com esse personagem dando-lhe uma identidade, uma vida e um nome. A justificativa para o uso desta técnica é a de que favorece o resgate das trajetórias de vida.

Segundo Spindola e Santos (2003), esse método baseia-se na premissa de que os conhecimentos sobre os indivíduos só são possíveis com a descrição da experiência humana, tal como ela é vivida e tal como ela é definida por seus próprios atores. Assim, uma investigação que priorize a informação do entrevistado exige uma aproximação do pesquisador com os pesquisados para que se estabeleça um contato e uma relação de confiança.

Essa modalidade de pesquisa tem no ambiente a fonte direta dos dados e o pesquisador como seu principal instrumento. É caracterizada pela obtenção de dados descritivos, no contato direto do pesquisador com a situação estudada, valorizando-se mais o processo que o produto, preocupando-se em retratar a perspectiva dos participantes, isto é, o significado que atribuem às coisas e à vida – assim, são percebidos como as pessoas mais importantes no processo. Nessa abordagem, o pesquisador respeita a opinião do sujeito e acredita no que ele diz, e quem faz a avaliação não é o pesquisador, e sim o sujeito. O pesquisador e o sujeito se completam e se modificam, mutuamente, em uma relação dinâmica e dialética.

Assim, foi utilizada essa técnica como parte do levantamento das histórias de vida do grupo de presas, possibilitando o acesso a seus aspectos mais pessoais. O uso da técnica de autorretrato desenhado também se insere na perspectiva mais ampla que é o de problematizar a identidade das mulheres apenadas através de imagens, sejam elas obtidas por meio de desenho, colagem ou ainda outra técnica que incorpore a imagética como expressão, mas, prioritariamente, da fotografia.

A tarefa em questão foi realizada em meio a uma grande descontração do grupo de detentas que, embora muito empenhadas, riam constantemente, olhavam para os desenhos das companheiras fazendo comentários. Essa atitude alegre e quase infantil vai se modificar radicalmente na realização da Plenária, quando compartilharam com o grupo o resultado do seu trabalho. Assim, com o desenho

pronto, foi solicitado que escrevessem as respostas, na mesma folha, às seguintes tarefas:

> 1. Saindo da cabeça do personagem, fazer um balão com três ideias que ninguém irá modificar.
> 2. Saindo da boca, fazer um balão com uma frase que foi dita e da qual se arrependeu e outra frase que precisa ser dita e ainda não o foi.
> 3. Do coração, sai uma seta, indicando tres paixões que não vão se extinguir. Nesse ponto, é interessante chamar a atenção do grupo para o fato de que o objeto da paixão não precisa necessariamente ser alguém, podendo tratar-se de uma ideia, uma atividade, etc.
> 4. Na mão direita do personagem, escrever um sentimento que este tem disponível para oferecer;
> 5. Na mão esquerda, escrever algo que ele tem necessidade de receber;
> 6. No pé esquerdo, escrever uma meta que deseja alcançar;
> 7. No pé direito, escever os passos que precisar dar em relação a essa meta (Atividade I, 2015)

Após o cumprimento dessas etapas, foi solicitado que mantivessem contato com o personagem desenhado, procurando os pontos semelhantes e diferentes entre ambos e escrevessem no verso da folha as semelhanças e diferenças encontradas. Feito isso, passou-se para a fase final, onde cada uma apresentou ao grupo seu personagem, na terceira pessoa, falando das semelhanças e diferenças que as ligavam a ele, enquanto as facilitadoras, pontuavam aspectos importantes nas falas de cada participante.

Pode-se assegurar que a plenária da dinâmica foi realizada em meio às expressões emocionais contraditórias por parte das detentas: choro, risadas, bloqueios súbitos, desabafos. Diante dessas situações, o facilitador deve estar preparado para não temer as emoções, escutá-las, e compreendê-las como um canal que possibilita ao participante o encontro consigo mesmo (Spindola; Santos, 2003).

Como amostra, destacam-se as respostas de uma das detentas, que, de maneira geral, reflete os fatos e as preocupações de todas elas: no desenho que realizou, o personagem é uma menina de cabelos longos com uma lágrima caindo do olho esquerdo, e tem o mesmo nome da participante. A seguir, as frases que escreveu em balões que saem do corpo do personagem desenhado:

> Da Cabeça: "filhos, vida nova e paz".
>
> Da Boca: "vai acelerar o juiz" e "filhos, me desculpe não pude cuidar de vocês como precisaram".
> Do Coração: "filhos, irmãos, eterno amor".

> Da Mão direita: "amor"
> Do Da Mão esquerda: "Alvará"
> Do Pé esquerdo: "realização profissional"
> Do Pé direito: "estudar, cursos, atitudes" (Detenta - PCEF, 2015).

Fazendo uma leitura do personagem desenhado, uma das respostas foi:

> O que se assemelha a mim, é a vontade de aprender e ensinar sobre a vida e perdoar erros e a realizar sonhos, os transformando em planos reais; o que tem de diferença é a paz que ela tem e que eu não alcancei (Detenta - PCEF, 2015).

Durante a exposição dos resultados da dinâmica, foram anotadas algumas falas que são de grande interesse para a continuidade da pesquisa e trazem dados reveladores de alguns dramas vivenciados pelas detentas, como a de que se sentem discriminadas e olhadas pelas pessoas em geral de "maneira diferente". Essa detenta comentou criticamente que viu uma pesquisa na televisão mostrando que os filhos da classe média costumam ser os mais preconceituosos, racistas e os principais autores de *"bullying"* em escolas. Outra questão para ser pesquisada, é o do papel dos avós na criação e educação de algumas das internas, fato que ficou bastante evidenciado na prática realizada. Nesse sentido,

> [...] as histórias de vida, por mais particulares que sejam, são sempre relatos de práticas sociais: das formas com que o indivíduo se insere e atua no mundo e no grupo do qual ele faz parte. Uma narrativa tem uma função descritiva e avaliadora, pois, quando relatamos um fato, na verdade, estamos tendo oportunidade de refletir sobre aquele momento. Uma vez que o sujeito não relata simplesmente sua vida, ele reflete sobre ela enquanto conta (Spindola; Santos, 2003, p. 158).

3.4 ALFABETIZAÇÃO VISUAL: A CONSTRUÇÃO DO OLHAR

A oficina de fotografia teve início em março de 2015. A partir de alguns conteúdos iniciais de introdução à fotografia, optou-se por começar a abordagem com um enfoque específico no papel que as mulheres desempenharam na história da fotografia. Assim, foram selecionadas criteriosamente algumas fotógrafas consideradas pioneiras no campo fotográfico, tendo suas origens em diferentes países.

Nesta primeira fase do trabalho, denominado Alfabetização Visual, foi proposto um exercício para a leitura de imagens, baseado na *Proposta Triangular*

elaborado pela arte-educadora Ana Mae Barbosa (2007), que consiste na articulação entre a produção, a leitura e a contextualização das imagens. Ou seja, recorrendo à própria epistemologia da arte, o conhecimento, segundo a autora, se dá na interseção da experimentação, da decodificação e da informação no tocante às imagens (Barbosa, 2007).

O exercício consistiu em entregar duas imagens para cada uma das estudantes, o retrato de uma das fotógrafas e uma imagem realizada por ela, além de um resumo da biografia de cada artista. Essa imagem autoral também estava relacionada ao chamado universo feminino. Assim, para a análise, foram escolhidas fotos em que mulheres estavam em atividades relacionadas à sua época, ou simplesmente posando. Em uma folha-tarefa entregue a elas, foram propostas atividades, além das biografias das fotógrafas, em que deveriam responder a quatro questões:

> 1. Analisar a imagem produzida pela fotógrafa relacionando-a à sua trajetória de vida (biografia). 2. Quais os fatos da vida da fotógrafa que você considera mais significativos? 3. Segundo sua percepção, em que contexto e com que objetivo a foto foi realizada? 4. Qual o significado da imagem para você? (Pesquisadora, 2015).

Essa tarefa tinha o objetivo de atribuir significado às imagens recebidas, descrevendo a personalidade e o trabalho dessas profissionais tais como elas entendiam, tendo como base somente o resumo da biografia da fotógrafa. Em seguida, elas analisavam a imagem produzida por esta artista – mais uma vez, tentando atribuir significados históricos, sociais e também subjetivos à esta imagem.

Talvez a maioria delas não tivesse ideia de que estava fazendo esse complexo tipo de análise, pois quase sempre falavam com muita espontaneidade e sem medo de "errar", já que a orientação pedagógica da oficina era de que não haveria julgamento de "certo" ou "errado" sobre as opiniões e respostas às questões colocadas em aula. Todos os conteúdos ministrados, além dos textos entregues durante a realização da oficina, foram absorvidos rapidamente e ultrapassaram a expectativa que se tinha em relação a elas.

Após a leitura das biografias e a observação atenta das imagens, foi solicitado que, uma a uma, fizessem a sua leitura das imagens em voz alta para toda a turma. Um detalhe interessante ocorreu com a interna Celeste (nome fictício), que escolheu a fotógrafa norte-americana Vivian Maier (1926-2009), ficando tão impressionada

com suas fotos e história de vida que, chegando ao final do curso, resolveu fazer seu trabalho (Portfólio) com inspiração nessa fotógrafa, tentando captar seu próprio cotidiano prisional com o "mesmo olhar" daquela artista.

Foi proposto um exercício de observação e análise, que consistiu em duas fases: em um primeiro momento, na fase descritiva, elas enumeravam "aquilo que estavam vendo", por exemplo, uma das internas escolheu a fotógrafa norte-americana Frances B. Johnston (1864-1952). Na imagem de autoria desta fotógrafa (Foto 4), ela diz: "eu vejo uma foto em preto e branco, com uma mulher em um campo, vestida com um traje muito leve, transparente, e com um lenço grande nas mãos. Ela parece dançar e quase flutua no ar. O fundo é desfocado, e ela está bem centralizada na foto" (Detenta - PCEF, 2015).

Foto 4 - Bailarina norte americana Florence Noyes, fotografada por Frances B. Johnston



Fonte: https://www.muniaruizbalzola.es/hablar-con-el-cuerpo/

Na interpretação da foto realizada, foi feita a observação: "a mulher que ela retrata é o oposto dela (a fotógrafa), pois é feminina, suave, parece estar voando. Mas também é uma mulher forte, porque acredita nos seus sonhos" (Detenta - PCEF, 2015).

No retrato da autora (Foto 5), outra detenta descreve: “a fotógrafa tem uma caneca de chopp e um cigarro nas mãos, está sentada de perfil em uma sala com uma lareira, está com as pernas cruzadas deixando aparecer suas anáguas. Nesta sala, também aparecem vários objetos de decoração”.

Foto 5 - Frances B. Johnston – Autorretrato (A Nova Mulher, 1896)



Fonte: https://www.nytimes.com/2021/12/15/obituaries/frances-benjamin-johnston-overlooked.html

Então, é solicitado que elas passem à segunda fase, interpretativa, onde farão sua própria leitura das imagens que veem, atribuindo significados às mesmas. Uma delas diz:

> [...] o retrato da fotógrafa é o de uma mulher forte, à frente de seu tempo; ela está sentada de uma maneira que não era comum para as mulheres da sua época, ela está bebendo e fumando que eram “coisas só de homens” na época em que ela viveu. Ela parece ser decidida e firme nas coisas que faz (Detenta - PCEF, 2015).

No texto escrito, ela ainda acrescenta: “há um estímulo às lutas por direitos iguais e para se encontrar no mundo, mesmo quando dominado por homens, mas preservando a beleza, a sensibilidade da mulher em toda sua essência” (Detenta - PCEF, 2015).

Surgem muitas discussões a partir do título do autorretrato da fotógrafa Frances Johnston (*A nova mulher*), onde todas participam de forma acalorada, mas levantando a mão para falar, disciplinadamente, cada uma à sua vez. Ao final, são questionadas se conseguem perceber símbolos na Foto 5. Uma delas responde que na imagem aparece uma lareira com fogo que pode ser o símbolo de força, resultando em mais discussões acerca dos significados dos elementos presentes nas fotos. Nas interpretações que foram feitas com relação a estes exercícios, o grupo foi avaliado de maneira geral como dotado de uma percepção bastante consistente e refinada das imagens.

Outro exemplo é o de uma interna que escolheu a fotógrafa norte americana Sally Mann (1951) A leitura que fez da Foto 6 resultou no seguinte: "vejo crianças em local não definido, uma das crianças brinca com 'pernas de pau', há uma menina pequena que observa a brincadeira, de costas para a câmera e outra menina maior com um cigarro nas mãos que está voltada para a câmera" (Detenta - PCEF, 2015). Na fase interpretativa, outra participante disse que a menina com o cigarro estava imitando poses de adultos, e que não estava mais querendo ser criança, pois voltava às costas para as brincadeiras, preferindo fumar. Quando souberam que o título da foto era "Cigarro Doce", acendeu-se uma discussão acirrada entre o grupo. Uma das opiniões finais foi a de que "há um problema social ao qual a família pode vir a passar, pois as meninas estão em uma rua, e a rua está cheia de perigos" (Detenta - PCEF, 2015).

Foto 6 - Cigarro Doce (Candy Cigarette), Sally Mann, 1987



Fonte: https://www.barnebys.co.uk/blog/sally-mann-one-of-todays-most-remarkable-photographers

Ao analisar o retrato da fotógrafa Ata Kandó (Foto 7), uma interna diz:

> vejo uma mulher de idade segurando uma câmera, tem os cabelos brancos e as mãos enrugadas, seu rosto não aparece na fotografia, ela veste um traje que parece uma túnica com flores, ela parece fazer parte da câmera, como se fossem uma coisa só (Detenta - PCEF, 2015).

Foto 7 - Ata Kandó, fotografada por Sacha de Boer (2013)



Fonte: https://www.sachadeboer.com/225252170/ata-kando

Avaliando as leituras que elas fizeram das imagens recebidas, atribuindo significados, percebe-se em suas falas que, para além da análise baseada na cognição e na percepção intelectiva, há uma projeção muito nítida de suas subjetividades, emoções e afetos, transferidas para as imagens. Isso ocorreu até mesmo na escolha preliminar de cada autora; uma delas, mulher "trans", identificou-se com uma fotógrafa brasileira com aspecto "um pouco masculino, de cabelos curtos e postura decidida" (Junior[3], 2015).

Uma outra escolheu uma fotógrafa que tinha o mesmo nome que ela. Assim, até nos pequenos detalhes elas manifestaram elementos pessoais, marcadamente individualizadores, e em quase nenhum momento suas opiniões foram objetivas e neutras, pode-se dizer, produtos somente de uma elaboração intelectual.

Aqui, devemos fazer alguns parênteses importantes, e esclarecer certas colocações: quando são referidos elementos internos, subjetivos, e pessoais, não se está querendo sugerir que esses elementos são absolutos e exclusivos de um indivíduo, e nem se desconsiderar a perspectiva colocada por Lahire (2004), a fim

[3] Nome social de uma das internas.

de que não se percam de vista certos pressupostos na pesquisa social, o que representa, para ele, um importante progresso no conhecimento:

> O foro íntimo, a subjetividade tida como o local de nossa liberdade maior se constitui em um dos grandes mitos contemporâneos. Ele sugere que se deve abandonar, "toda ilusão de 'subjetividade', de 'interioridade' ou de 'singularidade' não determinadas, de livre arbítrio ou de existência 'pessoal', sem qualquer influência do mundo social. Assim fazendo para deixar surgir as forças e contraforças, detentas (disposicionais) e externas (contextuais), às quais estamos constantemente submetidos desde o nosso nascimento, e que nos fazem sentir o que sentimos, pensar o que pensamos e fazer o que fazemos (Lahire, 2004, p. 12-13).

Em cada encontro da oficina, eram entregues textos para leitura e interpretação como tarefas de casa a serem cumpridas para a aula à distância. Um desses textos de estudo era intitulado *"O Fotógrafo"*, de autoria do poeta brasileiro Manoel de Barros (1916-2014):

"O FOTÓGRAFO"

"Difícil fotografar o silêncio.
Entretanto tentei. Eu conto:
Madrugada, a minha aldeia estava morta.
Não se via ou ouvia um barulho, ninguém passava entre as casas.
Eu estava saindo de uma festa.
Eram quase quatro da manhã. Ia o silêncio pela rua carregando um bêbado.
Preparei minha máquina.
O silêncio era um carregador? Estava carregando o bêbado.
Fotografei esse carregador.
Tive outras visões naquela madrugada.
Preparei minha máquina de novo.
Tinha um perfume de jasmim no beiral do sobrado. Fotografei o perfume.
Vi uma lesma pregada na existência mais do que na pedra.
Fotografei a existência dela.
Vi ainda um azul-perdão no olho de um mendigo.
Fotografei o perdão.
Olhei uma paisagem velha a desabar sobre uma casa. Fotografei o sobre.
Foi difícil fotografar o sobre.
Por fim eu enxerguei a nuvem de calça.
Representou pra mim que ela andava na aldeia de braços com Maiakoviski – seu criador.
Fotografei a nuvem de calça e o poeta. Ninguém outro poeta no mundo faria uma roupa mais justa para cobrir sua noiva.
A foto saiu legal".

(Manoel de Barros, Ensaios Fotográficos, Rio de Janeiro: Editora Record, 2000)

A tarefa sugerida foi: Lendo a Poesia "*O Fotógrafo*" de Manoel de Barros, responda as seguintes questões:

1. Dentre as imagens relatadas pelo poeta, qual delas mais impressionou você?
2. Se você fosse representar o poema de Manoel de Barros em uma só imagem, como esta seria?
3. Qual o significado do ato de fotografar para o poeta?

As três questões foram indicadas para serem preenchidas em uma folha-tarefa, a fim de serem discutidas na aula seguinte, tendo o pressuposto freiriano para a pesquisa, de que "(...) a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele" (Freire, 2005, p. 20).

Quando questionadas para que apontassem, dentre as imagens relatadas pelo poeta, qual delas mais a impressionou, a resposta mais frequente foi a seguinte, em que ressaltam o perdão como uma das características mais fortes do poema:

> Um azul-perdão no olho de um mendigo, me chamou a atenção, pois na maioria das vezes, o mendigo é esquecido pela sociedade, e no poema o fotógrafo além de notar a presença do mesmo, a cor dos seus olhos, conseguiu observar através desse olhar o que ele queria expressar, que seria um pedido de perdão (Detenta - PCEF, 2015).

Uma delas respondeu à questão de uma maneira significativa, o que de certa forma resume a maioria das demais respostas. Para ela, o elemento primordial do poema foi:

> O silêncio, aquele homem na madrugada poderia falar, brigar, etc. Mas ao invés disso, preferiu o silêncio e, assim, disse mil palavras. Aquele silêncio captado com tamanha dificuldade pela câmera me fez pensar no meu próprio silêncio em meio às dificuldades e problemas que vivo na atualidade (Detenta - PCEF, 2015).

Foi solicitada na segunda questão que elas representassem o poema de Manoel de Barros em uma só imagem – para uma delas seria "uma tartaruguinha recém-nascida indo enfrentar o mar que para mim representaria a imagem da superação. Imagine captar a superação?" (Detenta - PCEF, 2015).

A resposta à terceira questão quanto ao significado do ato de fotografar para o poeta Manoel de Barros, segundo uma delas, foi a de que: "vejo como a busca de

uma resposta, uma curiosidade de uma imagem que, mesmo abstrata, se consegue ver do que se trata, como fotografar um sorriso e ver uma alegria de toda uma vida, a felicidade bem explícita" (Detenta - PCEF, 2015).

3.5 RODAS DE CONVERSA

As rodas de conversa ocorreram em algumas ocasiões em que professores convidados fizeram vivências na oficina de fotografia, integrando as falas das internas e intervenções no conjunto de conteúdos previstos no Plano de Trabalho.

A técnica das *Rodas de Conversa* foi utilizada como uma possibilidade metodológica que tem a finalidade de aproximação entre os sujeitos em um contexto pedagógico. Foi utilizada de forma diferenciada no ambiente prisional no intuito de se atingir uma comunicação dinâmica, porque em geral se dá em ambientes fechados e com os participantes sentados. Nesse sentido, mostrou-se um instrumento capaz de estabelecer um espaço de diálogo, de interação e ao mesmo tempo de reflexão crítica. Uma de suas características mais importantes é a horizontalização das relações de poder, onde se dissolve a figura do professor como centro e propagador de um processo, e deixa-se emergir a fala da coletividade como signo de valores, cultura, normas, discurso e práticas.

É uma metodologia de trabalho que vem sendo desenvolvida e aplicada em diferentes contextos a partir dos estudos de Paulo Freire (1996) e outros autores. Uma das *rodas de conversa* ocorreu em setembro de 2015, realizada pelo antropólogo Julio Ponciano, que fez uma vivência denominada *"A alma das coisas".* As fotos realizadas pelas próprias internas mostram cenas da atividade que foi desenvolvida no jardim do pátio comum a várias unidades. O instrumental de trabalho utilizado foi um varal, com cerca de cem fotografias em papel xerox com imagens de revistas de circulação nacional. Para a sua montagem, todas elas contribuíram, esticando barbantes e arrumando as imagens, enquanto outras fotografavam todo o processo.

A roda funcionou da seguinte maneira: em um jogo dialógico, elas deveriam observar o varal de fotografias e comentar sua percepção do conjunto de imagens, fazendo suas próprias interpretações e dando um sentido próprio à narrativa sugerida pelo material ali reunido. O resultado teve interpretações e

comportamentos inusitados, como crises de choro e expressões de conteúdos subjetivos e identitários.

Foto 8 - Varal de imagens sendo analisado pelas internas



Fonte: acervo pessoal da autora (2015).

Foto 9 - Varal de imagens, utilizado para a atividade "A alma das coisas"



Fonte: acervo pessoal da autora (2015).

As Fotos 8 e 9, acima, e as 10 e 11, abaixo, compõem o *making off* da atividade "A alma das coisas". As fotos foram realizadas pelas internas do presídio feminino.

Foto 10 – Observação de todas as imagens, que, em seu conjunto, formam uma narrativa



Fonte: acervo pessoal da autora (2015).

Foto 11 - Atividade sendo desenvolvida no jardim do Presídio

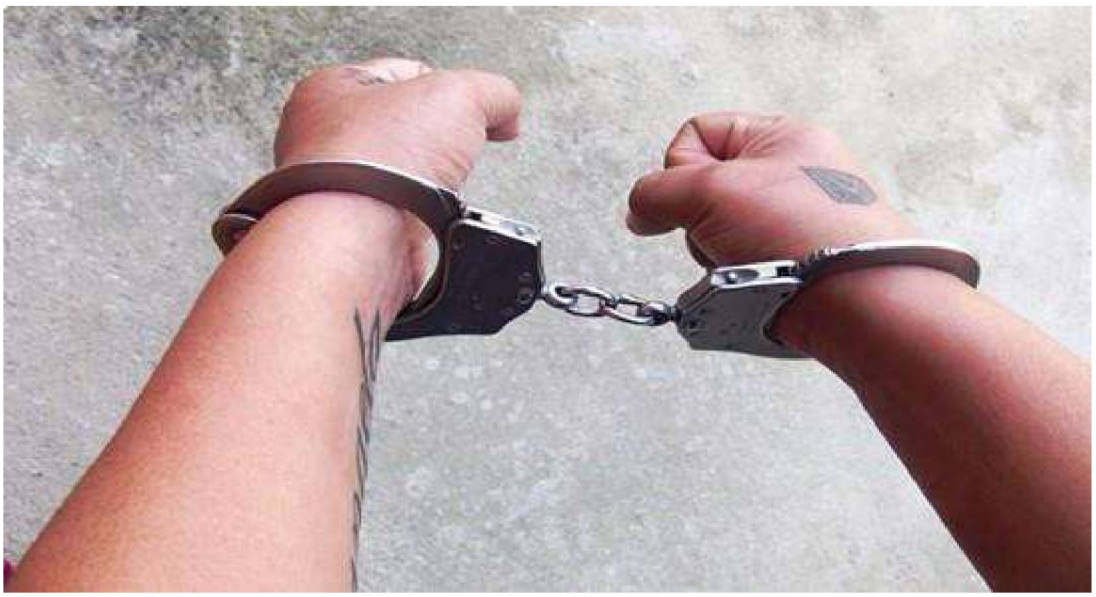


Fonte: acervo pessoal da autora (2015).

4 TRAJETÓRIAS, RETRATOS E AUTO-FICÇÃO: REVELANDO IDENTIDADES

> A bandida é uma mulher poderosa, é aquela que vai à luta (Detenta - PCEF, 2015).

Foto 12- Portfólio "Onde os sonhos se perdem"



Fonte: acervo pessoal da autora (2015).

4.1 EM BUSCA DE DEFINIÇÕES

Com o passar dos anos, as mulheres mudaram seu papel social, ganharam independência e espaço no mercado de trabalho. Muitas vezes, são elas as mantenedoras do sustento de toda a família. Esta mudança não aparece somente em situações positivas, porque elas também passaram a fazer parte do, assim chamado, mundo do crime.

Em uma das discussões ocorridas na Oficina de Fotografia, foi perguntado às estudantes o que elas achavam do fato da criminalidade estar crescendo entre as mulheres, nas estatísticas oficiais. A resposta foi a de que a mulher estava se destacando em todas as áreas, e no crime não poderia ser diferente. A opinião mais recorrente nessa discussão foi que, segundo elas, as mulheres não se conformam com as limitações financeiras impostas pela sua condição, querem mais, e diferentemente dos homens "que só querem para si", elas também querem para

seus filhos e seus parentes. Assim "caem" na criminalidade em busca de uma de afirmação social, contra a estagnação a que estão submetidas.

Na visão dessas mulheres, a criminosa é aquela que, como qualquer outra pessoa, almeja a ascensão social e ter acesso aos bens materiais disponibilizados pela sociedade moderna de consumo. Esse desejo de conforto, de bens, e até mesmo de privilégios ("a gente se acostuma com uma vida de luxo, professora", como disse uma delas), contrasta terrivelmente com as condições reais em que elas se encontram no cárcere.

Sempre que têm oportunidade, falam da alimentação no presídio, da qual reclamam dizendo que vem tudo misturado, "uma lavagem e às vezes vem até azeda". Uma delas diz que preferia apanhar todo dia, mas pelo menos comer um arroz com feijão bem temperado, caseiro. Elas acrescentam, ainda, que muitas vezes cedem suas marmitas para as "fissuradas", as dependentes de crack, que, estando em abstinência, comem como "dragas". É um dos aspectos a que Goffman (1987) denomina de *mortificação do eu* no interior *das instituições totais*:

> [...] o novato chega ao estabelecimento com uma concepção de si mesmo que se tornou possível por algumas disposições sociais estáveis no seu mundo doméstico. Ao entrar é automaticamente despido do apoio dado por tais disposições. Na linguagem exata das instituições começa uma série de rebaixamentos, degradações humilhações e profanações do eu. O seu eu é sistematicamente, embora muitas vezes não intencionalmente, mortificado (Goffman, 1987, p. 23-24).

As *instituições totais*, tal como o autor as denominou, são aquelas em que se produzem regras próprias, separadas do assim chamado mundo livre – atividades que são realizadas em diferentes espaços e em interação com diferentes atores sociais, como o "dormir, brincar e trabalhar", que, no caso do presídio, concentra-se em um único espaço. Nas palavras de Goffman (1992, p. 17), as instituições prisionais promovem a "ruptura das barreiras que comumente separam essas três esferas da vida".

Este autor emprega princípios de caráter dramatúrgico na compreensão de como os atores sociais apresentam, em seu cotidiano, a si mesmos e suas atividades através de um direcionamento e regulação da "impressão" que possam estar provocando em seus interlocutores. Essa impressão que os outros formam a seu respeito, assim como as coisas que faz ou deixa de fazer ao realizar seu desempenho perante esses outros, determinará os comportamentos e interações

subsequentes, fatos que parecem ocorrer em todo lugar na vida social (Goffman, 2014).

Essa afirmação é particularmente importante neste trabalho, que busca definir a questão identitária de mulheres presas. Para chegar a esses perfis identitários, é necessário compreender a questão da "representação teatral" como parte das dinâmicas sociais, pois a todo momento em contato com elas – seja em conversas informais ou nas dinâmicas desenvolvidas –, tem-se a impressão de que elas se empenham em construir uma (boa) imagem sobre si próprias. É evidente que essa "manipulação" da impressão não é prerrogativa desse grupo específico, ou de grupos de detentos, e sim uma forma de convívio social que pode ser considerada universal (Goffman, 2014, p. 185).

Anselm Strauss (1999) propõe outra perspectiva de análise da identidade. Este autor afirma que é necessário atentar-se ao conceito de interação que ocorre entre as pessoas, como membros de grupos e comunidades; sua análise se debruça principalmente sobre as interações em ambientes institucionais: "Precisamos conhecer tanto a identidade do *self* quanto a do outro em uma interação; há diferenças nas explicações públicas e nas explicações que damos a nós mesmos, pois a declaração verbal é somente parte integrante da atividade" (Strauss, 1999, p. 58). Ele acrescenta que

> [...] A interação face a face tem como características, ser fluida, móvel e "corrida", assim como o próprio conceito de identidade. Durante seu curso, os participantes tomam sucessivas atitudes um com relação ao outro. Ora eles tergiversam, ora sem movem num balé psicológico rítmico, mas sempre se movem por fases sucessivas de posição. A leitura inicial da identidade do outro apenas determina o estágio da ação, dá a cada um algumas deixas para suas linhas. Essa interação se processa entre pessoas que, cada um por sua vez, desempenha um papel ou ocupam um status (Strauss, 1999, p. 70).

Ele sugere o modelo "papel-desempenho" para analisar as interações, ressaltando não são apenas resultado da interação entre duas pessoas, mas se trata de transações carregadas de imagens complexas, de debates entre muitos atores sociais. Porém, as respostas às interações podem ser involuntárias, isso quer dizer que nem todas as falas são intencionais. Também, o envolvimento do "eu" com o "outro" é gradativo, sendo que a fantasia é um aspecto importante da interação.

Para entendermos como se dá a formação da identidade da mulher presidiária, no entanto, é necessário observar que existem dois momentos bastante diferenciados em suas vidas:

> [...] quando chegam à penitenciária percorrem trajetórias que se dividem em antes e depois do crime. É como se houvesse rupturas não apenas no comportamento que até então permitiram seu convívio social, mas também da imagem que elas fazem de si mesmas. Esta concepção individual assume outra dimensão ao entrarem na instituição e serem imediatamente despidas de seus objetos pessoais, de suas roupas e de valores que temporariamente passam a não ter mais significado (Silva, 2014, p. 19).

Para Bourdieu (1986), o termo "história de vida é uma dessas noções do senso comum que entraram como contrabando no universo cientifico", inoculando-se lentamente nas ciências sociais. Para ele, falar de história de vida é pressupor que a vida é uma história, coerente e linear, com acontecimentos em sequência plenos de significado. Isso seria o mesmo que uma "ilusão retórica", ou ainda uma "ilusão biográfica", ou seja, a representação da existência tal como proposto por uma certa tradição literária, e, portanto, muito longe da vida real (Bourdieu, 1986).

Assim, coerente com a visão deste autor, não se tratará neste capítulo de histórias de vida, e sim de trajetórias que não são necessariamente coerentes, lineares ou mesmo verdadeiras. Uma das questões que levantamos nessa pesquisa, e que marca as trajetórias de vida das presidiárias, é: quais fatores e circunstâncias levaram essas mulheres a cometerem delitos? Quais rupturas, se é que se pode chamar assim, as levaram ao "mundo do crime".

Lahire argumenta que:

> [...] alguém objetará, revelar as singularidades individuais supõe o uso de métodos, procedimentos, ou técnicas propriamente psicológicas, que são o único meio de possibilitar o acesso ao "foro intimo", á "interioridade" ou à "economia psíquica". Tal objeção repousa, na verdade, no mesmo mau hábito mental que consiste em opor o "interior" e o "exterior", o "mental" e o "social", o "indivíduo" e a "sociedade". A melhor "maneira de ter acesso à inacessível "interioridade" é de fato objetivar o mais finamente possível os comportamentos individuais e, mais do que isso, objetivar os comportamentos de um mesmo indivíduo em contextos diferentes da vida social: a "verdade individual" não se encontra como que encerrada ou encapsulada nos limites de um cérebro e de um corpo, mas revela-se no desenvolvimento e na variedade (diacrônica ou sincrônica) das ações e de práticas do indivíduo em questão (Lahire, 2004, p. 20).

Partindo do pressuposto de que as prisões são instituições em que predominam os processos de dominação e subjugação dos sujeitos que nela vivem, elas possuem uma dinâmica em que esses sujeitos se veem obrigados a desenvolver novas estratégias de sobrevivência, outras sociabilidades e, por consequência, acabam adquirindo aprendizagens novas e diversificadas.

> Quando nos sentamos frente a frente com uma das internas que participam do projeto para a entrevista, costumamos perguntar, "vamos ao confessionário?", como uma forma de "quebrar o gelo". Sentamos em carteiras escolares tendo uma mesinha entre nós para as anotações, na sala de aula improvisada em um dos corredores do presídio feminino. Para começar pedimos que escolham um nome fictício de sua preferência, para que sua identidade seja preservada, e o mais interessante é que muitas delas dizem que não precisam disso, pois "todo mundo sabe que elas estão na prisão", ao que nós argumentamos que é uma regra, para que todos fiquem resguardados. Depois ressaltamos o fato de que elas podem ou não responder às questões que são colocadas, que têm toda a liberdade para falar o que quiserem. E quando percebemos certo embaraço ou timidez, asseguramos que em hipótese nenhuma seriam "julgadas moralmente" por nós (Diário de Campo, 2015).

Isso significa que, na entrevista individual, busca-se uma atitude de neutralidade no julgamento de qualquer situação revelada, prevalecendo uma postura de acolhimento e solidariedade, porque, de alguma forma, aquilo que é relatado nessas conversas são retalhos de vida, feridas quase sempre muito dolorosas, que são confiadas aos pesquisadores. Algumas se oferecem espontaneamente para falar, outras são requisitadas a falar em determinado dia, mas nenhuma delas se negou a participar das entrevistas, embora soubessem que não existia obrigatoriedade em prestar esses depoimentos devido à participação na oficina – detalhe bastante observado desde o primeiro dia do funcionamento do projeto.

> [...] tratar com pessoas "de carne e osso", olhar nos olhos de nossas entrevistadas levanta uma célebre questão já abordada por Simmel (2006), que é a do segredo. Quando nos deparamos com cada uma delas, individualmente em suas falas, sempre fica no ar a pergunta de que até que ponto aquela revelação é "real", e em que recônditos se encontra a revelação e em quantos outros se esconde o segredo. Como é processado o discurso que cada uma dispõe para a pesquisadora? Que segredos cada uma delas esconde e que partes da verdade são reveladas? (Diário de Campo, 2015).

Existe um comportamento diferenciado e muito nítido entre o grupo de entrevistadas: aquelas que são traficantes parecem se orgulhar de seu "trabalho", forma como quase sempre se referem à sua atividade, ou ainda como "ramo". Falam abertamente de suas ações, de suas ousadias em fazer a guarda como refém, por exemplo, tentativas de fuga e outras peripécias. Uma delas chegou a dizer que a filmagem dela sendo presa com o namorado em um hotel de Curitiba estava no *YouTube* para quem quisesse ver. Já as que cometeram outro tipo de delito, como homicídio, por exemplo, têm uma atitude mais reservada nas entrevistas, omitindo detalhes sobre sua participação no crime e assegurando sua inocência.

Estas últimas preferem falar sobre outros fatos de sua vida, procurando escapar de perguntas mais diretas sobre o crime que cometeram. Nesse sentido, "o segredo como um conjunto de relações intrinsicamente ligado à sua contrapartida a revelação, [...] pode assumir a forma de traição e cuja expressão é sempre muito complexa e significativa para a sociedade e para a cultura" (Maldonado, 2011, p. 98). Esta autora acrescenta que:

> Do ponto de vista sociológico, a importância e as tonalidades culturais que o binômio ocultação/revelação assume em cada confrontação histórica e local, superam a valoração moral que delas se possa fazer. Sociologicamente mais do que um conteúdo, um objeto unicamente de ocultação que uma vez revelado se esvaziasse e perdesse o sentido, o segredo é toda uma dinâmica comunicativa, feita de retóricas, de silêncios, de transparência, de opacidade e também de certas formas de revelação, estando entre seus possíveis mecanismos, a mentira e a malversação (Maldonado, 2011, p. 98).

Ainda segundo esta autora, o segredo não significa apenas ocultação, exclusão ou distanciamento, mas implicaria em atitudes como o silêncio, a cooperação, a confiança sem os quais seria difícil viabilizarem-se as relações sociais. Essas atitudes, normalmente, são produto de processos educativos em que são reproduzidas as normas sociais, estando intimamente ligadas à ética e moralidade sociais. Nesse sentido, a "forma social pura e a transparência total são ideais em princípio inatingíveis, devendo as pessoas conhecer-se para que a confiança se construa e para que a interação se viabilize" (Simmel, 2006 *apud* Maldonado, 2011). Porém, Simmel alerta que essa relação implica igualmente em certos níveis de ignorância e ocultação mútuas.

Assim, pode-se inferir que em todas as interações sociais sempre se estará lidando com segredos, ocultações e "meias-verdades". Ainda mais em se tratando de pessoas em privação de liberdade que precisam preservar sua autoimagem e, de certa forma, precisam "performatizar" suas trajetórias de vida para o pesquisador, narrando (e ocultando) os conteúdos mais apropriados para a construção de seu personagem, ainda que muitas vezes de forma inconsciente.

As entrevistas, que podem ser consideradas semiestruturadas, iniciam com algumas perguntas básicas retomando alguns itens da entrevista inicial, em que elas preencheram em uma ficha. Depois, seguem outras questões mais complexas a fim de que possam dar vazão às suas narrativas – com relação à infância, adolescência, e relacionamento com os pais e outros parentes. Outra pergunta que faz parte do rol da entrevista é a de como se sentem estando em situação de privação de liberdade.

Essas perguntas são meramente norteadoras da conversa que se desenrola entre a interna e a pesquisadora, pois os depoimentos que são obtidos, para além das anotações objetivas, sempre se mostram plenos em conteúdos não verbalizados, expressões corporais e manifestações de sentimentos. Neste capítulo, procurou-se manter os depoimentos o mais próximo e mais completo possível do que foi relatado por elas, porque se considera que o conteúdo das entrevistas juntamente com o corpus fotográfico realizado (e apresentado no capítulo IV) representam o "coração" da tese, sua parte mais viva e significativa, sem o qual o presente estudo não passaria de um documento acadêmico inerte, sem interesse científico ou mesmo humano.

Convém observar que algumas entrevistas, especialmente as últimas, ficaram incompletas devido à mudança de direção na unidade feminina naquele ano. Essa nova diretoria não permitiu que a equipe voltasse ao presídio para a continuidade das atividades e, principalmente, para o término das conversas com o grupo com o qual se vinha trabalhando, a fim de complementar os dados para os depoimentos que tiveram um papel fundamental nas análises constantes neste trabalho.

Nas entrevistas que se seguem no próximo capítulo, realizadas com as participantes da Oficina de Fotografia, destacamos uma frase inicial – a que mais impactou a pesquisadora em suas conversas com cada uma delas –, e um retrato (*portrait*) que foi alterado artisticamente para preservar suas identidades, além do nome fictício que cada uma escolheu para se apresentar. As alterações seguem em outras imagens de portfólios mais adiante, com o mesmo objetivo.

4.2 TRAJETÓRIAS DE VIDA

4.2.1 Rafaela

> "A pessoa só entende o que é a prisão quando sente em sua carne" (Rafaela, 2015).

Foto 13 - Rafaela - Portfólio "Retratos"



Fonte: acervo pessoal da autora (2015).

Natural do interior do estado, com 25 anos, Rafaela foi casada, e tem uma filha de sete anos que mora em sua cidade com a cunhada e o irmão. Tem Ensino Médio completo, era espírita e hoje é evangélica, devido à influência de seu pai, que era evangélico, "converteu-se" antes de entrar na prisão – diz que não foi em função de estar presa, mas porque teve encontros verdadeiros com Deus. Nunca recebeu um abraço da mãe, que sempre a castigou e descarregava sua violência sobre ela, e faz dois anos e meio que não a vê. Afirma que não consegue sentir amor quando olha uma foto da mãe, porque ela também não tem afeto pela filha nem pela neta – essa é sua grande mágoa.

Acha que o mau relacionamento com a mãe é o motivo que a leva a fazer "coisas erradas". O marido tentou matá-la com uma faca, e a mãe não fez nada para protegê-la, ao contrário, virou as costas, fechou a porta e foi embora, por isso tem um sentimento de rejeição por ela. Chorando, diz "não morri por Deus", pois o marido tentou várias vezes matá-la, e ela escapou. Sobre o pai, diz que ele é digno, honesto, trabalhador, motivo de orgulho e um exemplo de vida. O pai e a mãe são separados há cerca de quinze anos. Diz que também quer ser motivo de orgulho para o pai.

Ela é a mais velha de cinco irmãos, e ajudou a criar os dois últimos, oito e dez anos mais novos. Começou a trabalhar ainda com onze anos, e aos 15 teve o primeiro registro em carteira profissional. Não teve infância, pois somente trabalhava e cuidava dos irmãos. Casou-se com dezesseis anos, engravidou, viveu oito anos com o marido, que era bem mais velho que ela. Apanhou durante a gravidez, foi traída, e maltratada por um amigo do marido que a jogou no chão quando estava grávida, a mando dele. Dos oito anos que viveu com o marido, a maior parte ele passou preso por motivo de assalto no interior do estado. Inicialmente, se sentia protegida pelo marido, pelo fato de ser mais velho, depois "começou a sofrer na mão dele".

Quando foi presa em 2012, seu ex-marido passou a viver com outra: "Eu era feliz quando ele estava preso, pois podia dirigir e trabalhar". Vendia roupas de grife com CNPJ registrado – comprava roupas em outras cidades e as revendia. Achava que a felicidade era ter um carro, o apartamento e outras "coisas que conquistei". Depois do marido, teve outra pessoa, um empresário, também mais velho – tinha 48 anos na época, quando foi assassinado. Ficaram dois anos juntos, e hoje em dia tem pesadelos, em que ele aparece chorando ou carinhoso, em uma tentativa de comunicação.

Seu maior sonho é cursar uma faculdade de Direito. Acredita que não conseguiu pois faltou apoio da família, mas ressalta que esse desejo é anterior ao fato de estar presa. Comenta que a avó tem faculdade, é uma pessoa culta. Quer ter estabilidade, uma "vida digna" quando sair da prisão. Em 2014, passou no ENEM, mas não com nota suficiente para fazer o curso de Direito, e não pretende fazer qualquer outro curso.

Há um ano no presídio em Piraquara, não revelou detalhes quanto ao delito e a pena correspondente. Vai haver um novo júri e, a partir daí, saberá a quantidade

de anos que ainda deverá cumprir. Pensa em reassumir a filha, estudar e trabalhar, recompensar a vida perdida e afirma que quer ser motivo de orgulho para o pai. Conta que ele é quem a sustenta e à sua filha e, quando vem visitá-la, abraça e chora muito, ao vê-la nessa situação.

Rafaela participa espontaneamente da segunda entrevista. Nos procura demonstrando uma necessidade de falar sobre sua vida. Tem grandes olhos claros, que ficam ainda mais evidentes em contraste com um gorro laranja da mesma cor da blusa do uniforme. Carrega sempre nas mãos uma toalhinha, com a qual enxuga as lágrimas em alguns momentos da conversa. Percebe-se que ela tem muita dificuldade em falar sobre o que aconteceu, falar do seu crime. Então, a pergunta inicial é como ela se sente no presídio, como isso se reflete em seu íntimo. Ela começa dizendo que já cumpriu três anos de sua pena, inicialmente no interior do estado onde foi presa em 2012, e está há um ano na PCEF.

Nos primeiros dias, se sentia anestesiada, como se estivesse em um sonho, em uma situação irreal. Quando "a ficha caiu", estava decidida a cometer suicídio, devido ao seu desespero. Uma companheira de cela, uma senhora mais idosa, a ajudou a superar esses primeiros momentos. Ainda hoje, tem momentos em que chora, soluça e coloca a toalha na boca para não ser ouvida pelas demais. Diz que gostaria de viver de uma forma digna, e ali não consegue. Na maior parte do tempo, diz que não ri, é fechada, não vai ao pátio tomar sol, e sua tristeza é grande. Não consegue entender como as demais sorriem, parecem ser felizes, mesmo tendo filhos que estão lá fora. Em um ano, só viu sua filha, de sete anos, uma vez,

Diz que hoje "dá valor a um grão de arroz", pois o que mais sente no presídio é a precariedade da alimentação. Toma vitaminas para suprir a carência de nutrientes, e o que mais quer é ter dignidade na alimentação. Diz que colocam salitre na comida para saciar o apetite das presidiárias, e seu estômago dói em função disso. O irmão, em uma visita, trouxe alimentos, frutas e biscoitos, tudo muito arrumado (neste trecho, se emociona muito e chora). Explica que o salitre na comida é devido ao fato de que há internas com crise de abstinência, e esse ingrediente sacia mais rapidamente a fome – é uma medida para que não comam demais. Algumas têm regalias, segundo ela, "comem de tudo, bife, pudim, etc.". Reclama também que muitas delas requisitam maquiagem à direção, ao invés de comida: "Preferem ficar bonitas para suas namoradas, ao invés de reivindicar uma melhor alimentação".

Ela é totalmente contra o relacionamento homossexual, diz que a carência lá dentro não justifica este comportamento. "A coisa que mais quero é ir embora", repete enfaticamente. Comenta sobre a hierarquia existente no presídio, porque há internas que dizem "meu marido é mais criminoso que o seu", ou "eu não fui pega roubando calcinha". Há confrontos verbais, disputas, realçando qualquer detalhe que as diferencie, como a roupa que usam, se o uniforme é o da prisão ou foi a família que comprou, ou pela marca de tênis, etc.

"Eu fiz *uma* pelo crime e você?", segundo ela é o comentário mais comum que se ouve ali, explicando que isso quer dizer que a pessoa tem posses, tem dinheiro que ganhou através do crime, antes de ser presa. Outra frase que chama a atenção é que "tudo o que a senhora está vendo aqui é teatro, aqui estão os melhores atores interpretando personagens". Diz que o que aparentam durante as aulas, a alegria e a união, é apenas representação, no dia a dia se comportam de forma diferente, sequer cumprimentam umas às outras. Tem chorado "lágrimas de sangue", e não imaginava o que era estar presa. "Muitas vezes me sinto melhor em companhia de uma guarda do que com as colegas", conclui.

4.2.2 Junior -

"A linha do crime é uma linha reta, não tem curva" (Junior, 2015).

Foto 14 - Júnior - Portfólio "Olhos são janelas da alma"



Fonte: acervo pessoal da autora (2015).

Júnior, seu nome social, assume sua identidade como transgênero. Suas roupas, corte de cabelo e comportamento são compatíveis a de um rapaz. Quase sempre está vestido de bermudas e camiseta, independente do frio que esteja fazendo. Tem trinta anos, é natural de uma cidade no interior do estado, está em união estável há cinco anos e meio com outra interna que "mora" na mesma cela com ele. Sua companheira já tinha sido presa uma vez, fugiu e voltou a ser presa. Finalmente, foram presos juntos.

Estava na outra unidade do presídio feminino (PFP), onde ficou por dois anos. Pediu para ser transferido para poder ficar junto com a companheira na PCEF, onde diz que a "tranca (solitária) é mais suave", e a chefe de segurança e a diretora são mais humanas e compreensivas. Na outra unidade, não podia levar shampoo, sabonete e objetos de uso pessoal, "aqui o tratamento é diferenciado"; está mais tranquilo por poder "tirar cadeia sem pressão psicológica". Na primeira vez em que foi preso, "caiu" por ter assumido a responsabilidade pelos delitos da sua companheira.

Seu intuito, como o de todas, é o de fazer remição, para "se livrar logo do presídio" – "Nesta unidade tem muitas formas de se virar, de trabalhar, estudar para conseguir remição". A partir da pergunta de quantas presas ficam em cada cela, conta que há quatro ou cinco "jegas" (camas) em cada uma, e passa a descrever a organização dentro do presídio até o final da primeira entrevista. Ficou tão imbuído dessas informações que os relatos sobre sua vida pessoal acabaram ficando em segundo plano.

Relata que no segundo andar fica o "seguro", são as presas que cometeram crimes considerados bárbaros, inaceitáveis para as outras, como morte ou abuso de criança, de idosos, etc. Elas ficam isoladas e não convivem com as demais, que não toleram atos que vão contra a "lei do crime". A mesma coisa seria relacionar-se com uma guarda municipal que tivesse cometido um crime, diz: "Preso e polícia é como água e óleo, não se misturam". O pai, militar, sempre "deu de tudo, carro, moto, apartamento, etc.". Também estudou em colégio militar, assim como os outros irmãos. Começou como "aviãozinho" (entregador) no tráfico de drogas, apesar de estar trabalhando em emprego formal no ramo de hotelaria, onde esteve por onze anos em hotéis de prestígio, e era gerente de alimentos e bebidas quando foi preso.

Fazer os "corre" (tráfico) com as drogas, administrar um setor, ter gente trabalhando para ele, aparentemente, foi o que o seduziu no *mundo do crime*, como "um bom administrador". Foi se envolvendo a partir do momento em que conheceu sua companheira: "fui absorvendo, administrando, tomando para mim". Sua companheira foi presa por ser assaltante de banco; e Júnior pegou 14 anos por tráfico, associação e porte restrito de arma, mas já baixou para 12, em função das remições, em que foram "abatidos" oito meses. Explica que a cada três dias trabalhados, tem direito a um dia de remição, e, em caso de trabalho na cozinha ou na faxina, cada quatro meses trabalhados rendem um mês de remição, ou seja, a pena é diminuída.

Descreve como se articula o mundo das drogas, dizendo que cada espaço tem um dono, podendo haver até vinte donos em um "tabuleiro" (local de tráfico). Há um arrendamento de espaços, a duzentos reais por pessoa. Há uma divisão do "tabuleiro", assegurando que é tudo muito organizado – os tabuleiros são divididos entre os donos das "biqueiras" (local específico de cada traficante), que prefere chamar de "lojinha", por ser um termo mais comumente usado, mais "educadinho", segundo ele.

Revelou que há uma organização dentro do presídio, com as "cabeças da cadeia", líderes que representam a massa perante a direção. Na unidade em que está, há seis ou sete lideranças que atuam junto à direção para conseguir benefícios para as demais, essas lideranças são ligadas ao PCC. Afirma que nada é imposto, tudo é negociado. Relata que há regras de convivência no presídio, como em qualquer lugar. Há também respeito pelas companheiras de cela – "ninguém vai sair pelado do banho, na frente de um casal, para causar constrangimento ou mesmo ciúmes". Sua companheira o havia ensinado todas as regras de convivência mesmo antes de ele ser preso, pois já tinha muita experiência em viver no presídio. No "nosso barraco", como se refere à cela, convivem quatro pessoas, dois casais, em que os "homens" são os que trabalham na limpeza do cubículo, eles apenas pagam para outras detentas lavarem suas roupas.

Afirma que as imagens sobre presídios que aparecem em filmes ou novelas na TV não são reais, não há lideranças despóticas, ou se havia era muito antigamente, antes do PCC, onde predominava a lei da selva. "Para tudo tem que ter um aval, por exemplo, pra bater 'volume 10' (onde há permissão para se bater em alguém durante 10 minutos), isso só pode ser feito da cabeça para baixo",

exemplifica. Segundo ele, o crime tem uma organização meticulosa, "é preciso caminhar reto no crime". Ao iniciar no tráfico e em seus meandros, Júnior ficou fascinado com esse *mundo*.

Na segunda conversa com ele, as outras estudantes estavam participando de uma oficina de automaquiagem com uma professora convidada, e todas estavam muito envolvidas na atividade de arrumar o cabelo, usar sombra e batom, para posteriormente serem fotografadas. A aula em questão se refere ao conteúdo sobre retratos ou *portraits* na oficina de fotografia, e todas estavam muito empolgadas com a professora que aplica os produtos e as incentiva a trabalharem em duplas, se revezando nas técnicas de maquiagem e fotografia. Júnior apenas observa de lado, criticamente, porque não participa deste "universo feminino", e se nega a ser maquiado ou colocar qualquer acessório. Em um certo momento, diz a uma colega que está sendo fotografada, que ela tem *sex-appeal*, mas que sua companheira não pode saber desse elogio, "porque senão dá B.O" (Boletim de Ocorrência), em outras palavras, confusão.

A partir desse comentário, inicia-se um diálogo sobre a diferença entre beleza e fotogenia e que, necessariamente, as duas características não andam juntas. Júnior fala quase o tempo todo de sua companheira que foi transferida recentemente para a outra unidade feminina, e que ele está muito ansioso para ser transferido também para lá, para poder ficar ao lado dela. Comenta novamente as diferenças entre as duas unidades, e diz que "lá é mais linha dura". Nesta unidade, pode andar "à paisana", que é calça cinza e camiseta branca, "mas na outra não, somente o uniforme é permitido, e todas as regras são mais rígidas".

Fala do sistema prisional e do funcionamento do *mundo do crime* com muita propriedade e segurança. Explica todo o processo desde quando a detenta chega na unidade, ficando no convívio – que é o período de trinta dias em que é feita a triagem. Toma sol três vezes por semana durante uma hora e não convive diretamente com as demais. Fala também sobre a temível "tranca" (castigo) em que a gravidade da falta determina a quantidade de dias em que se fica preso, uma espécie de "solitária". A "caiçara", que é o fumo de corda, dá dez dias de tranca, o "estalinho", que é fio de luz usado para acender cigarro, dá mais tempo, assim como o "dragão", que é o isqueiro. Se forem pegos fumando ou usando esses recursos, vão parar certamente na "bocuda", que é o outro nome para a "tranca".

À pergunta como é que o fumo, as drogas, e o celular entram na cadeia, ele responde que "tendo dinheiro, você pode ter qualquer coisa aqui, comer do bom e do melhor, ter os 'gole' (bebidas), drogas, tudo". Perguntamos como era feita a repressão à entrada desses produtos, ao que ele responde que é a "caça do gato e do rato" – eles fazem "os corre" (tráfico) e a guarda tenta reprimir, evitar que esses produtos entrem e sejam consumidos: "Lá fora 50 gramas de droga custam quatrocentos e cinquenta reais, chegando a custar setecentos reais, dentro do presídio. Cada tampinha de coca-cola (para medir a droga) vale cinquenta reais, já um celular pode variar de três a seis mil reais".

É retomada a conversa sobre as lojinhas ou "biqueiras", locais onde acontecem o tráfico de drogas. Júnior diz que, no arrendamento que é feito, é pago proporcionalmente ao rendimento do local, que, em média, é de três ou quatro mil reais ao dia. Tem as despesas com os "funcionários", com a compra da droga, e o pagamento com estes pode ser na base de 50/50 ou 70/30. Ele explica que o lucro pode ser meio a meio (50/50), e que, no segundo caso, o dono da lojinha tem de pagar o "gravata" (advogado) e a "jumbada" (sacolas para os presos), no caso de caírem nas mãos da polícia; enquanto que no primeiro caso a responsabilidade não recai sobre o dono do ponto. "O tabuleiro" (território) que é arrendado custa em média dois mil reais, e cada quadrado, partes do tabuleiro, duzentos reais. Conta que, em seu "ponto" no centro da cidade, nunca aconteceu nada de errado, senão "era pau no gato", ou seja, o infrator receberia um corretivo ou alerta. Esse corretivo pode ser desde uma advertência, ou uma surra ("volume dez") até a eliminação dessa pessoa, quando, por exemplo, ela fica "arrastando" uma dívida de droga, "entra no prazo" (atraso no pagamento), ou quando fica "pulando de galho", não pagando as dívidas de droga a vários credores. Esse processo segue algumas etapas, começando com o "prazo", depois o "gancho", e finalmente o devedor é excluído do grupo "com repúdio ou sem repúdio" (com morte ou sem). Afirma que "a palavra de bandido não faz curva", ou seja, se prometeu algo, tem de cumprir sob pena de sofrer graves consequências.

Sobre sua companheira, de quem fala com grande admiração, diz que era uma liderança ali na unidade, e que "levantou" o local, "botou adianto", querendo dizer que conseguiu benefícios junto à direção para as internas. Ela é considerada uma "companheira leal" pela organização, todos se sentem revoltados com a sua transferência. Mas, ao mesmo tempo, diz que ela "bate de frente", não sabe

negociar, ao contrário dele, que é da paz e procura resolver tudo na base da conversa.

Quanto à organização, ou irmandade, há contribuições mensais que todos fazem, uma espécie de caixinha, dando uma porcentagem dos lucros ("cebola") para que eles possam pagar o "gravata" (advogado), passagens quando necessárias (aéreas ou terrestres) para parentes de presos, ou até para a compra de armamento para assaltos. Mesmo preso, o traficante continua a fazer "os corre", continua em "sintonia" com o mundo lá fora.

Sobre sua vida pessoal, diz que "minha vida é meio complicada, meu pai nunca me assumiu, sempre me renegou". Explica que sua mãe, falecida aos 46 anos era muito bonita, e o pai, com ciúmes, a acusou de que Júnior seria filho de outra pessoa, o que mais tarde ficou comprovado através de testes de DNA, que não era verdade. Um tio, sempre presente na vida de Júnior, é considerado como seu verdadeiro pai. Já com o pai biológico, não tem contato, referindo-se a ele como um "tosco", um "ogro". A família sempre teve boas condições financeiras; assim, os quatro filhos sempre tiveram tudo o que precisavam, e até mais, como carro e moto desde cedo.

Quando nasceu, "era do tamanho de uma lata de azeite", teve coqueluche e vários problemas de saúde. Os médicos consideravam que ele não iria sobreviver. Conseguiu, mas sempre sob cuidados médicos e vigilância da família; só passou a se alimentar de sólidos a partir dos sete anos de idade. "Fui criado trancado, sufocado, um modo de vida muito vigiado", diz. O irmão mais velho sempre cuidou dele; apesar disso, começou a consumir cocaína desde os 13 ou 14 anos, que funcionava para ele como um anestésico para as dores que sentia. A cocaína, afirma, "não era para ir a baladas, mas para levar uma vida normal, trabalhar e estudar mais relaxado". Agora não consegue mais comprar drogas, nem nas ruas, nem no presídio; a companheira "não me deixa nem chegar perto de drogas, bloqueou todo o meu acesso".

Júnior foi preso quando foi comprar o café da manhã, e sua companheira foi presa simultaneamente. Quem os entregou foi uma moça que morava na sua casa e era tida como uma filha adotiva. Sobre ela, ele diz que conseguiram "levantar a lebre" (informações), e sabem onde ela está, em que cidade mora e com quem. Ela estava grávida na época, por isso foi poupada, mas ele sugere que não será por muito tempo.

Detalhando essa questão, diz que existe um tribunal que funciona de forma bastante rígida, é necessário haver documentação e testemunhas para provar "o delito" de alguém ligado à organização. No caso dessa moça que os delatou, foi feito um levantamento minucioso durante oito meses, e ela foi declarada culpada, ou seja, o destino dessa moça, seja ela quem for, já está previamente delineado. Ele também conta que existem "contratos de gaveta", registrados em cartório, para documentar os espaços do tráfico. Ante o espanto de como isso é feito, como é possível registrar em cartório um espaço onde se faz a prática de crimes, ele diz que oficialmente é registrado como a venda de uma cômoda de antiquário, ou outro objeto de alto valor, que dá a "fachada" para a verdadeira negociação.

Voltando à sua vida pessoal, diz que os irmãos não vêm visitá-lo, e o tio que o tem como um verdadeiro filho não pode vir, porque é policial. Seu irmão de 35 anos é o único que continua a vê-lo, e o considera como seu verdadeiro herói – tem uma ligação muito grande com ele e com o companheiro com o qual o irmão é casado. Sobre sua infância e adolescência, lembra que foi assediado por uma professora quando tinha onze ou doze anos. A partir daí, assumiu totalmente sua homossexualidade. A única coisa que o incomoda são os seios, que pretende retirar porque não se identifica "estando" em um corpo de mulher.

Na infância, era disléxico, pois escrevia de "trás para frente", e tinha uma forma diferente da lógica seguida pela escola, por isso vivia acompanhado por psicóloga e assistente social. Apesar disso, tirava notas altas. Terminou o Ensino Médio aos quatorze anos e entrou no curso de Administração aos dezoito anos em uma capital do nordeste, e concluiu esse curso no Paraná. Depois de formado, foi para o ramo de hotelaria, onde teve bastante sucesso profissional. Diz que não tem privilégios no presídio por ser formado, porque esses funcionam até que o réu seja condenado, mas nunca aceitou os privilégios "porque não queria ser visto com outros olhos".

Sobre sua companheira, diz que "ela nunca ficou com homem por vontade própria, mas foi estuprada aos onze anos de idade, porque foi comprada por dívida de droga, e ficou grávida aos treze anos". A partir daí, ela também assumiu a homossexualidade e teve vários casos. Mas nunca teve alguém como ele, diz, que garante ser leal e fiel a sua companheira, que a apoia e protege como sua esposa – são casados há sete anos, através de união estável. Ele pretende legalizar essa

união depois que forem soltos. Sabe que é amparado pela legislação, e no presídio faz questão de reivindicar: "vou atrás dos meus direitos".

Sobre a situação de outras mulheres no presídio que assumem o gênero masculino, os chamados "paizinhos", diz que se tornam assim não por serem verdadeiramente homossexuais, mas por conveniência, porque "paizinho não passa necessidade, eles se vendem, são como gigolôs" (as companheiras os sustentam). São "pais gays", diz entre pensativo e divertido.

4.2.3 Nicoly

"Vou andar no mundo do crime que é onde eu sei viver" (Nicoly, 2015).

Foto 15 - Nicoly - Portfólio "Retratos"



Fonte: acervo pessoal da autora (2015).

Ao longo das aulas, Nicoly se mostra muito expansiva, fala alto, se expressa muito bem e não tem medo de ser ouvida pelas demais em seus comentários pessoais. Não evita nenhum tipo de resposta e olha firmemente nos olhos de seus interlocutores. No dia em que foi entrevistada, estava bem maquiada, seu uniforme impecavelmente limpo. Ela cumpre pena de onze anos por tráfico e assalto à mão armada, destes já cumpriu dois anos. Quando estava no centro de triagem, tentou fugir. Considera a prisão um lugar indigno para se viver, humilhante, e espera sair no próximo ano.

Esta conversa se deu enquanto as demais participantes do grupo faziam a prática fotográfica com o outro professor da oficina. Era um dia muito frio e úmido e no local em que se dava a entrevista – um corredor que funciona como sala de aula – entrava vento pelas frestas das celas vazias, que são usadas para as "visitas íntimas". A umidade entrava pelos pés e fazia doer os ossos.

Ela tem vinte e cinco anos e nasceu no interior do estado, não é casada oficialmente, e tem dois filhos, um menino e uma menina. A primeira coisa que disse é que tem um relacionamento com uma mulher há dois anos, e vive com ela na mesma cela. Pela primeira vez, demonstra um pouco de constrangimento, rindo um pouco "sem graça". Diz que antes de ser presa era hetero e muito preconceituosa, e atribui o fato de atualmente ter um relacionamento homossexual a uma decepção amorosa. Quando o ex-namorado foi preso, Nicoly conseguiu uma advogada para ele, e o final foi digno de roteiro de novela: o namorado acabou se envolvendo com a advogada, tendo um "caso" com ela.

O relacionamento que tem atualmente, começou como uma amizade, as duas estavam no mesmo "X" (cela), conversavam muito, ela estava desesperada e a amiga deu apoio psicológico e afetivo. Acha complicado falar sobre esse relacionamento com a família, ou mesmo apresentar a companheira, principalmente para a avó. Conseguiu contar para a mãe, mas considera que é um relacionamento que sobrevive no local restrito, somente no presídio, não sabe como vai ser quando for solta. Fala constantemente e com muito orgulho sobre a mãe, que é professora, formada em Pedagogia. Na primeira vez em que foi presa, a mãe deu todo o apoio, mas como já "caiu" três vezes, agora a mãe a penaliza não levando os filhos para visitá-la, pois é ela quem cuida das crianças. Sua mãe chegou a comprar uma casa para que Nicoly não se sentisse dependente e tivesse sua própria vida. Afirma que não gosta de depender dela, que só quer sobreviver da "renda" que o crime fornece.

Nasceu e morou até a adolescência em um sítio, com uma família grande pois considera tios e primos como sendo sua família, e não apenas pai e mãe. Sua família sempre teve um perfil tradicional, seu avô era muito conhecido no lugar, e o local onde ele morava era conhecido como a fazenda "dos Flores" (nome fictício). O irmão casado também assumiu os sobrinhos como se fosse o próprio pai; leva as crianças para passar o final de semana em sua casa, e sua cunhada também gosta das crianças e demonstra carinho por ela, enviando fotos e presentinhos para o presídio.

Volta a falar da mãe, dizendo que ela teve seu primeiro registro profissional aos quinze anos, como professora de uma escola rural. Depois de sua formação em Pedagogia, fez pós-graduação, e continua lecionando até hoje. Nessa altura da entrevista, fala de como se envolveu com o *mundo do crime.* Sem parar para pensar, ela diz que sabe exatamente em que momento aconteceu a virada em sua vida: com a separação dos pais quando tinha dez anos, veio com a mãe e o irmão para Curitiba, onde passaram por muitas dificuldades financeiras, chegando a "passar necessidade", segundo ela.

A mãe dava aulas o dia inteiro, e o irmão ficava com os amigos na escola. Com isso, ela ficava sozinha em casa a maior parte do tempo. Com doze anos, começou a ficar na rua, com colegas; resolveu que ia ganhar seu próprio dinheiro e comprar roupas de marca; passou a entregar panfletos de propaganda; e também começou a fumar maconha já nessa idade. Daí para começar a vender crack foi apenas um passo. Atribui também esse movimento com o fato de ter ficado muito revoltada com a mãe, culpando-a pela separação. Gostava muito do pai, com quem "era grudada". Diz que sua família era perfeita, mas com a traição da mãe, a separação foi inevitável. Nunca se conformou com esse fato, pois diz que o pai, apesar de ser agricultor e iletrado, sempre apoiou e financiou os estudos da esposa. Quando a mãe descobriu que ela era uma pequena traficante, "levei uma surra muito grande e a denunciei ao Conselho Tutelar", relata.

Na segunda entrevista, Nicoly chega espontaneamente para a conversa. Como sempre, é expansiva, tem um timbre de voz grave e claro, sua postura é a de determinação e autoconfiança. Também, as suas ideias na fotografia são arrojadas; para o trabalho de final do curso, vai fotografar expressões dos olhos, quer mostrar através da fotografia, como os olhos transmitem emoções.

À pergunta de como se sente no presídio, ela responde "aprendi aqui dentro a me impor". Durante os cinco anos que está "puxando cadeia", vem e volta, ficando somente um ano fora. Diz que não tem "faltas" perante as outras presas. Sua "caminhada" junto às outras presas é limpa, nunca roubou nada ou "dedurou" alguém para a guarda – "Tenho que colocar o meu respeito, manter o meu nome, como prova de caráter", alega.

Antes de vir para a prisão, qualquer pessoa que gritasse ou falasse mais alto, ela abaixava a cabeça (faz o gesto), depois mudou, aprendeu a questionar e impor respeito. Sobre as regras de convivência na prisão, diz que são muitas, mas as principais são apenas duas: "Não roubar, não pegar nada da outra colega, pois o varal é coletivo"; a outra é a "caguetagem", dizer que alguém fez algo errado para a guarda ou alguém da hierarquia. Também há outras regras normais, como o respeito à colega de cela e a higiene pessoal.

Fala enfaticamente sobre a questão do "seu nome como algo a se manter, a cultivar, uma questão de respeito", pois é muito conhecida na prisão. Quando manda um "salve" (recado ou recomendação) para alguém, para um outro preso, todo mundo sabe quem ela é. Quando vai para uma audiência ou consulta no CMP no município de Quatro Barras, sai com o "bonde" (escolta), e vão no mesmo carro cerca de quatorze homens e mulheres, separados por uma placa de ferro na Fiorino, carro fechado próprio para levar os presos. Ali eles se comunicam através da placa, trocando informações e mensagens.

Tentou uma fuga em 2010 com outra presa, fazendo duas guardas como reféns, mas desistiu quando viu uma terceira guarda armada com uma espingarda calibre 12 lá fora. Recuou, voltou atrás. Depois disso, seu nome ganhou credibilidade na prisão, mas para a mãe – quando soube, foi motivo de vergonha. Explica, então, que há dois mundos: no mundo do crime ela é considerada (respeitada), porque tem atitude, é fria ("é morrer ou matar"), tem coragem e uma calma calculada.

Hoje em dia, diz que tem uma estabilidade com o seu nome, "cansei dessa vida, só quero que ninguém se lembre de mim, só penso em sair daqui". Desde o momento em que se tem uma companheira, é considerada casada, deve o respeito àquela pessoa. Quanto a isso, diz que é a "menininha da relação" e que "rola muito ciúmes", porque são muitas presas convivendo no mesmo espaço.

O fato abaixo ocorreu enquanto era realizada a entrevista, e as demais estudantes trabalhavam em tarefas da aula de fotografia, com o outro professor:

> Todos foram surpreendidos neste dia com o retorno de "Maguila", que esteve por duas vezes na "tranca" (solitária), durante a realização do curso de fotografia. Ela foi recebida com as boas vindas por parte dos professores, pois sempre foi muito interessada nas aulas, participando ativamente e realizando todas as tarefas solicitadas. Em certo momento, sentindo esse clima de receptividade, voltou-se para nós professores, e disse: "vocês acreditam que eu voltei para a "tranca" somente por causa de um pombinho"? No primeiro momento não nos demos conta do que ela estava falando, pois nossa atenção estava dividida entre muitas demandas. Mas fomos informados mais tarde que ela havia degolado um pombo durante o banho de sol no pátio, para o horror de todas, internas e guardas, alegando que o pássaro "a estava incomodando, e há algum tempo já a estava perseguindo, entrando inclusive em sua cela". Versão negada por ela. Gradativamente, com o passar das semanas, esse fato foi virando "piada" a ponto de fazerem brincadeiras, com todo mundo rindo, inclusive a própria "matadora de pássaros", embora estivesse ainda um pouco constrangida (Diário de Campo, 2015).

4.2.4 Alana

> "Naquela fase eu só queria música, dinheiro e diversão" (Alana, 2015).

Foto 16 - Alana - Portfólio "Retratos"



Fonte: acervo pessoal da autora (2015).

Alana é tímida, fala baixinho e é sempre a primeira que chega para as aulas de fotografia. Vem sempre com um acessório diferente, pois faz aulas também de artesanato. Seu relato, porém, é um pouco truncado e confuso. Tem 29 anos, é natural de Curitiba, e diz que não tem religião, mas crê em Deus – se fosse escolher uma religião, teria preferência pela evangélica.

Foi amasiada e tem três filhos de pais diferentes; também morou junto com vários homens, segundo ela. A primeira filha, que tem dez anos, foi planejada; tem outros dois filhos, meninos de dois e sete Anos – "Eles não foram planejados, foram gerados em situações outras, durante festas em boates". Nessas boates, em várias cidades, ela normalmente fazia "programas", mas só ia quando queria se divertir. Com os clientes, só bebia água e suco; só começou a beber recentemente aos vinte e cinco anos. Quanto à filha, diz que "é a única que tem realmente", mora com sua mãe, e os meninos vivem com outros parentes e quase não tem contato com eles. Teve um namorado obsessivo, que a perseguia e queria registrar o filho em seu nome, "ele fez uma bola de neve da minha vida". Sobre o menino, que diz ter "mais

ou menos sete anos", e mora com a avó, só o viu de longe, mas ele agora quer saber da mãe, sente sua falta.

Conta que foi violentada aos treze anos pelo ex-marido de sua avó, já falecido, e foi acusada, inclusive, de tê-lo matado. A própria avó encobria os crimes de pedofilia desse homem, e, pelos atos dele, acabou sendo expulsa do bairro em que morava. Diz que não o denunciou porque a mãe a impediu, temendo um escândalo. A família toda a rejeitou; suas tias inventaram muitas mentiras a seu respeito.

Acusada como mandante da morte também de uma prima, foi presa e julgada pelo júri popular. Sobre esta prima, diz que tinha mágoa dela desde criança, pois "aprontava sempre", dizendo, por exemplo, que Alana era prostituta, que acobertava um estuprador, etc. – mas afirma que apesar disso não a matou.

Após a morte da prima, se afastou da família, porque tentaram envenenar seu irmão com uma bebida, que foi salvo pela cunhada. Tem muito orgulho do irmão (de "mais ou menos vinte e cinco anos"), que também está preso acusado de latrocínio, mas na verdade, segundo Alana, ele "encobre os outros", assumindo a culpa de amigos. Ela afirma que o irmão sempre teve esse tipo de comportamento, "prefere passar frio e doar o próprio cobertor para outras pessoas, o amor ao próximo que meu irmão demonstra, chega a ser doentio".

Alana morou um ano com o seu pai (ou suposto pai), que era padeiro e tinha excelente condição financeira, "era bem de vida". Mas preferiu trocar todo esse bem estar que o pai podia proporcionar para ficar ao lado da mãe. No momento, está presa há mais de um ano, e conta que a cunhada está ajudando a criar sua filha.

4.2.5 Celeste

"Vou vivendo aqui o dia a dia, um dia de cada vez" (Celeste, 2015).

Foto 17 - Celeste - Portfólio "Retratos"



Fonte: acervo pessoal da autora (2015).

Celeste parece estar feliz a despeito das circunstâncias em que vive. Quase sempre alegre, sorrindo e conversando animadamente com as colegas. Tem trinta e dois anos, e é natural de Curitiba. Com dois filhos, de treze e dez anos, foi casada três vezes. Conta que o pai do menino mais velho faleceu aos 38 anos, envolvido com atividades do tráfico. Atualmente, é casada "lá fora" há três anos, mas ele também está preso por envolvimento com o tráfico. Foi presa com este homem, e cumpre pena de quase dezoito anos. Antes de ter filhos, era consumidora de maconha, mas "parou" quando engravidou pela primeira vez. É traficante desde os quatorze anos; devido a problemas familiares, saiu de casa, e acabou se envolvendo com o *mundo do crime*: prostituição e tráfico, embora afirme que nunca se prostituiu.

Iniciou sua vida sexual justamente nessa época, com quatorze anos; o namorado tinha trinta e sete anos e era traficante. Ele era agressivo, ficaram pouco

tempo juntos, e, quando foi preso, ela seguiu traficando, dando "continuidade no mesmo ambiente". Sobre a família, diz que a mãe era muito "trabalhadeira", exercendo as funções de empregada doméstica e zeladora. Agora ela tem depressão e, portanto, "tem uma vida bem restritiva, com sessenta e três anos e foi casada por duas vezes", relata.

Seu pai tentou abusar sexualmente quando ela tinha treze anos; foi preso duas vezes e finalmente "mataram ele", diz. Com toda essa situação familiar, ficou muito abalada e fugiu de casa, foi aí que conheceu "a turma". "Pensava somente em dar uma curtida na noite, mas nunca mais voltei para casa", relembra. Dos quatorze aos dezoito anos, teve um período difícil – usou vários tipos de drogas e álcool, sem saber direito o que era, sem ter noção da realidade e do perigo que corria.

Quando engravidou, aos dezoito anos, ficou muito feliz e "parou com tudo", mas o pai de sua filha permaneceu no tráfico. Ela então largou o pai da menina, "deixando tudo para trás". Conheceu outra pessoa, e se envolveu afetivamente com ele, com quem teve um filho. Esse rapaz também tinha uma história difícil, era órfão e foi menino de rua. Porém, quando o conheceu já tinha uma estrutura financeira, conseguida através do tráfico. Diz que sua mãe não gostava dele, embora fizesse de tudo para agradá-la. Mais tarde, foi morto pela guerra do tráfico.

Hoje em dia, o pai de sua filha se tornou evangélico, "mudou de vida", diz ela, e tem uma nova família. Quanto a Celeste, ficou por mais de três anos sem nenhum relacionamento; quando fugiu da prisão, foi morar na rua, e depois se mudou para outro estado, onde continuou traficando (sorri, de maneira tímida). Toda a sua família se mudou para o outro estado, e sua irmã se dedicou a trabalhar, "trabalho normal, eles continuam morando lá até hoje", segundo ela. Entrou na universidade enquanto morou nessa cidade, cursando o primeiro ano de Arquitetura. Nessa fase, conta, "estava nervosa e desfocada, porque a universidade não era o meu mundo". Com o passar do tempo, fez amizades, e passou a gostar do ambiente acadêmico. Essa fase foi produtiva, pois levava os filhos nas aulas; e também fez um curso de *Auto Cad*.

Sua filha atualmente faz curso de violão e de inglês, e sua irmã, três anos mais nova, cursa a faculdade de Psicologia, e também continua a trabalhar. Celeste está detida há um ano e oito meses, e diz que procura não pensar nisso; faz artesanato e outros cursos, aguardando o dia em que finalmente vai sair. Tenta fazer amizades, criar laços, embora não seja fácil em um local onde vivem trezentas

mulheres, mas que "dessas, apenas uma ou duas são confiáveis". Para ela, o mais difícil é ficar longe de casa, da família; acredita ser essa a maior perda, não poder acompanhar a educação e o crescimento dos filhos.

Quanto à ruptura, como se envolveu no *mundo do crime*, responde que não foi um fato isolado e sim um todo – desde pequena vendo o pai embriagado, a família tendo que passar por dificuldades financeiras, dependendo todos da mãe, que trabalhava como doméstica. Também não podia contar com o pai porque ele tinha epilepsia – "Inicialmente foi gerente de loja de sapatos, mas tomava remédios e consumia álcool, acabou perdendo o emprego e ficando em casa, dia e noite embriagado".

Conta chorando sobre uma cena, de quando tinha dez anos e estava brincando de bambolê, quando percebeu que o pai e outro amigo, ambos bêbados, a observavam e faziam comentários maldosos – foi quando percebeu que o pai tinha desvios de caráter. Chora muito quando relembra essas situações ligadas ao seu pai. Foi essa rotina de vida que a levou a sair de casa. Quando o pai tentou abusar sexualmente dela, a mãe o denunciou à polícia e ele foi preso.

Assim que saiu da prisão, ameaçou matar a mulher, que, na época, era cozinheira e trabalhava até tarde em um restaurante. Nessa ocasião, Celeste mentiu para a polícia, dizendo que o pai teria tentado abusar novamente dela, para proteger a mãe. Acreditava ser a única forma de ele ser preso novamente e deixá-las em paz. Ele foi novamente preso e, dessa vez, o mataram na prisão. A partir daí, ficou com um enorme sentimento de culpa, "ele era um traste, mas era meu pai", lamenta. Aqui a narrativa perde o sentido linear, porque ela diz que ficou com raiva da mãe, da casa, de si própria, das brigas entre seus pais, que sempre se repetiam sem nenhum deles sair de casa.

Sobre o que pretende para o futuro, diz: "olha, não vou dizer que vou abandonar o crime, porque não é fácil". Porém, afirma que pretende terminar a faculdade, viver com alguém que tenha uma vida estruturada, uma pessoa mais interessante que seu atual marido, que está preso. Tem uma ligação muito forte com o crime, diz rindo por um momento: "pois eu no tráfico vejo como um ramo de trabalho, para quem trafica, tem luxo, pode frequentar bons restaurantes, é muito difícil começar algo novo, outro tipo de trabalho. Eu só tenho amigos traficantes, parece patifaria, mas é complicado ter de trocar todo o padrão de vida". Paradoxalmente, após essa afirmação conta que sua colega de cela, mais jovem e

inexperiente acha "bonito a vida no tráfico, ir para as baladas, acha *glamuroso* ser traficante. Mas eu tenho vergonha, muita vergonha da minha história".

4.2.6 Érica

> "Aí sabe como é, sobe prá cabeça, né? Dinheiro e poder são importantes na 'quebrada'" (Érica, 2015).

Foto 18 - Érica - Portfólio "Retratos"



Fonte: acervo pessoal da autora (2015).

Natural do interior do estado do Paraná, tem 28 anos e é mais conhecida no presídio pelo seu apelido, "Maguila". É uma das praticantes de capoeira no presídio feminino e uma das mais entusiastas da atividade. Sua postura corporal atlética, sorriso constante e modo de falar transmitem muita jovialidade e simpatia, até mesmo quando conta passagens "mais pesadas" da sua vida no crime. É solteira e vive com uma companheira de cela há dois meses, que está atualmente na "tranca" (solitária) devido à entrada de fumo e celular na cadeia. Foi casada durante cinco anos, tem duas filhas, e no único emprego que teve foi como vendedora em um shopping. Iniciou suas atividades no tráfico quando precisou de dinheiro: suas filhas

eram pequenas e ela não podia contar com o marido. Naquele momento, começou a vender crack e maconha, e começou também a ganhar muito dinheiro, "não imaginava que podia ganhar tanto", relembra. Traficava nas cidades do interior do estado.

Quando abandonou o marido, alguns fugitivos da justiça foram morar em sua casa. Começou então a praticar assaltos à mão armada junto com eles. Em um só assalto, conta que faturou vinte e quatro mil reais. Assaltava e ia para a praia gastar o produto dos roubos. Enquanto isso, as crianças ficavam com sua mãe. "Fui afundando cada vez mais", ela recorda. Cumpre pena de 24 anos por homicídio e assalto; destes, já cumpriu cinco anos e três meses, e foi absolvida do crime de tráfico.

Sobre o homicídio que praticou, explica que, na "quebrada" (vila), ela era o braço direito de um dos donos do tráfico, "e as quebradas têm regras". Essa pessoa era responsável pelo "mocó", local onde guardavam armas e drogas, e não cumpriu as regras do grupo; quando ela "cobrou" uma atitude deste "funcionário", ele a agrediu. Érica revidou batendo nele com uma viga de cerca, bateu muito em sua cabeça, diz. Uma colega a denunciou e ela ficou três meses em um distrito, onde tentou fugir, fez um dos guardas como refém e agrediu o diretor. Foi então para a PFP, onde brigou e foi mandada para Foz do Iguaçu, ficando ali por seis meses. Quando retornou, foi detida na PCEF, onde está há quase um ano e meio.

4.2.7 Isabela

"Eu quis ir para esse lado obscuro, eu não vi a luz" (Isabela, 2015).

Foto 19 - Isabela - Portfólio "Retratos"



Fonte: acervo pessoal da autora (2015).

Isabela tem um ar de menina, principalmente pelo sorriso constante com aparelho ortodôntico, que faz com que pareça ainda mais jovem. Tem se destacado nas aulas de fotografia não por fotografar bem, mas por posar para outras colegas; nesse sentido, é considerada bastante fotogênica[4] e espontânea nas imagens. Tem trinta anos, é mãe de dois meninos de onze e dois anos, e está presa pela terceira vez, sendo que ficou dois anos foragida. A conversa se inicia justamente com ela dizendo que estava gostando muito do curso de fotografia, porque se encontrou como modelo de fotos. A frase (de que ela não viu a luz) se liga, então, com a questão da fotografia, que, por sua natureza, é a escrita feita com luz, mas que não prescinde da sombra, do lado escuro para produzir uma imagem, e a conversa

[4] Barthes (1990, p. 18) define a fotogenia, "em termos de estrutura informativa: nela a mensagem conotada está na própria imagem, 'embelezada' (isto é, em geral, sublimada) por técnicas de iluminação, impressão e tiragem. Essas técnicas deveriam ser recenseadas, pois que a cada uma delas corresponde um significado de conotação suficientemente constante para ser incorporado a um léxico cultural dos 'efeitos' técnicos".

segue nessa direção. Lamenta ter participado do tráfico, já que afirma "ter de tudo" – sua família tem uma boa situação, sua mãe e seu padrasto têm comércio próprio, ela mesma tem um carro à sua disposição, quando sair do presídio.

Quando "caiu" com drogas, tinha uma profissão, vendia roupas e se considerava uma boa vendedora: "faço um *regaço*, converso com todo mundo, vendo muito bem". Afirma que vai sair do crime, que não volta nunca mais para a prisão: "quem me conheceu aqui é um privilégio, pois nunca mais ninguém vai me ver de novo". Afirma que tem um lado honesto, mas também tem o "lado ruim, que é esse meio". Fala sobre seu processo, que está parado; já mudou várias vezes, está no quarto advogado. Foi condenada a quinze anos, dos quais já cumpriu quase dois anos; no total, precisa cumprir três anos e dez meses no regime fechado.

Repete sempre "não volto mais pra esta vida, falo que vou mudar, mas ninguém acredita". Diz que está bem determinada, apesar de que não gosta de estudar, mas pretende abrir uma confecção de roupas, pois aprendeu a costurar na prisão. Diz que quer ter uma *facção*, "facção de costura, professora", esclarece ela. Seu marido também está preso, por drogas e homicídio: "ele não é bom pra minha vida", diz, "eu sinto que preciso ir embora, que somente me mudando, as coisas vão ser diferentes". Ao falar dos filhos, sente não poder estar ao lado deles, principalmente do mais velho, que é tímido, "não estou lá prá defender meu filho". Quem toma conta deles é a irmã. O mais novo tinha apenas seis meses quando ela veio para a prisão, quase não conviveu com ele.

Apesar de tudo, diz que gosta da vida, gosta de viver, "aprendi bastante coisas aqui dentro, apesar de ser um ambiente de muita deslealdade", ao contrário, ela se considera uma pessoa que é "parceira", ajuda os outros. Diz que nunca precisou de "debates" (grupo de pessoas que se reúnem para falar de alguém), "rola muita fofoca aqui, muita inveja, picuinhas". Recentemente, participou de uma reportagem para a TV feita no presídio feminino, sobre a remição pela leitura. Conta que o apresentador, em certo momento, ficou visivelmente emocionado; ela então o abraçou e disse: "não fique triste de ver a gente aqui, isto vai passar". Então, volta a falar do curso de fotografia, que quase não ia fazer, nunca imaginou que ia gostar tanto de posar para fotos.

Ao falar da mãe, diz que ela é muito inteligente, "pra frente", muito guerreira, que, apesar de ter somente a quinta série, ela e o padrasto conseguiram uma independência financeira. "Eu aprendi a observar minha mãe somente agora, a

valorizá-la. Minha mãe é a única que aguenta minha histeria, minhas loucuras", declara. Recebe visitas da família todos os domingos; a mãe e a irmã querem vir visitá-la, mas uma das duas tem que ficar com as crianças. Teve muitos problemas com o filho maior; teve de mentir que estava viajando quando foi presa pela primeira vez. Sente que o filho é diferente dela, "desde pequena eu era meio virada, hoje eu conto a verdade prá ele, conto como é a vida na prisão, que a comida é limitada, as visitas, tudo, prá que ele entenda que é errado esse tipo de vida".

Diz que "tudo é uma opção, uma escolha". Aos quinze anos, achava bonito fumar cigarro, fumar maconha. Ela aderiu ao *mundo do crime* quando tinha quinze anos, quando seu namorado morreu em função de uma briga – "Foi a curva do rio, me revoltei, eu o amava muito, fiquei com aquilo na cabeça". Começou a fumar e a beber, se envolveu com pessoas "bem perigosas", não ligava para mais nada. Agora diz que mudou, não quer mais isso, quer paz. Quando traficava, mudava de casa o tempo todo, pois "sentia que ia ser presa, tenho um sexto sentido bem desenvolvido, e sempre sabia quando eu ou meu marido íamos ser presos".

"Tudo tem dois lados, mas Deus está olhando por mim, acho que cada um tem o que merece na vida, eu também tenho o que mereço, não posso reclamar" – frases que ela repete sempre. Em agosto do ano passado, descobriu que estava doente, e que foi muito difícil lidar com essa situação. Finalmente, revela que tem Aids, contraída devido a uma tatuagem no presídio. Recentemente, estava namorando um rapaz da construção, que fazia a reforma do presídio; estava indo tudo bem, até que uma colega enviou um "pipo" (bilhete) a este rapaz revelando que ela tinha a doença. Não quis ir ao CMP para fazer os exames, sua família enviou um funcionário de laboratório particular para fazer o exame de sangue, e os resultados foram muito bons, ela alega. Diz que trabalha muito "o psicológico", para não se deixar afetar pelas coisas negativas da prisão.

Na aula seguinte, ela não compareceu porque estava na "tranca" (isolamento). Apesar de estar fechada na própria cela, algumas colegas a defenderam dizendo que não acreditavam na versão da guarda de que ela a teria desacatado e respondido de forma agressiva, porque essas atitudes não correspondem ao comportamento sempre meigo e calmo de Isabela. Comentam uma situação em que essa mesma guarda agiu de forma incorreta e antiética, e concluem dizendo que "ela é um buldogue". Esta situação e outras, que de maneira

direta ou indireta se acompanhou durante as idas ao presídio, remetem à reflexão sobre o poder simbólico, que:

> Mesmo quando repousa sobre a força nua e crua, a das armas ou a do dinheiro, a dominação possui sempre uma dimensão simbólica. Por sua vez, os atos de submissão, de obediência, são atos de conhecimento e de reconhecimentos os quais, nessa qualidade, mobilizam estruturas cognitivas suscetíveis de serem aplicadas a todas as coisas do mundo, e em particular, às estruturas sociais (Bourdieu, 1997, p. 209).

Sempre há um momento nas aulas em que é realizado o *feedback* do trabalho prático realizado pelas estudantes. São mostradas imagens no *power point* para análise e comentários, como também leituras das imagens produzidas por elas. O crescente domínio nas técnicas e na linguagem fotográfica fica muito evidenciado entre as primeiras imagens e as que elas conseguem fazer no decorrer das aulas.

Uma delas comenta que quando foi convidada a fazer o curso de fotografia, pensou: "vamos fotografar o que aqui dentro, grades?", e este parecia ser o pensamento geral na época, ou seja, o de que não haveria nada para fotografar em uma prisão, além dos artefatos usados para a detenção. Ela fala, um tanto surpresa com os próprios resultados que está conseguindo. Do nosso lado, insistimos sempre na questão de se ter um "novo olhar" sobre o espaço em que vivem, pois a partir do momento em que começam "a enxergar" possibilidades visuais em um espaço extremamente precário entre grades, paredes desbotadas e mofo, está se cumprindo uma das finalidades do curso, senão a principal.

O comentário é de que as fotos feitas por elas são ora alegres, ora mais depressivas, há fotos claras e escuras, são imagens "solares e lunares", ao que uma delas responde que "as fotos são como nós, correspondem muito ao estado de espírito em que a gente se encontra. No dia em que se está bem, as fotos saem bonitas, alegres, no dia em que estamos tristes, as fotos são mais escuras e tristes. A gente retrata o ambiente de acordo como está o humor no dia". Esta declaração vem de encontro ao que diz Lahire:

> [...] não há nada mais social, mais compartilhado por todos, do que os problemas ditos "pessoais" (consciência de culpa, incompreensão, frustração, mal-estar, depressão...): produtos das numerosas defasagens entre o que somos (o que o mundo social refletiu em nós) e o que as situações exigem de nós, e que nem sempre estamos dispostos a conceder (Lahire, 2004, p. 12).

4.2.8 Vitória

"Meus irmãos são trabalhadores, só eu que sou a ovelha negra" (Vitória, 2015).

Foto 20 - Vitória - Portfólio "Retratos"



Fonte: acervo pessoal da autora (2015).

Vitória tem vinte e quatro anos, nasceu em uma cidade no interior do estado, é a única solteira do grupo, sem filhos. É a que mais se destaca na tomada de fotografias. Rapidamente passou de imagens "3x4", como são denominadas as fotos amadoras, para retratos sofisticados, aproveitando as paredes descoradas e riscadas como fundo para retratos, conseguindo bons enquadramentos e ângulos criativos. Ela se destaca também fisicamente pelos traços bem definidos e harmoniosos, testa grande e cabelos longos, atitude determinada. É ágil, fala rapidamente, de maneira que quase não é necessário se fazer perguntas. Desse

conjunto, somente a voz destoa, um timbre indefinido e a voz um pouco "forçada", rouca.

Foi presa pela primeira vez por tráfico com dezenove anos, ficou detida um ano e três meses; depois, passou um ano "na rua"; e agora está presa há mais de três anos. Sempre gostou de estudar – seu pai incentivou os quatro filhos a estudarem e todos têm o segundo grau completo. Sua família é bem católica, e ela cumpriu todos os ritos da igreja, como catequese, crisma, etc., "independente de que fiz coisas erradas", diz ela. Seu pai está preso no momento, assim como sua mãe – "tínhamos um bom padrão de vida, a gente via lucro no tráfico, usufruía de uma vida boa, tínhamos carro, casa, tudo", explica. Quando o pai foi preso, a família ficou desemparada, pois ninguém, até então, tinha precisado trabalhar. Desde que seus pais casaram, há trinta anos, o tráfico foi a principal atividade para o sustento da família, então "meu pai estava sempre sendo preso e saindo", lamenta.

Em uma dessas vezes, quando tinha quatorze anos e o pai novamente foi preso, pensou que não conseguiria "viver com pouco". Assim, começou também a vender drogas. Depois, seu pai comprou um carrinho de cachorro-quente bem equipado, segundo ela, para a família poder trabalhar: "ele queria mostrar outro caminho para nós". Os três irmãos e a mãe começaram a trabalhar com o carrinho em um bom ponto, tinham muitos fregueses. Quando os lucros começaram a aparecer, o homem que vendeu o carrinho a seu pai, "cresceu o olho, denunciou na prefeitura que meu pai tinha sido preso, e ainda disse que nós estávamos vendendo drogas juntamente com o cachorro-quente". Assim, perderam o ponto e o meio de sobrevivência.

Da última vez em que seu pai foi preso, a polícia não encontrou parte da droga que ele tinha em casa e, com esse "estoque", ela passou também a vender drogas durante um ano e meio. Depois que ele foi solto, mesmo não aprovando a atitude da filha, fizeram parceria no tráfico durante quatro anos, período em que construíram a casa nova, compraram carro e moto. A mãe também foi presa, mas não tinha envolvimento com o tráfico segundo ela, apenas por morar na casa. Agora ela está "tirando portaria", ou seja, vai para casa uma vez ao mês onde passa a sexta-feira e o final de semana. Sorrindo, diz que esta é a situação da família: a mãe está no semiaberto, o pai na Casa de Custódia e ela está no fechado, mas, em breve, espera, também vai para o semiaberto. O irmão mais velho cuida de toda a família.

Vitória trabalha na cozinha do presídio praticamente o dia todo, e nos dias da oficina tem dispensa para a aula. Com esse trabalho e os cursos realizados com objetivo de remição, conseguiu diminuir um ano da pena inicial. Na segunda vez em que foi presa estava cursando Enfermagem, mas só conseguiu frequentar alguns meses do curso no interior do estado. Com a prisão, sua foto foi estampada no jornal local, "fiquei muito envergonhada porque em uma cidade pequena todos ficam sabendo o que acontece na vida alheia", lamenta.

Também cursou mecânica industrial, um curso básico fornecido pelo Sindicato dos Metalúrgicos. Está muito entusiasmada com o curso de fotografia, "chego a sonhar com as fotos, apesar de três anos fora do mundo digital, pois tecnologia aqui só TV e rádio". Ela tem revelado uma grande familiaridade com as ferramentas tecnológicas da câmera digital, que em pouco tempo já manipula com grande destreza.

> À medida em que as aulas iam acontecendo, foi crescendo também o contato e a consequente confiança das presas para conosco, a equipe da oficina. Nos últimos encontros, o clima é de total descontração, elas riem e interagem entre si e conosco de forma animada. As brincadeiras com "Maguila" sobre o episódio do pássaro continuam, e ela acaba revelando que a mãe não pode saber do "pombicídio" porque tem uma ONG de defesa dos animais... verdade ou delírio? (Diário de Campo, 2015).

4.2.9 Vanessa

> "Vou falar uma coisa que parece clichê, professora, mas fui para o crime por causa da desigualdade social" (Vanessa, 2015).

Foto 21 - Vanessa - Portfólio "Retratos"



Fonte: acervo pessoal da autora (2015).

Natural do interior de Minas Gerais, Vanessa tem 33 anos, e se envolveu com o tráfico de drogas através de seus dois irmãos, que eram líderes de quadrilha. Tem dois filhos de 12 e 5 anos que moram em outro estado com sua mãe, eles vêm uma vez por mês para visitá-la.

A sua prisão e a de mais 50 pessoas, chamada de "Operação Travessia", envolveu cento e cinquenta homens da Polícia Federal, que se iniciou na França com a Interpol, depois de nove meses de investigação e o grampeamento de telefonemas, segundo ela. Esse "braço" do tráfico funcionava no Brasil há mais de oito anos quando foi desmantelado em 2013.

Conta que passou por vários estágios na hierarquia da quadrilha, chegando a gerente e supervisora das "mulas", pessoal encarregado de viajar com a droga para outros estados e principalmente para outros países. Descreve os "mulas" como pessoas de boa aparência, cultos e bem vestidos, falam vários idiomas, e um deles tinha até passaporte alemão. Faz os cálculos dizendo que na Itália o quilo da cocaína pura chega a custar 35 mil euros, em Madri, 28 mil euros, e em Zurich, 32 mil euros. Nesse tempo em que está presa, já foi onze vezes a São Paulo para as audiências, e responde a quatro processos.

Um de seus irmãos começou no tráfico com 18 anos, recebeu uma proposta e o dinheiro era bom, engoliu a droga e foi para Madri, tornando-se depois também chefe de quadrilha, de quem ela se tornou sócia nos "negócios das drogas".

Antes dessas atividades, fez o curso técnico em Administração e de tecnóloga em Nutrição. Tentou trabalho em várias empresas, tinha experiência, mas não foi bem sucedida. Era divorciada e tinha filhos, então encontrou no tráfico a saída profissional e financeira que buscava. Justifica dizendo que "no tráfico você é olhada pela sua competência e não se tem boa aparência ou se vai faltar no serviço para levar seu filho ao médico". Sua experiência internacional inclui a experiência de morar um ano em Roma, e mais alguns meses em outros países.

Segundo ela: "pode parecer estranho, mas eu me sinto em paz", diz sobre o fato de estar presa. Como era a única filha mulher, foi muito mimada e protegida até os 20 anos pelos irmãos. Quando "caiu", teve que aprender a dividir, a se calar, porque reconhece que sempre foi muito "manipuladora e habilidosa no trato com as pessoas, conseguindo tudo o que queria". No presídio, tornou-se menos preconceituosa, aprendeu a aceitar as diferenças, "aqui é uma escola", acrescentando que lá encontrou mais viciados do que propriamente criminosos.

Vanessa trabalha atualmente na biblioteca do presídio, onde conversa com todas as pessoas que frequentam o local, e isso se tornou um aprendizado para ela. Passou a ser muito mais afetiva com a família, porque concluiu que se consegue conviver com pessoas que não conhece, muito mais deve ser a aceitação da própria família, com a mãe e os irmãos. A primeira coisa que vai fazer quando sair da prisão é pedir perdão à mãe. A paz que sente decorre de que aprendeu a se conhecer, "coisa que eu precisaria passar anos no psicólogo". Diz que agora, "ou eu mudo, ou eu morro, a punição me ajudou a ver o mundo de forma diferente, a entender o temperamento de cada um". O irmão mais novo, que motivou sua entrada no tráfico, age em relação a ela como um pai, "abandonou o crime, e eu herdei a profissão". Conta que sua mãe é uma lutadora; depois que se separou de seu pai aos 36 anos, tornou-se chef de cozinha – trabalhava das cinco horas da manhã às dez da noite.

"Nesse lugar horrível passei a ler mais, a descobrir coisas, me dou bem com a cadeia toda, não tenho desafetos, aprendi a lidar com cada uma", relata. Quanto ao motivo de ter entrado no crime, diz que se deve ao racismo e ao fato de ser subestimada em sua capacidade profissional, "sentia que nas entrevistas de emprego me sugeriam que eu poderia aceitar uma função menor, sendo técnica em

nutrição poderia ser ajudante de cozinha". Quando iniciou no tráfico, começou na "oficina" acompanhando todo o processo de fabricação da droga, depois foi para o recrutamento dos "mulas", preparando-os para as entrevistas, ensinando-os a se sair bem em qualquer situação nos "piores" aeroportos do mundo, dando treinamento para que soubessem lidar com a imigração.

Conta que quando trabalhava, sempre era discriminada por ter filhos, por exemplo, quando o menor esteve hospitalizado, não pode faltar ao trabalho. Porém, falou que "estando aqui perdi a primeira menstruação da minha filha, o primeiro dia de aula do filho, a maior vontade era de estar com eles". Sua mãe teve que assumir seu papel ao invés de avó; conta que tem preocupação com ela, pois é cardíaca. Participa do projeto "Mãe sem Violência", onde aprendem como lidar com os filhos sem recorrer aos métodos da violência física ou verbal. Sente-se como uma presa diferente, em quem se pode confiar, tem livre acesso na prisão e já recebeu vários elogios da diretora. Mas ressalta que não é "puxa-saco", seu mérito vem do seu trabalho, da preocupação com os pequenos detalhes como a catalogação e organização dos livros na biblioteca.

Para Vanessa, "as mulheres estão no crime porque acompanham o marido, o companheiro, o filho, o irmão... elas pegam como se fosse uma herança".

4.2.10 Eduarda

> "Eu era a melhor no meu ramo, por isso fui delatada e presa..." (Eduarda, 2015).

Foto 22 - Eduarda - Portfólio "Retratos"



Fonte: acervo pessoal da autora (2015).

Nascida em uma cidade do litoral de São Paulo, Eduarda tem 36 anos. No momento é amasiada e tem um filho biológico e outro "de coração", o enteado. Veio há doze anos para o interior do Paraná. Perdeu a mãe; e o pai, já com idade avançada, tem Alzheimer. Ao falar dos pais, começa a chorar e relembrar de fatos ligados a eles. O irmão e o pai são advogados, e uma irmã é Procuradora Geral do Estado, "se eles quisessem, eu não estaria mais aqui".

Quando se separou do marido, começou a traficar, porque ele não dava pensão; foi presa e conseguiu fugir – "serrei o cadeado e rendi o velhinho". Depois, foragida há três anos e já trabalhando em uma clínica como auxiliar, recebeu uma notificação de prisão dada por um oficial de justiça. Diz que foi um dos piores momentos de sua vida, sentiu uma grande humilhação e tristeza porque tinha toda a confiança e simpatia de seu chefe e dos outros funcionários, achava que tinha mudado de vida. Acredita que quem a denunciou foi uma cunhada que queria o seu emprego.

Mas o que mais a entristece é o fato de ter "sujado" o nome de seu pai, um homem pobre que conseguiu ter trabalho e profissão, "criou um nome" e agora tem uma filha presidiária. Sente-se muito mal por causa disso. Para conseguir remição da pena, procura ser organizada, fazer os cursos que são oferecidos, e está cursando Pedagogia no ensino à distância em uma faculdade de Curitiba.

Foi condenada por tráfico de maconha e crack, além de corrupção de menor. Seu processo foi transitado em juízo. Diz que começou como "aviãozinho" (entregadora da droga), mas era muito arriscado e o ganho era pouco; resolveu tornar-se chefe do seu próprio negócio. Começou a dominar na cidade em que traficava, pois seu "produto" era o de melhor qualidade, "a droga era pura, não tinha mistura", o que provocou a ira de seus concorrentes. Acredita que foi denunciada por outro traficante que era seu cliente e inclusive investigador da polícia, segundo ela.

4.2.11 Sofia

> "Quando cheguei ao presídio todos me diziam: você vai sofrer aqui, porque é muito bonita" (Sofia, 2015).

Foto 23 - Sofia - Portfólio "Retratos"



Fonte: acervo pessoal da autora (2015).

Sofia, 25 anos era gerente administrativa até ser presa. Também, foi modelo profissional. No presídio, emagreceu quinze quilos e sente-se constrangida por algumas internas, "pelo fato de me destacar e por ser alta, cria uma antipatia". Diz que foi muito complicado no início; na época da entrevista, estava presa há oito meses na unidade feminina.

A Polícia Federal realizou uma investigação onde estavam envolvidas dezoito pessoas de seis estados, "inclusive minha cunhada e meu irmão que é fisioculturista e já foi *Mister* Universo, ele era dono de uma loja de suplementos alimentares para esportistas, foram presos pela venda de anabolizantes", esclarece. Ainda não foi condenada, mas já participou da primeira audiência.

4.3 *OUTSIDERS* E DESVIANTES

Os comportamentos das estudantes da Oficina de Fotografia, relatados em suas entrevistas podem ser compreendidos à luz do que diz Becker (2009) acerca da constituição da sociedade e de seus desviantes, ao menos parcialmente. Este autor afirma que todos os grupos sociais produzem regras a fim de que sejam seguidas. Por sua vez, essas regras definem comportamentos adequados a cada situação considerados como sendo os mais apropriados, e também especificam atitudes como "certas" e "erradas", sendo essas últimas proibidas.

As regras existem em grande número, podendo ser promulgadas como lei, quando então o Estado tem o poder de impô-las; outras, seguem acordos informais consolidados a partir da tradição. A partir do momento em que uma regra é imposta, aquele que a infringiu vai passar a ser visto como *outsider* ou, ainda, como marginal ou desviante. Marginal é entendido aqui como "alguém que está do lado de fora, para além das margens de determinada fronteira ou limite social" (Becker, 2009, p. 15). Assim, têm-se dois tipos de atores sociais: aqueles que impõem as regras e os que as infringem.

As perguntas mais comuns que ocorrem aos leigos a respeito dos *outsiders* são: por que eles agem assim? Qual a explicação para a transgressão das regras? O que há nessas pessoas que os leva a ir contra as normas e cometer atos proibidos? Ao tentar encontrar respostas, a pesquisa científica partiu do senso comum de que "há algo inerentemente desviante em atos que infringem as regras sociais", e também de que "o ato desviante ocorre porque alguma característica da pessoa que o comete torna necessário ou inevitável que ela o cometa".

O rótulo de desviante em geral não é questionado pelo pesquisador, que aceita *a priori* os julgamentos que recaem sobre o ator rotulado como tal. Assim sendo,

> Os sociólogos arrecadam sua principal matéria prima num diálogo de conhecimentos, na conversação indagativa entre o conhecimento sociológico e o conhecimento do senso comum, entre o pesquisador e os sujeitos dos enigmas sociais que pedem ou comportam desvendamento científico (Martins, 2008, p. 13).

As concepções acerca da definição de desvio passam pela mera estatística, ou seja, tudo aquilo que sai da média indo até a concepção de "doença" ou patologia mental. Os sociólogos, por sua vez, tendem a ter uma concepção diferenciada, como sendo uma falha em obedecer a regras do grupo (Becker, 2009). Trata-se de uma questão ambígua, mesmo que generalizante, lidar com essa problemática; o mais correto seria resolvê-la pela pesquisa empírica, segundo o autor, ou seja, estudar cada caso particular em suas peculiaridades.

4.4 O RETRATO E SUAS CONTRADIÇÕES

Com a realização da oficina de fotografia com as presidiárias para esta pesquisa, um fato ficou muito evidenciado: o de que a imagem, e mais especificamente o retrato fotográfico, tem uma enorme capacidade de suscitar afetos, sentimentos, e comportamentos imprevisíveis. Os estudos apontam para isso, mas na prática é possível observar inúmeras reações, e torna-se necessário lidar com situações desafiantes. Por exemplo, ao editar e mostrar em *PowerPoint* algumas fotos realizadas por elas em aulas anteriores, surgiram inúmeras demonstrações de alegria, inveja, vergonha, tristeza, competição, orgulho, baixa autoestima e assim por diante, especialmente no tocante aos seus retratos e autorretratos.

> [...] a nossa capacidade de olhar está diretamente relacionada com os atos de simbolização na perspectiva da criação e leitura de imagens. O olhar é aprendido, é treinado de forma articulada com outros olhares. O olhar não é individual, ele é determinado social e conjunturalmente. É em função do tipo de olhar de uma dada época que são determinados os tipos de imagens e de que forma as pessoas se relacionam com elas (Achutti, 1997, p. 199).

Houve uma situação em que um grupo de quatro ou cinco delas conferenciavam baixinho no fundo da sala, nitidamente referindo-se a uma delas que, sentada mais à frente, comentava timidamente uma imagem em que fora fotografada. O impacto gerado por esta imagem, perfeita do ponto de vista estético e

formal, causou nessa ocasião demonstrações de sentimentos contraditórios, até mesmo o constrangimento de uma delas que, após ver seu próprio retrato projetado no *PowerPoint*, pediu para sair e, disfarçando o choro, disse que não queria participar da aula prática que viria a seguir, e que estava se recolhendo ao seu "X" (cela).

Há aqui uma nítida reação desta interna do presídio segundo alguns padrões sociais já bastante consolidados, como o padrão de beleza imposto socialmente, levando a questionar se no presídio esses mesmos padrões relativos à beleza não seriam ainda mais "severos" e "cruéis". A inferência é baseada no comportamento desta participante que fazia comentários pejorativos em relação a sua própria aparência, ainda que sob pretexto de brincadeira. Barthes, ressalta esta característica da imagem:

> O retrato é um campo cerrado de forças. Quatro imaginários aí se cruzam, se afrontam aí se deformam. Diante da objetiva, sou ao mesmo tempo: Aquele que me julgo, aquele que eu gostaria que me julgassem; aquele que o fotógrafo me julga. E aquele de que ele se serve para exibir sua arte (Barthes, 1984, p. 27).

Pode-se também interpretar o ato de se negar a ser objeto de fotografias, de se ocultar, de virar o rosto para a câmera, como uma forma de autoproteção, de não se deixar invadir, de não permitir que violem sua privacidade, o núcleo do seu próprio *self,* se a fotografia for pensada nos termos assim colocados:

> (...) existe algo predatório no ato de tirar uma foto. Fotografar pessoas é violá-las, ao vê-las como elas nunca se veem, ao ter delas um conhecimento que elas nunca podem ter; transforma as pessoas em objetos que podem ser simbolicamente possuídos. Assim como uma câmera é uma sublimação da arma, fotografar alguém é um assassinato sublimado – um assassinato brando, adequado a uma época triste e assustada (Sontag, 2004, p. 25).

Assim, também no desenvolvimento das técnicas do retrato na oficina, percebe-se a existência de um código de visualidade, ou seja, as imagens de alguma forma já estão estereotipadas e incorporadas ao repertório de "poses e maneiras" como alguém se apresenta ao fotógrafo, e também como este "dirige" uma cena e capta a imagem. Esse aspecto de forma nenhuma é diferente entre as presidiárias. Assim, tão logo foram dominando as técnicas fotográficas e tiveram acesso a alguns elementos como roupas, maquiagens e acessórios, diferentes do

seu uso diário que é o uniforme, o padrão de imagens se reproduziu na forma como é visto comumente em revistas e catálogos de moda, por exemplo.

> Colocar-se em pose significa inscrever-se num sistema simbólico para o qual são igualmente importantes o partido compositivo, a gestualidade corporal e a vestimenta usada para a ocasião. O individuo deseja oferecer à objetiva a melhor imagem de si, isto é, uma imagem definida de antemão, a partir de um conjunto de normas, das quais faz parte a percepção do próprio eu social. Nesse contexto, a naturalidade nada mais é do que um ideal cultural, a ser continuamente criado antes de cada tomada (Fabris, 2004, p. 36).

Um elemento fortemente perceptível é o de que as fotos produzidas pelas presidiárias quando colocadas em movimento, ou seja, umas em relação com as outras, contrastam com as suas trajetórias de vida – aquelas que elas relatam e o contexto em que se encontram, no presídio, vivendo em uma situação-limite, sob vigilância permanente, e sob constantes pressões (perversas e desumanizadoras) da instituição. As detentas, através das fotos que produzem, mostram a realidade em que vivem por duas óticas: de uma forma estetizante, selecionando rigorosamente o que vão mostrar, ou, ao contrário, como forma de denúncia, como a dizer: "olha o lugar onde nos obrigam a viver", sempre em uma relação dialética, dual.

No tópico *retratos ou autorretratos*, as imagens conduzem o olhar do espectador para suas individualidades, constantemente ameaçadas, homogeneizadas – como quer a instituição. Assim, se mostram como desejam ser vistas, exatamente dentro do padrão imagético socialmente estabelecido.

> Esse cuidado na apresentação pessoal do fotografado é também uma racionalização vestimental com o objetivo de fazer-se entender pelo "leitor" da fotografia e preventivamente evitar que a vestimenta própria de um certo código de decoro, induza a leitura da foto segundo uma pauta de entendimento que entre em conflito com aquilo que o fotografado entende ser como pessoa e quer dar-se a ver (Martins, 2008, p. 14-15).

Assim, segundo ainda o mesmo autor, "ao sociólogo da imagem é indispensável ter em conta que o próprio fotografado, em muitas circunstâncias, é um poderoso coadjuvante do ato fotográfico e que, portanto, o real é a forma objetiva de como a ficção subjetiva do fotografado interfere na composição e no dar-se a ver para a concretização do ato fotográfico" (Martins, 2008, p. 15).

Ao falar sobre o retrato, Fabris (2004) coloca a realidade sob o signo da ficcionalidade, desconfiando da fotografia realista, a qual faz somente uma versão

do real e é incapaz de chegar à sua 'evidência radical' – que apenas alguns fotógrafos conseguem revelar, renunciando a toda significação forçada e enveredando pelo anonimato. Ele postula, assim, a possibilidade de um retrato que não testemunha nada, negando a ilusão mimética, que sempre foi atribuída à fotografia. Esta postura teórica é compartilhada por outros autores que têm proposto pensar o retrato fotográfico pelo signo da "construção artificial, quando não ficcional" (Fabris, 2004, p. 14).

Dessa forma, o que importaria em um retrato fotográfico não seria a identidade, e sim a alteridade secreta, aquela "máscara" que torna o indivíduo singular, "transformando o homem numa coisa entre as coisas, todas estranhas umas às outras, todas familiares e enigmáticas, em lugar de um universo de sujeitos comunicando-se todos uns com os outros, todos transparentes uns aos outros" (Baudrillard *apud* Fabris, 2004, n.p.).

Então, para este autor, não é possível traçar uma identidade através do retrato – o que de início já tornaria inviável a ideia justamente de buscar as identidades – ainda que provisórias - das presidiárias por nós pesquisadas, através dos retratos e imagens de seu espaço de convívio. Fabris (2004), ao estudar o retrato fotográfico, propõe a análise desse gênero particular, e levanta algumas questões fundamentais, como por exemplo, que concepção da realidade foi moldada a partir do surgimento da fotografia? Como o retrato consegue captar o personagem que se posiciona perante a câmera? Afirmando as diferentes modalidades de construção social dessa personagem:

> Deste modo, o artista dá a ver o que é de fato fundamental no retrato: o sujeito como representação. Enquanto representação, o sujeito é um simulacro, um artifício em cujo corpo se inscreve a ordem cultural como montagem, ou melhor, como epiderme segunda, feita de imagens das mais diferentes proveniências (Fabris, 2004, p. 66).

5 AUTORREPRESENTAÇÕES, INTERSUBJETIVIDADES E IMAGENS DO ESPAÇO PRISIONAL: EMERGINDO SENSIBILIDADES

Foto 24 - Portfólio "Detalhes do meu cotidiano"



Fonte: acervo pessoal da autora (2015).

5.1 OLHARES PRISIONEIROS

O trabalho final da oficina de fotografia, que consistiu em ensaios fotográficos realizados pelas presidiárias e que será denominado como Portfólio[5] daqui por diante, seguiu uma metodologia que foi se adaptando na medida em que as suas demandas modificavam a elaboração do conteúdo das aulas, assim também como as respostas que eram dadas a partir das provocações e propostas apresentadas a elas. No geral, os temas foram escolhidos pelas próprias autoras e posteriormente discutidos coletivamente em diversas ocasiões, onde todo o grupo participava dando sugestões.

---

[5] *Portfólio:* conjunto de trabalhos de um artista, fotógrafo, arquiteto, publicitário, *designer* ou modelo. O Portfólio fotográfico é o resultado da edição das melhores imagens obtidas pelo profissional, ou estudante de fotografia, sendo esse o sentido que se utiliza aqui; o termo foi adotado a fim de que as internas se familiarizassem com a linguagem artística e profissional.

A partir daí eram feitas as devidas adaptações de acordo com as possibilidades materiais de realização das mesmas, como o acesso aos equipamentos fotográficos, autorização de horários e locais para fotos pela direção da unidade[6]. O trabalho final foi solicitado pelos professores obedecendo às regras dos cursos de extensão.

Olhares Prisioneiros também é o subtítulo do texto escrito por uma das presidiárias em seu trabalho final, o qual foi aqui apropriado por se acreditar que é o termo mais significativo e o que melhor define o conjunto de todo o corpus fotográfico produzido por elas:

> Nós nos encontramos em uma unidade penal, cumprindo pena por diversos delitos, mas não por isso, podemos dizer que neste lugar há bandidas e pessoas que só fazem o mal. Espero que eu consiga mostrar os diversos sentimentos que os olhares prisioneiros transparecem. A dor da saudade e a solidão consomem as pessoas que aqui se encontram, mas nem tudo é sofrimento. Na harmonia do dia a dia encontramos pessoas felizes por apenas estarem vivas, por terem outra chance de viver dignamente ao lado de suas famílias. E a grande maioria das que se encontram hoje nessa situação, têm dentro de seus corações a esperança de recomeçar uma nova vida. Pois tudo o que se vive aqui, deve ser para cada pessoa uma grande lição (Nicoly, 2015).

No decorrer da oficina realizada, e mais especificamente nas aulas práticas que eram conduzidas no jardim comum às unidades, as presas tomavam fotos das colegas de curso, e do meio físico, realizando também autorretratos, utilizando-se de alguns adereços e dos parcos recursos que possuíam no momento da foto. Progressivamente, começaram a demonstrar criatividade e um aguçamento do olhar em relação ao seu próprio meio. Paredes velhas e riscadas se tornaram um fundo perfeito para fotografias de moda, no estilo linguagem urbana, recorrentes em revistas especializadas e na publicidade.

As sombras projetadas deram ensejo a vários experimentos criativos, e o uso da natureza circundante serviu para amenizar e enfeitar rostos e cabelos, tirando o aspecto "pesado" e monótono dos uniformes. Contrastando com os equipamentos de segurança do presídio, foram fotografados pássaros em pleno voo ou em seu plácido ninho (como o joão-de-barro), enfatizando a dualidade natureza e cultura,

---

[6] Em algumas ocasiões, foi deixada uma câmera fotográfica compacta com a direção, para que, em determinados horários e dias, fosse disponibilizada para as internas realizarem seus trabalhos. Segundo elas, o sistema não funcionou muito bem; segundo a direção, as internas não seguiam as regras, tentando "sequestrar" os cartões de memória, para divulgar as fotos clandestinamente.

esta representada na fria construção humana e aquela significando a paz e a liberdade.

Também, o ambiente prisional foi retratado em sua face "mais crua" por duas das internas que preferiram dar às suas fotos um tom mais de denúncia das condições vividas no cárcere. Percebe-se, portanto, duas perspectivas nitidamente delineadas com relação ao espaço físico: uma "estética expressionista"[7], onde se pode abstrair os temas enfocados das condições em que foram realizadas, e uma "estética realista" onde propositalmente é retratada a dureza dos muros, das paredes, das grades e dos cadeados.

Foi solicitado a cada uma das participantes, a partir do tema escolhido e do ensaio realizado, que editassem o material, escolhendo com o auxílio do professor Cadu Silvério, dez imagens para constar do seu Portfólio, o trabalho final, e dessem um título a cada fotografia. Nem todas conseguiram atingir o total dessas imagens, e algumas também não fizeram legendas para suas fotos. Mas todos os portfólios foram acompanhados de um texto explicativo acerca do trabalho que realizaram, onde foram elencados alguns itens[8] para que, além da técnica fotográfica, pudessem colocar em prática alguns conhecimentos teóricos disponibilizados em aula[9].

Deve-se observar que Júnior, participante da maioria das aulas da oficina e que havia escolhido o tema "Capoeira", foi transferido para outra unidade antes de conseguir realizar seu ensaio fotográfico. Outra detenta, Sofia, incorporou-se mais tarde ao grupo, e foi auxiliada por algumas colegas para recuperar os conteúdos que havia perdido, e seu portfólio está presente na mostra.

A propósito dos usos sociais da fotografia, Bourdieu (2003, p. 46), afirma que,

> [...] ao tomar a fotografia como objeto de estudo sociológico, em primeiro lugar, tem-se que estabelecer como cada grupo social regula e organiza sua prática individual, e como confere funções que respondem a seus próprios interesses. Porém, não se pode tomar diretamente como objeto aos indivíduos singulares e as relações que mantém com a fotografia como prática ou como objeto de consumo sem correr o risco de cair na abstração.

---

[7] O expressionismo foi um movimento artístico de vanguarda do início do século XX, que buscava retratar não a realidade objetiva, mas as emoções e as respostas subjetivas que os acontecimentos e objetos suscitavam no artista, e é neste sentido que se utiliza o termo aqui.

[8] Alguns itens foram sugeridos para o desenvolvimento do trabalho: Título do trabalho, Autor (a), Resumo do Projeto (descrição), Legendas das imagens (em número de 10), Conclusão e Referências.

[9] Foram disponibilizadas, para todas as internas, cópias do livro *O que é Fotografia*, de Claudio A. Kubrusly, Editora Brasiliense, S. Paulo: 1991, com a finalidade de consulta e elaboração dos textos.

> Somente a decisão metodológica de estudar primeiro aos grupos reais permitiria apreciar (ou impedir de esquecer-se) o fato de que a significação e a função que se atribui à fotografia estão diretamente ligadas à estrutura do grupo, à sua maior ou menor diferenciação e sobretudo, à sua posição na estrutura social.

Assim, não há como perder de vista que se trata de um corpus fotográfico produzido por mulheres presidiárias e sua significação e função estão fundamentalmente ligadas ao espaço que ocupam, à situação de grupo e ao lugar de onde falam, através das imagens.

Pode-se considerar também que estes portfólios se constituem em uma crônica visual da vida das presidiárias, fragmentos de uma realidade que elas vivenciam em seu dia a dia. Verificou-se que apesar de serem iniciantes na fotografia, colocam em prática alguns princípios clássicos como impor determinados padrões aos temas fotografados; quando decidem que aspecto uma imagem deve ter; quando dão preferência a uma determinada exposição, abertura de diafragma e outros detalhes técnicos, corroborando com a ideia de que "embora em certo sentido a câmera de fato capture a realidade, e não apenas a interprete, as fotos são uma interpretação do mundo tanto quanto as pinturas e os desenhos" (Sontag, 2004, p. 17).

Há também no *corpus* fotográfico resultante do trabalho da oficina de fotografia, uma tensão, uma luta entre aquilo que as presas querem mostrar e o que o sistema carcerário como um todo permite, que pode ser entendido aqui como um "processo de disputa social que se estende à produção da imagem, e a interpretação do seu significado" (Mauad, 2005, p. 138).

Para efeitos de análise, estruturou-se uma categorização para os resultados da oficina de fotografia que foram expressos nos trabalhos finais, em três blocos temáticos: *"Autorrepresentação", "Representação do Espaço Prisional", e "Performances e Intersubjetividades"*. Foram identificados quatro trabalhos dentro da categoria de *Autorrepresentação*, onde são exploradas partes do corpo com um sentido simbólico: a pele, mais especificamente as tatuagens que são aplicadas a ela e seus significados, as expressões dos olhos, os movimentos dos cabelos, e bocas como elemento estético.

Na categoria de *Representação do Espaço Prisional*, dois trabalhos expressaram como veem o entorno onde vivem materializados em muros, grades e cadeados. Dentro da temática *Performance e Intersubjetividade*, três trabalhos se

objetivaram na ausência de liberdade, como na definição de Turner (1982, p. 13-14 *apud* Dawsey, 2006, p. 19): "a experiência se completa através de uma forma de 'expressão', de Performance: termo que deriva do francês antigo *parfournir*, 'completar' ou 'realizar inteiramente' refere-se, justamente, ao momento da expressão". A performance completa uma experiência.

Já a intersubjetividade aqui referida, se insere no sentido de que:

> (...) a emoção não pode ser entendida como um estado interno do sujeito nem tampouco que seja puramente um produto das suas próprias ações individuais, (...) faz parte da análise sociológica considerar a definição da situação por parte do ator social imerso em uma cultura emocional particular. Para este autor, é na relação com os outros que um ator constrói suas narrativas, com o tom de uma interpretação completamente pessoal. O conflito emocional não nasce de estados interiores de ambivalência, mas de contextos sociais, eles próprios, ambivalentes ou preenchidos com conflito (Burkitt, 1997 *apud* Koury, 2004, p. 10).

5.2 PORTFÓLIOS: CATEGORIZAÇÃO E IMAGENS

5.2.1 Autorrepresentação

A forma encontrada pelas presidiárias de realizarem sua autorrepresentação foi através de partes de seu próprio corpo ou de suas colegas tomadas como "modelos", escolhendo um elemento corporal específico e registrando em diversos momentos e movimentos, como forma de expressão de sua subjetividade.

Segundo Michel Foucault (1997), o corpo sempre esteve presente nas ciências e artes ao longo da história humana; nos séculos precedentes ao século XX, o corpo esteve sempre presente na construção do conhecimento científico, estruturando formas de ordená-lo e controlá-lo, mas o estudo dessas experiências e subjetividades se dá prioritariamente no presente (Beneduzi, 2009).

Ao fazer uma história do controle social do corpo, Foucault (1997) analisa na microfísica do poder punitivo, verificando que, até o século XVIII, o corpo foi tomado essencialmente como objeto de castigos e suplícios, mas, nos séculos que se seguem, mudam as formas de dominação Assim:

> [...] nas instâncias de controle que surgem a partir do século XIX, o corpo adquire uma significação totalmente diferente: ele não é mais o que deve ser supliciado, mas o que deve ser formado, reformado, corrigido, o que deve adquirir aptidões, receber certo número de qualidades, qualificar-se como corpo capaz de trabalhar (Foucault, 1997, p. 119).

Nas sociedades disciplinares, busca-se ordenar e homogeneizar as multiplicidades através das técnicas disciplinares com táticas que visam tornar menos custoso o exercício do poder tanto do ponto de vista econômico como político, já que não há uma ostensiva exteriorização, ocorrendo uma certa invisibilidade do poder repressivo, fazendo com que o poder de controle social tenha efeitos mais intensos e atinja um uma maior extensão (Foucault, 1997).

Diferentemente, vemos o uso que presidiários (as) fazem do seu corpo ao publicizarem imagens ainda que sob signos próprios e numa linguagem que muitas vezes é entendida somente pelas participantes daquele grupo, e que se tornam peças estéticas e dotadas de um poder particular – assim são as tatuagens.

> Com o passar dos séculos, tendo se apropriado de seus corpos nas cadeias, criminosos e suas gangues começaram a se distinguir uns dos outros através de marcas em suas peles. Na prisão, ser tatuado é um ritual permanente e distintivo já que nessa sociedade predatória as tatuagens são uma linguagem, podendo proteger ou incitar a violência. Representam, muitas vezes, pertencimento e lealdade. Na cadeia, uma tatuagem fala pelo preso sem que ele pronuncie qualquer palavra, não sendo apenas tinta na pele mas sim um sinal de quem é aquele que a porta (Carnaval, 2015).

Foto 25 - Portfólio "Expressões através das Tatuagens"



Fonte: acervo pessoal da autora (2015).

O relato abaixo, de uma das detentas, mostra o envolvimento com o projeto e com as fotografias, em especial o portfólio das tatuagens – que trazem uma carga expressiva muito grande:

> [...] todo um motivo especial, memorável, são marcantes, podem ser simples e até mesmo deslumbrantes, mas todas são muito pessoais. Para mim, esse foi um projeto prazeroso que não apenas me marcou, mas também me fez crescer como ser humano. Todas as fotos incluídas nesse trabalho, foram feitas dentro do sistema prisional (PCE-Penitenciária Central Estadual), com o intuito de mostrar as diferentes personalidades que aqui existem. Fotografar as tatuagens foi um grande prazer, pois através das fotografias pude mostrar o que nem todos têm o privilégio de ver e também tentei criar cada vez mais pontes, unindo pessoas e dividindo experiências (Érica, 2015).

Foto 26 - Portfólio "Olhos são as janelas da alma"



Fonte: acervo pessoal da autora (2015).

Segundo a estudante que realizou as fotos, os olhos expressam pensamentos e emoções. Ela usou uma citação de Kubrusly, em seu texto para melhor definir sua intenção:

> [...] um olhar malicioso ou inocente; penetrante ou vago, perdido, distante; incisivo ou furtivo; sério ou de zombaria; apaixonado ou cheio de ódio; malévolo ou meigo, doce e bondoso; vivo e alegre ou triste e apagado; irônico ou ingênuo; um olhar pode mostrar cansaço, candura, súplica, medo, susto, surpresa, espanto, terror, volúpia, desejo, censura, ameaça, esperteza, estupidez ou ser apenas idiota, pelo menos. Tem-se um ar disso ou daquilo, como quem tem o rei na barriga ou comeu e não gostou (Kubrusly, 1991, p. 33).

Para ela, este trabalho incluiu diversas leituras:

> Desde o primeiro momento em que foi proposto o trabalho de Portfólio, já me interessei em capturar os olhares das pessoas. Cada olhar com suas expressões e sentimentos; diferentes maquiagens e idades; diversas pretensões e sexos. Somos capazes de dar significados a alguns olhares, de dizer direções ou, até a distração numa fotografia. Há uma comunicação visual entre fotógrafo e pessoa a ser fotografada, e várias interpretações daqueles que veem, ou leem, a fotografia. Para que a fotografia seja interpretada com certa segurança e foco num assunto, usamos a legenda para divulgar o contexto que queremos que todos observem e compreendam. A alma de uma pessoa pode sim ser exposta em uma imagem, mas a leitura que cada um obtém, é própria (Nicoly, 2015).

Na velha tradição chinesa, a imagem do rosto também é associada à essência do indivíduo, à sua alma (Kubrusly, 1991). Segundo a autora das fotos, em cada olhar é possível interpretar:

> [...] uma fase da vida, podendo decifrar o sentimento que transparece. Os olhos, também chamados de "janelas da alma" são capazes de transmitir da maneira mais pura o que cada um espera. Por isso, a fotografia é uma das mais belas interpretações do ser humano, ela retrata e eterniza aquele instante, e o melhor de tudo isso é que quando sentimos saudades, é simples, basta folhearmos nossos álbuns da vida (Nicoly, 2015).

Foto 27 - Portfólio “Balanço dos cabelos sob as lentes”



Fonte: acervo pessoal da autora (2015).

Para esta detenta, o seu trabalho fotográfico teve por objetivo mostrar que cada cabelo possui seu balanço, textura e brilho, que são únicos:

> Independentemente do lugar onde nos encontramos, somos mulheres e não são esses muros e grades que farão com que percamos nossa feminilidade, vaidade e sutileza. Após a finalização desse projeto, pude perceber que

> uma foto onde valorizemos a beleza feminina mais sublime e singela, faz com que a mulher eleve ainda mais sua autoestima e passe a cuidar-se ainda mais. Que cada foto minha tenha transmitido as mais leves e delicadas sensações, afinal esse foi meu principal objetivo (Isabela, 2015).

Foto 28 - Portfólio "Bocas"



Fonte: acervo pessoal da autora (2015).

Segundo a autora das imagens, o curso de fotografia possibilitou:

> [...] que eu pudesse fazer parte de algo que me transformou e me motivou a encontrar dentro de mim, dons e talentos ocultos. A fotografia me ajuda a expressar o meu outro eu. Um eu diferente, criativo, cheio de emoções e sonho. [..] total agradecimento é voltado aos professores que deram

> realidade ao curso de fotografia. Com toda a generosidade do mundo, eles foram capazes de transformar nossas vidas e nos fazer sonhar. Obrigada aos professores Bel e Cadu pela oportunidade e por terem um coração enorme. Obrigada por acreditarem em mim! (Sofia, 2015).

5.2.2 Representações do Espaço Prisional

Foto 29 - Portfólio "O poder de Deus na Natureza"



Fonte: acervo pessoal da autora (2015).

Segundo a autora das imagens:

> Na natureza, encontramos tudo o que o homem necessita para sua sobrevivência. Ela pode nos trazer a paz, e diversas sensações. Observe os detalhes das cores, tão perfeitas em cada ser. Sinta as sensações dos elementos naturais; na brisa da manhã, no orvalho sobre as pétalas da rosa, o voo dos pássaros, a neve, as tempestades, o som do mar, no sabor das frutas... Do céu, cai a chuva que molha a terra, que por sua vez produz diversos alimentos. Das árvores, das plantas extraímos tudo que

> necessitamos; seu perfume que nos dá o bem estar e até um teto para morar. Dos animais nos vestimos, nos calçamos e também nos alimentamos. Tudo é obra de Deus, o poder que o homem não tem, não faz e não explica. Tudo se origina da "mãe" Natureza (Alana, 2015).

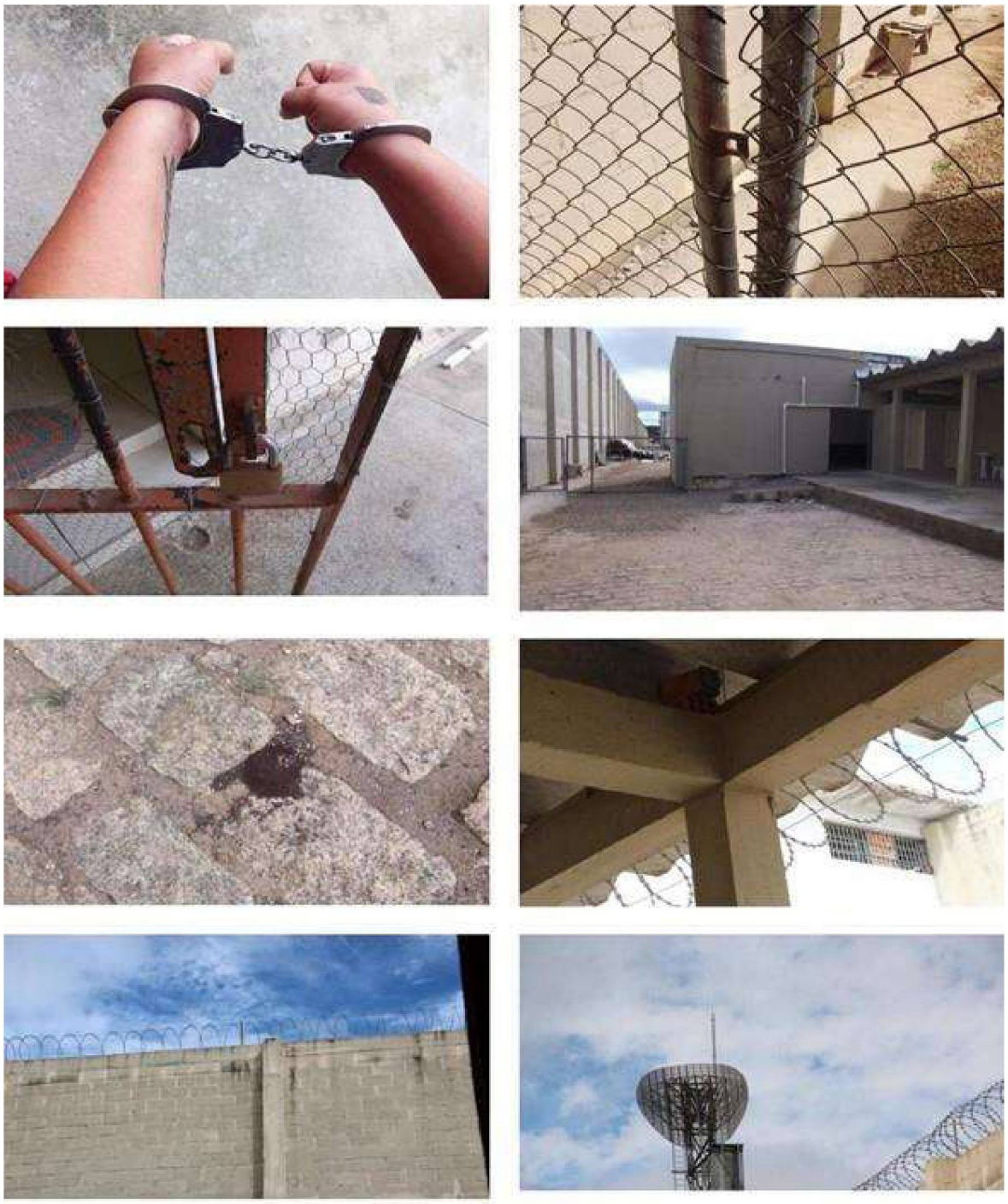
Continuando o texto descritivo sobre seu trabalho imagético, acrescenta textos dos Salmos 8:3 - 9:

> Quando vejo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que preparastes; que é o homem mortal para que te lembres dele? E o filho do homem para que o visites? Contudo pouco menor que os anjos, e de glória e de honra o coroastes. Faze com que ele tenha domínio sobre as obras de tuas mãos; tudo puseste debaixo de seus pés: todas as ovelhas e bois, assim como as aves dos céus, e os peixes do mar, e tudo o que passa pelas veredas dos mares. Ó Senhor, Senhor nosso, quão admirável é o teu nome sobre toda a Terra (Alana, 2015).

Refletindo sobre o processo de captura das imagens, ela afirma "que encontrei na fotografia uma espécie de liberdade, pois cada pessoa fotografa o que está em seu interior, as amizades, o carinho, a beleza, a pureza, a dureza, a frieza... Há diversas oportunidades na caminhada da vida, boas e ruins". Ainda segundo ela:

> Cada pessoa revela sua personalidade, seu interior através de suas escolhas, de suas atitudes, até nas fotos. As pessoas de atitudes boas alcançam seus objetivos, constroem sonhos. No decorrer desta caminhada se encontram obstáculos, que ocasionam momentos de conflitos internos, mas com prudência e sabedoria, aprendem a limpar a alma, e se renovam a cada dia (Alana, 2015).

Foto 30 - Portfólio “Detalhes do meu cotidiano”



Fonte: acervo pessoal da autora (2015).

Segundo a autora das imagens, sobre seu projeto desenvolvido na Oficina de Fotografia, ela considera que:

> [...] o projeto consiste em mostrar os detalhes que fazem parte do meu dia a dia. Por conta de que cada um possui uma rotina, os detalhes que fazem a diferença pra mim, nem sempre é notado por outra pessoa. Ou então, não têm o mesmo significado. Espero que minha visão abra a mente das pessoas, e também faça com que elas aprendam a dar valor no que as cerca (Eduarda, 2015).

Acrescenta ainda que o desenvolvimento deste trabalho possibilitou:

> [...] ver que cada indivíduo é único, cada pensamento é individual e cada visão é particular. A mesma imagem jamais será vista por duas pessoas da mesma forma, com o mesmo ângulo e com semelhante impacto. Nem sempre o que fotografamos é o que desejamos mostrar, e vice-versa. A fotografia é uma arte que pode ser singela e até mesmo, fortemente impactante. Espero que minhas imagens agradem, e assim eu possa crescer cada vez mais, tanto profissional, quanto pessoal e intelectualmente. E claro, não poderia finalizar essa conclusão sem mencionar a tradicional frase de que "são os detalhes que causam a diferença" (Eduarda, 2015).

Foto 31 - Portfólio "Aonde os sonhos se perdem"



Fonte: acervo pessoal da autora (2015).

Segunda a autora, ao fazer as fotos para montar seu portfólio, ela teve a possibilidade de mostrar a dura realidade das pessoas que vivem privadas de liberdade:

> A dor da saudade é só mais um detalhe; quando você se depara com seus sonhos sendo roubados... se perdendo... Eu concluí que os sonhos se perdem quando não há esperança; e que a melhor atitude a ser tomada é caminhar olhando sempre em frente... (Rafaela, 2015).

O desenvolvimento dos portfólios pode ser considerado como de idealização no tocante à representação do espaço prisional, porque recorta aspectos da natureza em um local a que as presidiárias normalmente não têm acesso. Essas imagens foram realizadas no jardim, que é comum às entradas de várias unidades e lugar de passagem de visitas e também de alguns presos que realizam tarefas na marcenaria, por exemplo. Foi permitido pela direção o acesso a esse espaço, para o qual iam sempre acompanhadas dos professores e agentes penitenciárias, a fim de que pudessem melhor exercitar seus conhecimentos e captar algumas imagens que normalmente não fariam estando recolhidas à sua unidade original, feita quase que totalmente de cimento e ferro.

Sontag (2004) considera que imagens idealizadas, como são normalmente as de natureza, de animais e a maioria das fotos de moda, não são menos agressivas do que outras que retratam fatos banais como de escolares, ou retratos de um criminoso, de frente e perfil. Para ela, existe uma agressão implícita em qualquer uso da câmera, pois para a indústria uma câmera é vendida como se fosse uma arma predatória, tal como um carro, ou seja, está sempre pronta para disparar, já que cada vez mais a tecnologia se torna acessível à maioria da população: "é tão simples como virar a chave de ignição ou puxar o gatilho", segundo ela.

> As armas se metamorfosearam em câmeras nessa comédia séria, o safári ecológico, porque a natureza deixou de ser o que sempre fora – algo de que as pessoas precisavam se proteger. Agora, a natureza – domesticada, ameaçada, mortal – precisa ser protegida das pessoas. Quando temos medo, atiramos, mas quando ficamos nostálgicos, tiramos fotos (Sontag, 2004, p. 25).

Também, Freund (1993), fotógrafa e socióloga, faz referência em seu trabalho pioneiro sobre fotografia à representação do espaço e da natureza ao corroborar com o texto de Moholy-Nagy, *A nova visão,* de 1928, que estabelece novos

parâmetros para o entendimento da função da fotografia no contexto da arte, enfatizando o papel social do fotógrafo:

> Lo que importa es nuestra participación em nuevas experiencias sobre el espacio. Gracias a la fotografia, la humanidad há adquirido el poder de percibir su ambiente y su existencia com nuevos ojos. El fotografo verdadero tiene una gran responsabilidad social. Há de trabajar con los medios técnicos que se hallan a su disposicion. Ese trabajo es la reproduccón exacta de los hechos cotidianos, sin distorsiones ni adulteraciones. El valor en fotografia no debe medirse unicamente desde um punto de vista estetico, sino por la intensidad humana y social de su representación óptica. La fotografia no sólo es um medio de descubrir la realidad. La naturaleza vista por la cámara, es distinta de la naturaleza vista por el ojo humano. La cámara influye en nuestra manera de ver y crea la nueva visión (Moholy-Nagy,1928 *apud* Freund, 1993, p. 174).

Assim, para estes autores, o valor da fotografia, inclusive a que tem como tema a natureza, deveria não só ligar-se ao valor estético, da forma, como também compartilhar o sentido social e humano de seu trabalho. Já aqui, a fotografia é vista não como um *analogon* da realidade, e sim a sua representação, ao distinguir a diferença da natureza vista pelo olho da câmera e pelo olho humano. Hoje, existe a compreensão de que se estabelece uma interação entre o operador, aquele que utiliza a câmera, elaborando suas fotos de acordo com seu repertório cultural e existencial, sendo também influenciado pelas especificidades técnicas do meio tecnológico que opera, nesse caso a câmera fotográfica.

5.2.3 Performances e Intersubjetividades

Foto 32 - Portfólio "Luz e Sombra"



Fonte: acervo pessoal da autora (2015).

Segunda a estudante, autora deste portfólio, foi no curso de fotografia que ela descobriu e encontrou respostas, em cores e imagens, às quais não encontrava na realidade em que vive:

> Quando eu estou com a máquina e fotografo, sinto como se eu fosse única. A melhor de todas, insubstituível. Num mundo onde a desigualdade social me levou ao crime, na fotografia encontrei um lugar onde minha aparência

> não é importante e sim meu trabalho. Nesse portfólio, exponho realidade e ficção, me mostro como eu sou com qualidades e defeitos que são vistos em primeiro lugar no meu trabalho, e só depois na aparência e condições sociais (Vanessa, 2015).

Ela acrescenta:

> [...] Agradeço aos professores Bel e Cadu pela atenção, dedicação e paciência em nos ensinar não somente a arte de fotografar. Mas também para deixarmos de ser analfabetos visuais, nos mostrando que a fotografia não é feita somente de imagens, e sim um modo de expressar ideias. Agradeço imensamente pelo empenho e dedicação por mim, e por todas as alunas do curso (Vanessa, 2015).

Foto 33 - Portfólio "Vivian Maier...uma Releitura"



Fonte: acervo pessoal da autora (2015).

Segundo a estudante de fotografia, na elaboração de seu portfólio ela teve espaço:

> [...] para mostrar os diversos ângulos e visões que uma fotógrafa iniciante como eu consegue captar. Através destas fotos, espero que cada um tenha sua própria visão e que também veja através dos meus olhos as expressões que registrei. Minha principal referência foi a americana Vivian Maier[10], por quem me encantei pelas fotografias e história de vida. Também me influenciaram os professores Bel, Cadu e Sônia da UFPR; pessoas incríveis e que, com muita clareza e objetividade, me proporcionaram o conhecimento e a simpatia por essa arte (Celeste, 2015).

Nas fotos que compõem o Portfólio, seu objetivo era mostrar:

> [...] as expressões das pessoas que aqui comigo se encontram e como elas se sentem. Através de cada expressão tentei mostrar a diferença social da grande maioria e consegui enxergar como as pessoas se sentem sem rumo, com olhares perdidos e leves sorrisos que tentam esconder um olhar de dor e sofrimento (Celeste, 2015).

[10] Vivian Maier (1926-2009) foi uma fotógrafa norte americana, especializada em *Street Photography.* Trabalhava como babá e somente após a sua morte é que seu enorme acervo fotográfico foi encontrado. Foram feitas várias exposições e sua atividade secreta, a fotografia, foi finalmente reconhecida.

Foto 34 - Portfólio “Portraits”



Fonte: acervo pessoal da autora (2015).

A estudante inicia assim o seu texto descritivo: “Sabe-se que o número de mulheres dentro do sistema prisional cresce a cada ano. Cada qual com suas diferenças, idade, gênero e classe social, porém com o mesmo objetivo: regenerar-se para alcançar a tão almejada liberdade”. Ainda segundo ela, “os olhos não veem

o que está por detrás das grades". Dessa forma, analisa a situação das próprias internas, com um olhar distanciado, como se visse de fora:

> Muitas delas no período em que se encontram privadas sentem-se desvalorizadas, com a autoestima baixa e insatisfeita com si próprias. Mas com um simples *clic* podemos fazer a grande diferença, mostrando a elas o que cada uma tem de melhor. Apesar de o sistema ser bruto, oferecer um pequeno espaço físico e poucos recursos, conseguimos colocar as boas técnicas em prática e obtivemos um ótimo resultado. Juntamos a beleza de cada uma, com seu olhar único, acrescentado por um toque no *make* e no *look*, finalizado por uma pose marcante e o resultado? Veremos nas fotografias (Vitória, 2015).

Para Vitória, os "pensamentos voam como o vento", então ela conclui que a fotografia não é apenas uma imagem que vemos, mas que por detrás dela há um sentimento que pode ser interpretado de diferentes formas.

Em seu texto, ela diz: "usando as técnicas corretamente e a criatividade, e tendo um objetivo como foco, pode-se obter ótimos resultados, pois no ramo da fotografia pode-se explorar diversos temas como: retrato, instantâneos, fotos de animais, natureza, etc. basta analisar com o que melhor se identifica". Justificando sua escolha:

> Decidi fazer *Portraits* (retratos) como tema por estar relacionado à minha personalidade e meus interesses por moda, saúde e beleza. Com a ajuda dos professores conheci as técnicas, trabalhei com cada uma e superei as minhas expectativas. Os resultados foram ótimos, alcancei o meu objetivo que era mostrar para as mulheres que não importa o lugar e as circunstâncias, que cada uma tem sua beleza própria e que nunca podem deixar de se valorizar e de serem o que realmente são (Vitória, 2015).

Por fim, ela agradece "aos professores que se dedicaram ao máximo para transformar nossos dias em melhores e mais felizes. (Vitória, 2015).

5.3 IDENTIDADE E CRIMINALIDADE FEMININA

Quando nos referimos ao conceito de identidade social, estamos falando sobre os atributos que possibilitam o reconhecimento social das pessoas, inclusive o estigma. Ao intentarmos analisar o processo de construção da identidade social de mulheres reclusas na unidade de segurança máxima do Presídio Feminino de Piraquara, nos deparamos com as questões que implicam questionar como ela é constituída individual e coletivamente.

Analisando o fenômeno da identidade deteriorada pelo estigma, Goffman (1975) define este conceito a partir de ideias fundamentais: unicidade, referente a unidade da identidade e particularidade pertencentes a um indivíduo. Ela constitui uma história contínua de fatos sociais. Portanto, identidade distingue-se de identidade pessoal na medida em que é "uma questão subjetiva e reflexiva que deve necessariamente ser experimentada pelo indivíduo cuja identidade está em jogo" (Goffman, 1975, p. 116). Desta perspectiva, o fenômeno analisado por ele salienta um caráter determinista para o qual a sociedade é produtora da identidade.

Ao pensar o fenômeno social da identificação de um ponto de vista mais progressista, envolvendo a dimensão individual e coletiva, temos a contribuição do construtivismo social representado por Berger e Luckmann (1976), que o referenciam como derivação da dialética entre indivíduo e sociedade. Implica em afirmar que a identidade é resultado das diversas interações entre o indivíduo e o ambiente social que lhe é próximo ou distante. Esta abordagem representa um pequeno avanço em relação ao ponto de vista clássico de Goffman (1975), porque deixa de ser concebido como um objetivo último, pois, dinamicamente, o ponto de vista dialético "eu-outros" e o caráter processual dessa formação, a identidade, pode ser mantida, modificada ou mesmo, remodelada. Ou seja, é por meio dos processos sociais que a identidade vai sendo constituída:

> [...] é evidentemente um elemento chave da realidade subjetiva, e tal como toda realidade subjetiva, acha-se em relação dialética com a sociedade. A identidade é formada por processos sociais. Uma vez cristalizada, é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais. Os processos sociais implicados na formação e conservação da identidade são determinados pela estrutura social. Inversamente, as identidades produzidas pela interação do organismo, da consciência individual e da estrutura social reagem sobre a estrutura social dada, mantendo-a, modificando-a e mesmo remodelando-a. As sociedades têm histórias, porém, são feitas por homens com identidades específicas (Berger; Luckmann, 1975, p. 228).

Deste modo, fica conformada a interação, visto que não só a estrutura social, por meio de processos sociais, age sobre as identidades, mas, inclusive, que estas reagem sobre a estrutura social, mantendo-a, modificando-a e, mesmo, remodelando-a. Quer dizer, existe uma relação dialética entre identidade e alteridade, na qual a identidade é resultante de um processo de identificação no interior de uma situação relacional e relativa, evoluindo na medida em que a situação relacional for mudada. Isso diz respeito à capacidade do indivíduo de se

nomear e depende da força entre os grupos em contato. No caso da heteroidentidade, ela se produzirá pela estigmatização dos grupos minoritários.

A contribuição de Berger e Luckmann (1976) sobre a contextualização da identidade implica em observar que qualquer suporte teórico sobre a identidade deve estar inserido numa interpretação mais ampla da realidade, em contínuo movimento, no qual cada pessoa é produtora do social, neste ambiente onde natureza e sociedade encontram-se numa dialética que se manifesta em cada indivíduo.

Com referência à identidade negativa que estes indivíduos caracterizados numa situação de dominação estão, podem ser:

> [...] definidos como diferentes em relação à referência que os majoritários constituem, os minoritários reconhecem para si apenas uma diferença negativa. Também se pode ver o desenvolvimento entre eles dos fenômenos de desprezo por si mesmos. Estes fenômenos são frequentes entre dominados e são levados a aceitação e à interiorização de uma imagem de si mesmos construída pelos outros (Cuche, 1999, p. 182).

Para ele, a identidade não existe em si mesma e fica evidente o caráter estratégico da identidade que é ao mesmo tempo produto e suporte das lutas sociais e políticas (Cuche, 1999). Pelo conceito de estratégia, pode-se explicar as variações de identidade, que são caracterizados como deslocamentos de identidade e:

> [...] faz aparecer a relatividade dos fenômenos de identificação. A identidade se constrói, se desconstrói e se reconstrói, segundo as situações da vida em sociedade. Ela está sempre em movimento; cada mudança social leva-a a se reformular de modo diferente (Cuche, 1999, p. 187).

Neste caso, a identidade negativa surge como uma "identidade vergonhosa". Esta se traduz na tentativa de eliminar os sinais negativos da diferença. Bourdieu (1980) chama a atenção para o fato de que somente aqueles que dispõem de autoridade conferida pelo poder, que ele denomina de autoridade legítima, podem impor suas próprias definições de identidades e posições que os membros podem ocupar no grupo.

Diante deste cenário, conclui-se que toda identificação é também, ao mesmo tempo, diferenciação. A vontade de marcar limites ente "nós" e "eles", de estabelecer e manter fronteiras, é essencial no processo de identificação. A fronteira social é simbólica e resulta de um compromisso entre os grupos em marcar as diferenças

que os separa, que lhes são designadas. A separação é, então, evidenciada pelo desejo de se diferenciar.

Norbert Elias (2000), em um clássico estudo sobre uma comunidade urbana na Inglaterra, reforça esse argumento de que grupos muito próximos podem considerar-se estranhos, uma vez que, no seu livro denominado *Estabelecidos e Outsiders*, nota que havia uma divisão bem definida entre os moradores:

> [...] no que concerne aos padrões habitacionais, as diferenças entre as duas áreas não eram particularmente evidentes. Mesmo examinando essa questão mais de perto, era surpreendente, a princípio, que os moradores de uma área tivessem a necessidade e a possibilidade de tratar os da outra como inferiores a eles e, até certo ponto, conseguissem fazê-los sentirem-se inferiores. Não havia diferenças de nacionalidade, ascendência étnica, "cor" ou "raça" entre os residentes das duas áreas, e eles tampouco diferiam quanto a seu tipo de ocupação, sua renda e seu nível educacional – em suma, quanto a sua classe social. As duas eram áreas de trabalhadores. A única diferença entre elas era a que [...] um grupo compunha-se de antigos residentes, instalados na região havia duas ou três gerações, e o outro era formado por recém-chegados (Elias, 2000, p. 21).

Ele evidencia que o grupo utiliza estratégias de identificação e diferenciação instrumentalizada pelo rebaixamento da população recém-chegada. Os mais antigos, que ele denomina de estabelecidos, e o grupo novo de residentes de *outsiders,* evidenciando, neste estudo de caso, que qualquer mudança na situação social, econômica ou política pode provocar deslocamentos de fronteiras.

Portanto, o marco teórico sobre o fenômeno da identificação a que se refere este trabalho expressa a relação entre a experiência de autorreconhecimento e resulta da estrutura de identidade pessoal (Cuche, 1999). E assim, as interações na vida cotidiana se tipificam na forma de "papéis sociais" que residem na forma de estabilidade dos processos de interação. Isso permite esperar ou mesmo prever o que o outro fará.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foto 35 - Portfólio: "O balanço dos cabelos sob as lentes"



Fonte: acervo pessoal da autora (2015).

Quantos são?
Quantos eram?
Quantos chegaram?
Quantos chegarão?
Quantos se foram?
Quantos sobraram?
Quantos viveram?
Quantos morreram?
Quantos ressuscitaram?
Quantas celas?
Quantos nelas?
Quantos pães?
Quantos pratos?
Quantos travesseiros?
Quantos sonos?
Quantos sonhos?
Quantas manhãs?
Quantas esperanças?

(José de Souza Martins, Movimento Carcerário, 2015).

No decorrer deste trabalho, buscamos estudar as experiências de mulheres encarceradas em uma unidade de segurança máxima no complexo penal de Piraquara, no estado do Paraná. A partir de uma pesquisa de campo e das vivências

compartilhadas durante atividades de formação em um curso de fotografia, propôs-se uma reflexão detalhada sobre a condição prisional feminina.

As trajetórias de vida dessas mulheres revelaram uma complexa trama de subjetividades, onde sentimentos de revolta, tristeza, indignação, culpa, medo, humilhação, desapontamento e amor se entrelaçam para formar um senso de justiça peculiar e afetivo. Talvez seja esse senso de justiça o indutor de redes de afetividade e proteção que marcam fortemente a identidade dessas detentas.

Neste cenário, as relações de afeto e desafeto emergem como elementos centrais, moldando identidades e redes de sociabilidade que desafiam a lógica punitiva e desumana do sistema prisional brasileiro. A fotografia, neste contexto, torna-se um meio poderoso de expressão e ressignificação, permitindo que as detentas articulem suas realidades e reconstruam suas identidades em meio às adversidades.

A análise concentrou-se em entender como essas emoções e experiências são expressas nas narrativas orais e fotográficas das detentas, constituindo uma "gramática social" – isto é, seus discursos, mesmo que fragmentados e descontínuos, se unem por meio dessa argamassa do sentimento na busca de um sentido, que organize ou permita uma elaboração da condição de presa e todas as implicações que derivam deste fato. Além disso, foram examinadas as especificidades de gênero dentro do contexto prisional, onde as mulheres enfrentam desafios únicos, como a marginalização da maternidade e a necessidade de estratégias para lidar com a solidão e o confinamento. São considerações da ordem do corpo e dos afetos, e ficam evidentes no grupo os vínculos homoafetivos, além daqueles da ordem das "visitas", relativa a familiares.

Associado está o fato de que a realidade das prisões brasileiras, a despeito dos direitos humanos e garantias constitucionais, pauta sua constituição pela lógica da punição. Isso quer dizer que a ideia de justiça para quem transgride a lei deve se inscrever no corpo e na alma das detentas e detentos, transformando o presídio num inferno dantesco. Essa lógica do terror é amplamente fundamentada em muitos trabalhos acadêmicos e sua repetição acaba ecoando sem sentido, em meio ao banalismo acadêmico. Não custa lembrar de Goffman (1974), para o qual as penalidades aplicadas no intuito de destituir de dignidade o ser humano são um princípio norteador, gerando a "mortificação do eu".

Portanto, este estudo, se propôs a contribuir para uma compreensão mais profunda das dinâmicas afetivas e sociais que permeiam a vida no cárcere, oferecendo uma janela para novas descobertas e reflexões sobre a problemática dos presídios e das imagens.

A primeira questão a ser abordada como conclusão é a complexidade da experiência emocional das mulheres encarceradas. As narrativas dessas detentas estão imersas em uma variedade de sentimentos intensos e conflitantes, que vão da revolta à culpa, do medo ao amor, como já mencionado. Esses sentimentos, longe de serem individuais, são compartilhados e vivenciados coletivamente. Disso podemos concluir que o conjunto de emoções oferece uma forma de resistência e adaptação à realidade opressiva da prisão, funcionando como uma argamassa que une fragmentos de discursos e histórias de vida. A afetividade, em suas diversas formas, torna-se um elemento central na construção de identidades dentro do contexto prisional, permitindo às detentas encontrarem algum sentido em suas experiências.

É fundamental analisar as especificidades de gênero no ambiente prisional. As mulheres enfrentam desafios únicos que são frequentemente ignorados pelas políticas prisionais, pensadas, em termos arquitetônicos e administrativos, como ambientes masculinos. A maternidade, por exemplo, é marginalizada, e as necessidades específicas das mulheres grávidas ou mães são raramente atendidas. Além disso, a forma como o isolamento é vivenciado difere significativamente entre homens e mulheres, com estas últimas apresentando maior tendência a atos de autoagressão. Essas especificidades exigem uma abordagem diferenciada na administração das prisões, que reconheça e responda às necessidades particulares das mulheres encarceradas, promovendo um ambiente mais humano e menos punitivo.

> [...] experiência de confinamento penal revela-se particularmente dramática para as mulheres, sendo mais frequentes as queixas de solidão, tristeza, abandono e revolta. As situações de isolamento em decorrência de sanções disciplinares são vividas de forma diferente no caso dos homens. Apesar de reclamarem das condições das celas de isolamento, eles costumam suportar o confinamento sem dirigirem a si mesmos atos agressivos como autoferimentos e queimaduras no corpo, o que é comum entre as mulheres. Trabalhar, fazer artesanato, participar de grupos de apoio e oficinas diversas são algumas das estratégias utilizadas para suportar o encarceramento, além da demanda de atendimento individual ao serviço de psicologia (Cunha, 1994, p. 89).

A análise da rede de afetividade e sociabilidade dentro da prisão revelou também a emergência de novas formas de relacionamento que desafiam o ambiente hostil e desumanizante. Apesar das condições adversas, as detentas constroem relações de companheirismo, amizade e solidariedade, criando um tecido social alternativo que oferece suporte emocional e material. Essas redes de apoio são vitais para a sobrevivência no ambiente prisional, proporcionando um senso de comunidade e pertencimento que contrasta com a lógica da punição e da desintegração social imposta pelo sistema penitenciário. A solidariedade emergente desafia o preconceito e a hostilidade, mostrando a capacidade humana de criar laços significativos mesmo nas circunstâncias mais adversas.

A identidade afetiva das detentas é outro aspecto a ser considerado. Embora transitória e funcional, desempenha um papel importante na maneira como as mulheres percebem e lidam com sua condição de encarceramento. A afetividade não só serve para mediar a relação das detentas com o ambiente prisional, atua, inclusive, como um mecanismo de ressignificação da própria experiência de prisão. O trabalho fotoetnográfico, ao permitir que as detentas se expressem através de imagens, facilitou a construção de narrativas que reafirmam sua feminilidade e identidade, mesmo diante da degradação e desumanização. Portanto, as fotografias capturam e sintetizam essas experiências, oferecendo uma janela para a compreensão das subjetividades das mulheres presas.

Longe de ser um ponto final, esta conclusão também aponta que a reflexão sobre a lógica da punição no sistema prisional brasileiro é indispensável. A abordagem punitiva, que visa a mortificação do eu e a desumanização das detentas, contrasta fortemente com as necessidades de um sistema que deveria priorizar a reabilitação e a reintegração social. As condições desumanas e degradantes das prisões, fundamentadas na lógica do terror e da punição, apenas exacerbam os problemas sociais e psicológicos das detentas. É imperativo que haja uma revisão das políticas prisionais, visando a criação de um ambiente que respeite a dignidade humana e promova a recuperação e a reintegração das mulheres na sociedade. A transformação do sistema prisional deve passar pela humanização das práticas e pela valorização das experiências e narrativas das detentas, reconhecendo-as como sujeitos de direitos e dignidade.

Segundo Achutti (1997), a respeito da construção da nossa capacidade de olhar, que está diretamente relacionada com os atos de simbolização na perspectiva da criação e leitura de imagens. O olhar é aprendido, é treinado de forma articulada com outros olhares. O olhar não é individual, ele é determinado social e conjunturalmente. É em função do tipo de olhar que, em uma dada época, são determinados os tipos de imagens e de que forma as pessoas se relacionam com elas.

A fotoetnografia realizada por meio das atividades formativas com as mulheres presas revela muito mais do que simples registros visuais da vida no sistema prisional. As fotografias, enquanto manifestações de suas percepções e sentimentos, oferecem um olhar profundo sobre as subjetividades e identidades das detentas, evidenciando as dinâmicas complexas e multifacetadas que permeiam a experiência do encarceramento feminino. Cada imagem capturada carrega em si uma narrativa rica, repleta de significados que transcendem as barreiras físicas das grades e muros, proporcionando uma janela íntima para a compreensão da vida prisional sob a ótica das próprias protagonistas.

Pode causar surpresa afirmar que as narrativas encontradas são fortemente marcadas pela dimensão afetiva. Ela é evidenciada no contexto de uma grande solidão, ressignificada na forma de nostalgia, sentimento de abandono, reafirmação de vínculos, principalmente com os filhos. São unânimes, e se expressam desde os motivos da prisão, por amor ou comprometimento com parceiros de tráfico, inunda as representações familiares, e articula modos de vida homoafetivos dentro da prisão. Mas também há aquelas que se afirmam como autônomas, independentes e "cabeças de quadrilha", que não estão submissas a nenhum comando masculino.

As imagens das mulheres encarceradas, ao mesmo tempo que expõem as condições materiais adversas e degradantes da prisão, também revelam formas de resistência, resiliência e reinvenção. A presença de elementos que reafirmam a feminilidade, como a maquiagem, os penteados e as tatuagens, contrasta com a dureza do ambiente prisional, sublinhando a luta contínua dessas mulheres para manterem sua identidade e dignidade. Através das fotografias, as detentas ressignificam sua condição, transformando a experiência de opressão em um ato de autoexpressão e resistência.

Além disso, as fotografias capturam as redes de afetividade e sociabilidade que se formam dentro da prisão. A convivência forçada em um espaço hostil cria

laços de solidariedade e companheirismo, essenciais para a sobrevivência emocional e psicológica das detentas. Esses vínculos são, muitas vezes, a única fonte de apoio e conforto em um ambiente marcado pela violência, pelo abandono e pela solidão. As imagens registram esses momentos de interação, evidenciando a capacidade humana de encontrar sentido e criar comunidade mesmo nas circunstâncias mais adversas.

A fotoetnografia também serviu como uma forma de denúncia das condições desumanas do sistema prisional brasileiro. A degradação física dos espaços, a insalubridade, a falta de recursos básicos e o tratamento punitivo imposto às detentas são temas recorrentes nas fotografias. Essas imagens, ao documentarem a realidade brutal do encarceramento, contribuem para a conscientização sobre a necessidade urgente de reformas no sistema prisional, que devem priorizar a dignidade humana e a reintegração social das presas.

Toda essa "nuvem institucional" paira sobre as detentas, e seus significados ressurgem em suas narrativas. Nas fotografias, nas justificativas, nas trajetórias de vida, a narrativa comum indica que suas vidas são transpassadas por atos administrativos que visam o controle dos corpos, dos afetos, dos comportamentos e demais estados subjetivos. Por sua vez, as formas de controle abusivos reforçam o clima de rivalidade que se acentua e se manifesta na forma de fofocas, brigas, ciúmes e em todas as variedades de intrigas. Dívidas são contraídas na forma de absorventes, shampoos, maquiagens e o pouco de drogas que escapa ao cerco dos agentes. Nessas circunstâncias, as situações de vulnerabilidade se acentuam e geram, por sua vez, uma série de outras contingências e relações de continuidade com o submundo das trocas e favores.

Por fim, a análise das fotografias revela a interseccionalidade das opressões vividas pelas mulheres encarceradas. Questões de gênero, raça, classe e sexualidade se entrelaçam, criando experiências únicas de sofrimento e resistência. A fotoetnografia permite uma compreensão mais aprofundada dessas interseções, destacando como cada uma delas influencia e é influenciada pelo contexto prisional. Ao dar voz e visibilidade às detentas, através de suas próprias produções visuais, o estudo promove uma abordagem mais inclusiva e sensível às especificidades de suas vivências.

Até mesmo os pesquisadores, professores e outros personagens que se incluam neste contexto, todos acabam se tornando alvo de afetos ou desafetos. Nas

narrativas das trajetórias de vida, fica evidente uma relação muito próxima entre "amor" e "criminalidade", na medida em que grande parte delas, com algumas exceções, entra para o mundo do crime pela porta do tráfico associada ao seu companheiro, que, não raro, também cumpre prisão. O companheiro é visto muitas vezes como aquele pelo qual vale a pena passar pela prova. Não raro, o que mantêm os "adiantos" (benefícios) são esses vínculos a família lá fora ou um bom advogado.

Em suma, as fotografias produzidas pelas mulheres presas não são apenas documentos visuais, mas poderosos testemunhos de suas vidas e lutas. Elas desafiam a invisibilidade e a desumanização impostas pelo sistema prisional, oferecendo uma narrativa alternativa que valoriza a subjetividade, a resistência e a capacidade de ressignificação das detentas. A fotoetnografia, ao permitir que essas mulheres contem suas próprias histórias, abre um espaço crucial para a reflexão e a transformação social, apontando para a necessidade de um sistema prisional mais justo, humano e inclusivo.

E para onde levam todos esses dados colhidos durante o exaustivo trabalho de campo? As fotografias, as justificativas sobre o assunto fotografado, bem como as trajetórias de vida registradas pelas entrevistas e interações, indicam uma grande necessidade de dar sentido à vida, à situação e a experiência de prisão. Se grande parte do discurso sobre a prisão versa sobre a dimensão dos processos desumanos do sistema penitenciário, por outro lado, neste ambiente instável e movediço, se constituem novas redes de afetividade e sociabilidade. Apesar de tudo, parece ser possível estabelecer novas relações de companheirismo, de amizade e solidariedade em contraponto ao preconceito que paira sobre o ambiente prisional feminino, que, via de regra, é impensado para mulheres. É possível esta constatação até mesmo do lado de fora, nas filas das visitas sociais – algumas têm direito a uma visita por mês.

Neste dia, há um sentimento ambíguo de alegria por receber uma visita e o carinho de alguém, mas também a mulher presa é um motivo de vergonha, desapontamento, um momento no qual se revisa a vida e se percebe que não correspondeu às expectativas sociais, e desperdiçou as oportunidades surgidas. Momento em que a cadeia "pesa". Nem é preciso reiterar as condições vexatórias pelas quais os visitantes são submetidos, por meio de revistas, insinuações, e violação da integridade moral e psicológica. Procedimentos que são unanimemente

interpretados como violação da dignidade e violência física ou simbólica, ao quais, em grande medida, estão vinculados as rebeliões nos presídios. A pena atinge as presas e também a sua família.

Como já exposto, as narrativas elucidam uma gramática que dá sentido à experiência vivida ao mesmo tempo em que serve de controle ao corpo institucionalizado. Porém, para além dos processos estigmatizantes e a destituição da pessoa, essa gramática atua como indutora de uma nova identidade. Fortemente agenciada pelos vínculos de uma rede trocas e favores, tanto detenta como externa, por meio de familiares e amigos, a lógica da sensibilidade e da solidariedade resulta em uma identidade afetiva. São contingências da situação de estar presa, mas que aderem a condição social de "ser" presa, atributo que soa como uma forte referência sobre a constituição da identidade neste contexto.

O afrouxamento da severidade penal no decorrer dos últimos séculos é visto por Foucault não como um fenômeno quantitativo, ou seja, menos sofrimento, mais respeito e humanidade. Ele afirma que esse fenômeno vai em outra direção, no deslocamento do objeto da ação punitiva, porque se não é mais ao corpo que se dirige a punição, então é evidente que agora a expiação atua profundamente sobre o coração, o intelecto, a vontade, as disposições, (...) "que o castigo, se assim posso exprimir, fira mais a alma do que o corpo" (Foucault, 2010, p. 85).

Quanto à identidade afetiva, esta é transitória e efêmera, estritamente funcional, pois logo que cesse a fonte de "adianto", rompem-se os laços para estabelecer outros ou renovar os antigos. Mas é também uma identidade afetiva marcada pela penitência, ou seja, o significado de superação da adversidade causada pela prisão. Note-se que não se trata de um "remorso" pelo crime cometido, mas uma penitência atribuída ao tempo de vida que se perde na prisão. Ela é também polarizada e a amplitude do desafeto é amplificado em graus de violência expressivos marcados por agressões, violência psicológica e estratégias de vingança. Desafetos tanto entre as detentas quanto as agentes penitenciárias, veladas em marcas na pele, arranhões, olhos roxos, que aparecem nos discursos como consequência de atritos ou banalidades.

Portanto, essa sensibilidade subjetiva que marca as identidades no contexto do aprisionamento feminino aparece na forma de discurso no trabalho fotoetnográfico. Ao se expressarem por meio de imagens, pelo olhar de suas protagonistas, as detentas constroem narrativas sobre si, sobre a realidade, sobre o

dito e o não dito. O corpo "mortificado" da prisioneira é ressignificado com olhos, bocas, cabelos e corpos produzidos na forma de reafirmação da feminilidade ao mesmo tempo em que, dialeticamente, algemas, grades, muros, degradações, aprofundam a condição de estar presa, de ser detenta, mas sem deixar de ser e se expressar como mulher e todas as contingências de gênero que esta afirmação implica, recriando intersubjetividades, como um caleidoscópio de imagens.

Por outro lado, em nenhum momento essa identidade feminina aparece como situação de vulnerabilidade, que é contida no âmago de um silêncio interior, expressado em solidão. Pelo contrário, ela assume a forma afirmativa de poder e posição, necessárias à sobrevivência na prisão. Apesar de se manifestar de forma funcional e utilitária, essa identidade afetiva se posiciona por meio de signos internos de poder ou submissão que se estabelecem, por exemplo, pela evidência do artigo pelo qual "caiu", geralmente homicídio, latrocínio e tráfico.

É o caso das tatuagens, dos privilégios, do trato dos cabelos, das articulações internas e externas. Imagens que agem simbolicamente como signos de poder e posicionam hierarquicamente as detentas. Parafraseando Geertz, para quem os textos da ciência social são interpretações de "segunda e terceira mão", já que somente um nativo pode fazer interpretações em primeira mão, este trabalho pode ser considerado como uma ficção, "algo construído, modelado, fabricado, imaginado" (Geertz, 2008, p. 26).

Este trabalho, longe de estar concluído, é apenas o início de uma senda, um vislumbre, uma janela entreaberta para novas descobertas, e pretende, nesse sentido, contribuir para outros estudos que contemplem a problemática de presídios e imagens. Mesmo no esforço para dar conta de um conteúdo que instiga mais perguntas que respostas, permanece nas entrelinhas o fato de ter vivido uma experiência intensa, ter compartilhado saberes e vivências. Que permaneça, neste sentido, aquilo que é humano e essencial. E a fotografia que sucede estas palavras finais é uma imagem-síntese, autoexplicativa. Pois, afinal, para Susan Sontag (2004), hoje, tudo existe para terminar numa foto. Ou para terminar com uma foto...

Foto 36 - Exercício livre de fotografia



Fonte: acervo pessoal da autora (2015).

REFERÊNCIAS

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson - *Fotoetnografia*: *um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho.* Porto Alegre: Tomo Editorial: Palmarinca, 1997.

_____. Fotoetnografia da Biblioteca Jardim. Porto Alegre: Editora da UFRGS: Tomo Editorial, 2004.

BARROS, Manoel. O fotógrafo. Ensaios fotográficos. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000

BARTHES, Roland. A câmara clara: nota sobre fotografia. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro: 1984.

_____. O Óbvio e o Obtuso, ensaios sobre fotografia, cinema, pintura, teatro e música. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, RJ: 1990.

BARBOSA, Ane Mae. A imagem no Ensino da Arte, Ed. Perspectiva, São Paulo: 2007.

BECKER, S. Howard. Outsiders, Zahar Editores, Rio de Janeiro: 2008.

_____. Uma teoria da Ação Coletiva. Trad. Márcia Bandeira de Mello L.Nunes. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1977.

BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia. In: Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas vol.1. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

BENTHAM, Jeremy. The Panopticon, 1789.

Berger, P. L. & Luckmann, T. A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento. Ed. Vozes, Petrópolis: 1976.

BONI & MORESCHI - Fotoenografia, a importância da fotografia para o resgate etnográfico. 2007. Disponível em: http://www.doc.ubi.pt/03/artigo_paulo_cesar_boni.pdf Acesso em: 01/08/2014.

BOURDIEU, Pierre. L"identité et la représentation. Actes de recherche em sciences sociales, n. 35,1980.

_____. L"Objectivation Participante – Actes de la recherche em Sciences Sociales, Volume 150, Numéro 1, 2003.

_____. Un Arte Medio, ensayo sobre los usos sociales de la fotografia. Ed. Gustavo Gili, AS, Barcelona: 2003.

_____. O poder simbólico. Lisboa, Difel, 1989.

_____. Les règles de l"art, genèse et structure du champ littéraire – Editions du Seuil, Paris, 1992.

BRUNO, Fabiana. Fotobiografia, por uma metodologia da Estética em Antropologia, UNICAMP, Campinas, S.Paulo: 2009.

CARNAVAL, Daniel. A tatuagem de cadeia como expressão da cultura carcerária, 2015. Disponível em: http://danielcarnaval.jusbrasil.com.br/artigos/199237075/a-tatuagem-de-cadeia-como-expressao-da-cultura-carceraria. Acesso em: 15/11/2015.

CUCHE, Denys. A noção de cultura nas Ciências Sociais, EDUSC, Bauru: 1999.

CUNHA, Manuela P. da. Malhas que a reclusão tece: Questões de identidade numa prisão feminina. Lisboa: Cadernos do Centro de Estudos Judiciários, 1994.

DAWSEY, John C. Turner, Benjamin e Antropologia da Performance: O lugar olhado (e ouvido) das coisas. Revista Campos 7 (2): 17-25, São Paulo: 2006.

ELIAS, Norbert. A Sociedade dos Indivíduos, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro: 1994.

FABRIS, Annateresa. Identidades Virtuais: uma leitura do retrato fotográfico. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

FEITOSA, Samara. Álbum de Retratos: Recortes sobre as experiências de famílias de presos. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, 2013.

FERRO, Ligia – Ao encontro da sociologia visual. Periódico do Programa DETENTAcional de doutoramento em Antropologia Urbana, Porto, Portugal: 2005.

FLORES, Laura González. La mirada del otro otro. La produccíon fotográfica de grupos minoritários. Orientes e occidentes. Memoria del XXVII Coloquio DETENTAcional de Historia del Arte. México: Instituto de Investigaciones Estéticas, 2004. Disponível em: http://www.lauragonzalez.com/FPMD/Otro_mirada.pdf. Acesso em: 20/01/2016.

FOUCAULT, Michel. A verdade e as formas jurídicas. Rio de Janeiro, Nau Editora, 1999.

_____. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramalhete. 38ª ed. Petrópolis, Editora Vozes, Rio de Janeiro: 2010.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da Liberdade, Editora Paz e Terra, R.Janeiro, 1967.

_____. A importância do ato de ler, Ed. Cortez, 46. ed. São Paulo: 2005.

_____. Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática pedagógica. Ed. Paz e Terra, S.Paulo: 1996.

_____. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREUND, Gisèle. La Fotografia como Documento Social, Editorial Gustavo Gili, SA, Barcelona: 1993.

GAMA, Fabiene de Moraes Vasconcelos. A autorepresentação fotográfica em favelas: Olhares do Morro. Dissertação de Mestrado, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Rio Janeiro: 2006. Disponível em: http://www.inarra.com.br/uploads/Dissertacao-ME-Fabiene-Gama.pdf. Acesso em: 20/01/2016.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas – LTC, Rio de Janeiro, 13ª edição, 2008.

GENET, Jean. Diário de um Ladrão, Editora Nova Fronteira, 1. ed. Comemorativa, Rio de Janeiro, 2005.

GOFFMAN, Erwin. A representação do eu na vida cotidiana, Editora Vozes, 20ª edição, Petrópolis, R.Janeiro: 2014.

_____. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª edição, LTC, Rio de Janeiro: 2008.

_____. Manicômios, prisões e conventos. Trad. Dante Moreira Leite, S.Paulo, Perspectiva, 7ª ed. 2005.

GURAN, Milton. Linguagem Fotográfica e Informação. 3ª ed. Rio de Janeiro, Editora Gama Filho, 2002.

_____. Considerações sobre a constituição e a utilização de um corpus fotográfico na pesquisa antropológica, 2011. Disponível em: http://www.ateliedaimagem.com.br/sistema/Arquitetura/ArquivosBiblioteca/46.pdf. Acesso em: 22/03/15.

IRELAND, Thimothy D.; LUCENA, Helen H. Rodrigues de. O Presídio Feminino como Espaço de Aprendizagens. Revista Educação & Realidade, Porto Alegre, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/edreal/v38n1/08.pdf. Acesso em: 10/07/2015.

JEOLÁS, Luiz Carlos. Vendo (o) corpo, Vendo (a) imagem: a autorepresentação fotográfica de mulheres e travestis profissionais do sexo do Jardim Itatinga/ Campinas. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP 2009. In: AMARAL, Marília dos Santos et all. "Del travestismo hasta la travestilidad": una revisión del discurso académico en Brasil entre 2001-2010. Psicol. Soc. [online]. 2014, vol.26, n.2, p. 301-311. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822014000200007. Acesso em: 20/10/2015.

KOSSOY, Boris. Realidades e Ficções na Trama Fotográfica. São Paulo. Ateliê Editorial: 1999.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Emoções, Sociedade e Cultura, a categoria de análise emoções como objeto de investigação na sociologia, Editora CRV, Curitiba: 2009.

_____. Introdução à Sociologia da Emoção. Coleção Cadernos do GREM (Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia da Emoção) nº3, Editora Manufatura, João Pessoa, PB, 2004.

KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. Na "galeria dos condenados", o aprendizado de um photographo. Revista Studium nº 15, março de 2004, São Paulo. Disponível em: http://www.studium.iar.unicamp.br/15/04.html. Acesso em: 22/03/15.

KUBRUSLY, Claudio A. O que é Fotografia. Coleção Primeiros Passos, Editora Brasiliense, 4ª edição, São Paulo: 1991.

LAHIRE, Bernard. Retratos Sociológicos, disposições e variações individuais. Artmed Edit. Porto Alegre: 2004.

LINS, Valéria Maria Cavalcanti. Mulheres encarceradas, vínculos e relacionamentos: Articulações com dispositivos de saber e poder. Editora Bagaço Design, Recife-PE: 2015.

MAFFESOLI, Michel. O tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Ed. Forense Universitária, Rio de Janeiro: 2000.

MALDONADO, Simone C. Georg Simmel: sentidos, segredos. Ed. Appris, Curitiba-Pr, 2011.

MARTINS, José de Souza. Sociologia da Fotografia e da Imagem, Editora Contexto, S.Paulo: 2008.

MAUAD, Ana Maria. Na Mira do Olhar, um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.13. n.1. p. 133-174. jan-jun, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v13n1/a05v13n1.pdf. Acesso em: 10/01/2016.

MILLER, Jacques-Alain. Nada mais humano que o crime, 2008. *In*: FREUD, Sigmund. Algumas notas adicionais sobre a interpretação de sonhos como um todo (1925). Rio de Janeiro Imago, 1990. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.19.

NOVAES, Sylvia Caiuby. A construção de imagens na pesquisa de campo em antropologia. In: SAMAIN, Etienne. O Fotográfico. Iluminuras, Porto Alegre, v.13, n.31, p.11-29, jul./dez. 2012. Disponível em: http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/viewFile/36791/23802 Acesso em: 20/01/2016.

ORTIZ, Renato. Ciências Sociais e Trabalho Intelectual, Editora Olho d"Água, São Paulo: 2002.

ROCHA, Rose de Melo. Cultura da Visualidade e Estratégias de (in) Visibilidade, 2006. Disponível em: http://www.compos.org.br/seer/index.php/ecompos/article/view/115/114. Acesso em: 01/08/2015.

ROCHA, Ana Luiza C. da; ECKERT, Cornelia. Etnografia: Saberes e Práticas. In: PINTO, Céli Regina Jardim; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. Ciências Humanas: pesquisa e método. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008. Disponível em: http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/viewFile/9301/5371 Acesso em: 20/01/2016.

RUMAN, Evelyn; BAGLINI, Virginia. O Auto-Retrato Fotográfico como Instrumento de Intervenção Psicossocial. Disponível em: http://www.studium.iar.unicamp.br/sete/7.html. Acesso em 18/03/15.

SERRÃO, Margarida; BALEEIRO, Maria Clarice. Aprendendo a Ser e a Conviver. Editora FTD, São Paulo: 1999.

STRAUSS, Anselm L. Espelhos e Máscaras: a busca de Identidade. Trad. Geraldo Gerson de Souza, S.Paulo: Edusp, 1999.

SERRÃO, Margarida; BALEEIRO, Maria Clarice. Aprendendo a Ser e a Conviver. Editora FTD, São Paulo: 1999.

SILVA, Aparecida Varela. Aprisionadas, Editora JM Livraria, Curitiba - PR, 2014.

SILVA, Edjane Esmerina Dias da. A (Des) Construção Social de Identidades de Mulheres no Mundo do Crime: Estigmas, Negociações e Diferenças - Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande (PPGCS/UFCG), Paraíba, 2012.

SILVA, Marilene Rosa Nogueira. Em foco a galeria dos condenados da Casa de Correção: diferentes modos de ver. In: ORDA. L' Ordinaire des Amériques, nº 19: 2015. Disponível em https://orda.revues.org/2266 Acesso em: 15/01/2016.

SIMMEL, Georg. Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SOUZA, André Peixoto. Uma Psicologia do Homicídio e da Punição. Iusgentium, v.11, n.6, p. 19-25 – jan/jun – 2015. Disponível em: file:///C:/Users/Sofia/Downloads/martinhobotelho,+02.+185+ok+vane-UMA+PSICOLOGIA+DO+HOMIC%C3%8DDIO+E+DA+PUNI%C3%87%C3%83O.1.pdf . Acesso em: 03/10/2024.

SONTAG, Susan – Sobre Fotografia, Companhia das Letras, São Paulo, 2004.

SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela da Silva. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa (dora?). Rev Esc Enferm USP, 2003; 37 (2): 119-126. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v37n2/14.pdf Acesso em: 13/12/2014.

STRAUSS, Anselm L. – Espelhos e Máscaras, Edusp, S.Paulo: 1999.

TACCA, Fernando Cury. A pele que habitamos. Studium (UNICAMP), v. 33, p. 05-07, 2012. Disponível em: www.studium.iar.unicamp.br/33 Acesso em 20/03/15.

VELHO, Gilberto - Mudança, Crise e Violência: política e cultura no Brasil contemporâneo. Editora Civilização Brasileira), 2002.

WACQUANT, Loïc. Seguindo Pierre Bourdieu no Campo. Dossiê Pierre Bourdieu no Campo. Revista de Sociologia e Política, número 26, p. 13-29, jun. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n26/a03n26.pdf Acesso em: 20/03/15.

ZAMBON, Michele & LOPES, Dirce Vasconcellos - A fotografia como modo de representação da identidade: dos cartões de visita de Disdéri ao ciberespaço. Discursos Fotográficos, Londrina, v.3, n.3, p.29-54, 2007.

ANEXO I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO SETOR DE HUMANAS – PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada para participar, como voluntária, em uma pesquisa.

Após ser esclarecida sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável.

Desde logo fica garantido o sigilo das informações. Em caso de recusa você não será penalizada de forma alguma.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do projeto: Fotoetnografia do Espaço Prisional, na constituição da Identidade da Mulher Apenada.
Pesquisadora Responsável:

Telefones para contato:

Objetivo da pesquisa: Problematizar a produção de imagens do espaço de convívio, por mulheres apenadas na constituição de sua identidade.
Resumo da proposta de pesquisa: A presente pesquisa faz parte de um projeto mais amplo que visa a realização de uma oficina de fotografia, obtenção e leitura de imagens produzidas por mulheres apenadas no espaço prisional, bem como a análise de suas trajetórias de vida.
Nome e Assinatura do pesquisador:

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu,_____RG:_____abaixo assinada, concordo em participar do estudo: "Fotoetnografia do Espaço Prisional, na constituição da Identidade da Mulher Apenada", como sujeito. Fui devidamente informada e esclarecida pela pesquisadora _____ sobre a pesquisa em questão, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido o sigilo das informações e que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade ou interrupção de meu acompanhamento/ assistência/tratamento.

Local e data: _____

Nome: _____

Assinatura do sujeito ou responsável: _____

ANEXO II - TERMO DE USO DE IMAGEM COM FINALIDADE DE PESQUISA ACADÊMICA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ SETOR DE EDUCAÇÃO PROJETOS NOVOS TALENTOS

TERMO DE USO DE IMAGEM COM FINALIDADE DE PESQUISA ACADÊMICA

CONCEDENTE:_____

R.G. nº:_____

CONCEDIDOS:_____

Têm entre si justo e acertado as seguintes condições:

Cláusula 1ª

O **CONCEDENTE autoriza** expressamente os **CONCEDIDOS** para utilizarem suas imagens no que concerne à divulgação de seu trabalho a partir da data de assinatura do presente termo, com a finalidade de pesquisa acadêmica, sem finalidade comercial, e respeitando as normas éticas estabelecidas pela Universidade Federal do Paraná.

Cláusula 2ª

A presente autorização de uso, abrange exclusivamente, a concessão de uso de imagens para os fins aqui estabelecidos, pelo que qualquer outra forma de utilização e/ou reprodução, deverá ser previamente autorizada para tanto.

Curitiba,_____ de _____ de 2015

CONCEDENTE:

_____

CONCEDIDOS:

_____

ANEXO III - ENTREVISTA-SEMI ESTRUTURADA

ENTREVISTA-SEMI ESTRUTURADA - DADOS PSICO-SOCIAIS

QUESTÕES DA ENTREVISTA

1 Nome completo:

2 Data de Nascimento:

3 Cidade onde nasceu:

4 Escolaridade:

5 Estado civil:

6 Tem filhos? Idade dos mesmos:

7 Profissão:

8 Motivo da sentença:

9 Período da sentença:

10 Porque gostaria de aprender a fotografar?